

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**TERRITÓRIOS VIRTUAIS:  
reflexões sobre educação a distância numa lista de discussão de Geografia**

**LEANDRO FABRÍCIO CAMPELO**

**SANTOS  
2009**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**TERRITÓRIOS VIRTUAIS:  
reflexões sobre educação a distância numa lista de discussão de Geografia**

**LEANDRO FABRÍCIO CAMPELO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *stricto sensu* em Educação, da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irene Jeanete Lemos Gilberto.

**SANTOS  
2009**

Dados Internacionais de Catalogação  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS  
*SibiU*

---

C186t CAMPELO, Leandro Fabrício  
Território Virtuais: reflexões sobre educação a distância numa lista de  
discussão de Geografia / Leandro Fabrício Campelo - Santos:  
[s.n.] 2009.  
131 f.; 30 cm. (Dissertação de Mestrado –  
Universidade Católica de Santos, Programa em Educação)

I. Campelo, Leandro Fabrício. II. Título.

CDU 37(043.3)

---

**INSTITUIÇÃO FINANCIADORA:**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

COMISSÃO JULGADORA

---

Profª Drª Irene Jeanete Lemos Gilberto (orientadora)  
Universidade Católica de Santos

---

Profª Drª Sueli Mazzilli (membro interno)  
Universidade Católica de Santos

---

Profª Drª Norinês Panicacci Bahia (membro externo)  
Universidade Metodista de São Paulo

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho especialmente ao meu avô Vicente Campelo, sem sombra de dúvida, eu jamais teria chegado aqui sem o seu suporte.

## **Agradecimentos**

Em especial, à minha esposa, Ariane Rigamonti, que durante estes dois anos esteve sempre me apoiando e contribuindo com muito amor para eu conseguir finalizar esta pesquisa.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Irene Jeanete Lemos Gilberto, por estes dois anos de dedicação e orientação. A partir de suas aulas e orientações consegui aprender e me apaixonar pela pesquisa na educação, pela área de tecnologia e a educação a distância.

Aos meus irmãos Érika e Fabiano. Os dois, mesmo distantes de mim, sempre de alguma forma ou de outra ajudaram no caminhar desta jornada, seja com palavras, com amor e carinho.

Aos meus pais, Lúcio e Rita, e a minha avó Euredes Campelo, que sempre cobraram e falaram da importância dos estudos na vida de uma pessoa.

Aos companheiros do Mestrado, Cristina, Malu, Antônio, Luciana, Adilson, Joelma, Adauto e muitos outros que nestes dois anos deram importantes contribuições para o meu trabalho.

Aos membros da Banca Examinadora do Exame de Qualificação, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sueli Mazzilli e a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norinês Panicacci Bahia (Universidade Metodista de São Paulo) e às professoras do Mestrado de Educação da UNISANTOS.

Aos amigos, que passaram pela minha vida, alguns, muito rápido, outros, nem tanto, e que até hoje apesar da distância ainda guardo todos dentro do meu coração.

Não poderia, esquecer da minha linda sobrinha Julia, que apesar de morar no velho continente, foi para mim fonte de inspiração durante estes dois anos. Sua chegada ao mundo coincidiu com o meu ingresso no Mestrado em Educação.

CAMPELO, Leandro Fabrício. **Territórios Virtuais**: reflexões sobre educação a distância numa lista de discussão de Geografia. 2009. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Santos

## RESUMO

Nos últimos anos, houve um significativo aumento de cursos de licenciatura em Geografia a distância, oferecidos por Instituições de Ensino Superior, públicas e particulares. Este trabalho tem como objeto uma lista online de Geografia da qual participaram profissionais, professores e estudiosos de Geografia e buscou investigar as percepções dos participantes da lista sobre educação a distância como modalidade de ensino. A *Listageografia* é considerada neste trabalho como um território virtual, espaço de comunicação e de debate entre profissionais de Geografia que pertencem a essa comunidade virtual. O trabalho toma como referência o conceito de território, de Santos e Haesbaert, fundamentando-se também em Lévy, Rheingold, Moraes, Belloni, dentre outros pesquisadores que investigaram o tema da educação a distância e as comunidades virtuais. Para a compreensão do conceito de território virtual, a pesquisa retomou estudos sobre listas de discussão online, a partir dos quais desenvolveu uma análise da questão, com vistas a situar a presente pesquisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, com base na análise das mensagens, busca conhecer as percepções dos participantes da *listageografia* sobre questões da formação do professor de geografia na modalidade a distância. Para o estudo dos documentos postados na lista, procedeu-se à análise de conteúdo das mensagens sobre educação a distância, especificamente aquelas enviadas por participantes mais presentes na discussão. Os resultados da pesquisa apontaram aspectos relevantes sobre a forma como os listeiros percebem a educação a distância nos processos formativos e o significado dessa modalidade de ensino na Geografia.

**Palavras-chave:** educação a distância; lista de discussão; territórios virtuais; ensino de Geografia.

## **ABSTRACT**

In recent years, there was a significant increase in undergraduate courses in geography at a distance, offered by higher education institutions, public and private. This work has as object a list of online geography in which professionals, teachers and students of Geography and sought to investigate the perceptions of participants from the list of distance education as a means of education. The *listageografia* is considered in this work as a virtual territory, the area of communication and discussion among professionals in geography that belong to this virtual community. The work refers to the concept of territory, Haesbaert and Santos, is also based on Lévy, Rheingold, Moraes, Belloni, among other researchers who investigated the issue of distance education and virtual communities. To understand the concept of virtual territory, the search resumed studies of online discussion lists, from which developed an analysis of the question, to situate the present research. This is a qualitative research that, based on analysis of messages, seeking to know the perceptions of participants on issues of listageografia training of teachers of geography in the distance mode. For the study of the documents posted on the list, an analysis was made of the content of the messages on distance education, specifically those addressed by most participants in the discussion. The survey results showed important aspects on how the users realize the distance education in training processes and the significance of this mode of education in geography.

**Key words:** distance education; discussion list; virtual territories, teaching of geography.

## Lista de Tabelas, Figuras e Gráfico

Tabela 1	página 65
Tabela 2	página 71
Tabela 3	página 78
Figura 1	página 66
Figura 2	página 68
Gráfico 1	página 74

## **Lista de Abreviaturas**

ANA – Agência Nacional das Águas

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros

AVA – Ambientes Virtuais de Aprendizagem

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

EAD – Educação a Distância

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

PUC – Pontifícia Universidade Católica

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNISANTOS – Universidade Católica de Santos

USP – Universidade de São Paulo

UAB – Universidade Aberta do Brasil

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – MAPEANDO O OBJETO DA PESQUISA	24
1.1. Listas de discussão como espaço de sociabilidade	25
1.2. Fóruns de educação online	29
1.3. Análise dos artigos	41
CAPÍTULO 2 – EM BUSCA DOS TERRITÓRIOS VIRTUAIS: QUAIS CONCEITOS?	49
2.1. Território: variações de conceito	49
2.2. A expansão do conceito: as comunidades virtuais	56
CAPÍTULO 3 – LISTAGEOGRAFIA: QUE TERRITÓRIO É ESSE?	64
3.1. A descrição da lista e seu funcionamento	64
3.2. A discussão sobre educação a distância	70
3.3. Os eixos temáticos e as categorias de análise	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	105

## INTRODUÇÃO

A EAD (Educação a Distância) existe no Brasil desde 1904, com a chamada 1ª geração, que se caracterizou pelo ensino por correspondência, oferecido por instituições privadas que ministravam cursos de iniciação profissional em áreas técnicas, sem a necessidade de escolarização anterior. O surgimento do Instituto Monitor (1939) e do Instituto Universal Brasileiro (1941) veio consagrar este modelo.

A 2ª geração surgiu nas décadas de 1970 e 1980, quando fundações privadas e organizações não governamentais passaram a oferecer cursos supletivos a distância, no modelo de tele-educação, com aulas via satélite, kits de materiais impressos. As IES (Instituições de Ensino Superior) no Brasil mobilizaram-se para a implantação da EAD a partir de 1990, o que foi possível em 1994, com a expansão da Internet nas universidades brasileiras. A Lei nº 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) oficializou a educação a distância no país como modalidade válida para todos os níveis de ensino (VIANNEY, 2003; BELLONI, 2006).

No atual processo de globalização, hoje estaríamos vivendo a 3ª geração da educação a distância, com o surgimento das salas virtuais ou Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que possibilitam aos alunos desenvolver atividades nesses ambientes e aprofundar os estudos. Apesar do questionamento que ainda se faz em relação à modalidade a distância, a oferta diversificada de cursos, que vão desde mini-cursos a cursos de graduação e de pós-graduação tem oportunizado às pessoas que moram em áreas isoladas, onde não há ensino superior ou as que trabalham em turno possibilidade de ampliar informações e ter acesso a outras fontes do conhecimento.

Outro fator relevante quando se estuda educação a distância diz respeito ao papel que o computador exerce hoje na vida das pessoas. Os jovens preferem estudar por meio do

computador e da Internet e foram definidos por Prensky (2001) como “nativos digitais”, para diferenciá-los da geração dos “imigrantes digitais”. Trata-se de uma metáfora significativa que sugere a diferença entre as gerações, no que diz respeito ao conhecimento das tecnologias. Enquanto os “imigrantes digitais” encontram, muitas vezes, dificuldades para resolver questões relacionadas ao uso de tecnologias, os nativos digitais parecem adaptar-se com muita familiaridade a todas as novidades tecnológicas. Além disso, as escolas estão procurando se adaptar aos novos tempos e há incentivos governamentais para a formação dos professores em informática educacional, o que mostra que o panorama da educação a distância vem mudando significativamente na última década.

No período em que realizei o curso técnico de informática, praticamente não existia Internet no Brasil e apenas algumas universidades promoviam aulas de programação em Basic e Clipper, aplicativos como Corel Draw, processadores de textos, planilhas eletrônicas, banco de dados e manutenção de computadores. Desde o primeiro ano no curso técnico, observei que não me agradava muito a programação de computadores e logo percebi que a profissão de professor me atraía, pois achava fascinante ensinar e vivenciar a relação professor-aluno no ambiente amigável da escola. Essa vivência como professor iniciou-se quando terminei o curso de Processamento de Dados e fui selecionado para ser monitor das turmas que estavam se iniciando. Essa experiência foi muito positiva e, com o decorrer das aulas, minha fascinação com a profissão de educador aumentava.

Durante esse período, graduei-me em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2002, porém continuei atuando na área da Informática no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), na cidade de Leopoldina-MG, ministrando a disciplina Manutenção de Computadores.

Em 2003 comecei a lecionar a disciplina de Geografia para alunos do ensino fundamental, em uma escola estadual na cidade de Cataguases-MG. Para aprofundar meus

conhecimentos, iniciei o curso de pós-graduação *lato sensu* em Geografia e Gestão do Território na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2004, que me trouxe subsídios para compreender melhor as questões geográficas.

No ano de 2005, tendo sido aprovado em Concurso para Professor de Geografia, transféri-me para a Baixada Santista, onde passei a ministrar aulas de Geografia em escola da rede estadual na Baixada Santista desde 2005. A experiência como professor de Informática levou-me a desejar conhecer a realidade da escola na qual havia ingressado, especificamente, em relação ao uso do computador. Realizei um estudo com professores e alunos do ensino médio na escola estadual na cidade de São Vicente – SP sobre a utilização do computador na escola.

Para esse estudo exploratório, elaborei um questionário, composto de 24 questões, o qual foi aplicado a 17 professores de diferentes áreas do conhecimento (2 de geografia, 2 de história, 3 de biologia, 3 de matemática, 3 de português, 1 de física, 1 de química, 1 de arte e 1 de educação física), e que atuavam em escolas públicas estaduais de São Vicente-SP. Também participaram desse estudo 16 alunos do ensino médio, que estudam nestas escolas, cuja faixa etária situa-se entre 16 e 20 anos. Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de questionário, respondido pelos grupos pesquisados e permitiram que eu elaborasse algumas questões sobre a falta de equipamentos na escola e a não utilização dos laboratórios pelos professores, assim como a dificuldade de acesso à internet, que é uma ferramenta fundamental para todos. Esse estudo exploratório foi desenvolvido entre os meses de outubro de 2006 e março de 2007, com objetivo de investigar como professores e alunos do ensino médio estavam utilizando as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) nas salas ou nos laboratórios e como se dava o aprendizado dos alunos com a utilização das NTICs.

Essas questões estavam bem presentes no meu cotidiano, quando decidi fazer um curso de Mestrado. Percebi que não tinha como realizar uma pesquisa coerente sem fazer

Mestrado, pois o que eu havia feito até o momento era apenas um estudo inicial, um mapeamento das condições de utilização do computador na escola de ensino fundamental. Procurei a UNISANTOS (Universidade Católica de Santos) para obter mais informações sobre o Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação e matriculei-me, no segundo semestre de 2006 como aluno especial do curso, experiência essa importante que me inseriu nas questões da área, pois, embora tenha licenciatura e especialização em Geografia, o enfoque educacional era novo na minha formação. Essa participação como aluno especial ajudou-me a definir a linha de pesquisa no Mestrado, onde ingressei como aluno regular em março de 2007, na Linha de Pesquisa 1, Formação e Profissionalização Docente. Após cursar a disciplina Educação e Tecnologia, me aproximei muito da área de educação a distância (EAD) e passei a acompanhar o desenvolvimento e a implantação de vários cursos no Brasil nessa modalidade de ensino. Minha pesquisa no Mestrado estava, inicialmente, voltada para o uso das tecnologias nas escolas de ensino médio e fundamental. Entretanto, as leituras e as reflexões sobre o tema me levaram a querer conhecer como se apresentava o debate sobre educação a distância

O tema da pesquisa surgiu com minha participação, em abril de 2007, de uma lista de discussão de Geografia. Uma Lista de discussão (*distribution list*, *discussion list* ou *mail list*) é um fórum de debates ou um espaço de comunicação entre usuários que “assinam” a lista e passam a receber em sua caixa postal as mensagens enviadas pelos outros assinantes. A participação nesse espaço virtual possibilita lançar questões ou responder a perguntas de outro assinante. (MOR, 1997).

A Listageografia de que participei trazia muitos assuntos relacionados a perguntas básicas sobre o ensino, informações sobre congressos, além de debates com argumentações teóricas na área da Geografia. Um debate especificamente que me chamou muito a atenção foi sobre a educação a distância. Lendo as mensagens postadas pelos participantes da lista sobre

este assunto, percebi que havia uma polêmica sobre educação a distância que merecia um estudo, considerando os questionamentos apresentados pelos listeiros. A minha participação na lista de discussão de Geografia levou-me a querer conhecer o que os participantes pensavam sobre educação a distância e sobre o uso das tecnologias.

A escolha do tema da pesquisa também estava relacionada às minhas atividades profissionais, porque, em setembro de 2007 fui convidado a trabalhar numa faculdade da Baixada Santista, para ministrar a disciplina Cartografia, na modalidade a distância. Essa experiência iniciou-se com gravação de vídeo-aula, que os alunos assistiam pela Internet. No referido curso, após os alunos assistirem aos vídeos, lerem as apostilas e resolver os exercícios, eles ainda podiam participar do ambiente virtual e solucionar suas dúvidas, embora o curso também tenha aulas presenciais uma vez por semana. Essa atuação como professor de curso a distância aproximou-me ainda mais das questões da minha pesquisa.

Pelo fato de ser professor de Geografia, busquei um tema de pesquisa também voltado para a área de minha formação e acabei por definir como objeto de minha pesquisa uma lista de discussão de Geografia. Partindo do pressuposto de que a lista de discussão é uma ferramenta muito importante para os educadores, que podem trocar informações e atualizar-se constantemente e considerando que esse tipo de comunicação contribui para a criação de novos significados sociais em relação às tecnologias digitais, configurou-se a idéia de que esses espaços virtuais de discussão online são um tipo de território virtual.

A lista de discussão de Geografia, objeto desta pesquisa, foi criada em fevereiro de 2000 e dela participaram aproximadamente 2.458 pessoas, totalizando 51.411 mensagens trocadas na lista, segundo informações colhidas em 23 de junho de 2008. Consideraremos, portanto, esse número para efeito da pesquisa, visto que é necessário um recorte temporal para a definição do estudo em curso.

A referida lista traz mensagens sobre temas de interesse de geógrafos profissionais, professores e estudiosos de Geografia, além de discussões sobre problemas de teoria e método da ciência geográfica, do seu ensino e pesquisa. Há também informações sobre eventos, cursos oferecidos na área, indicação de bibliografia, oferta de empregos, postagens de dúvidas profissionais e /ou acadêmicas. Diante desse material, foram elaboradas inicialmente algumas questões:

1. Quais os temas recorrentes da lista?
2. Qual o lugar que a educação a distância ocupa nesta lista?
3. Como se deu a comunicação entre as pessoas em relação à discussão sobre educação a distância?

As três perguntas iniciais foram importantes para a definição do problema da pesquisa, considerando a abrangência dos temas e as formas de comunicação entre os participantes da lista. Após o mapeamento dos temas e uma breve análise das formas de comunicação entre os participantes da lista, foi selecionado o objeto da investigação e elaborado o seguinte problema de pesquisa:

#### **O que pensam os participantes da lista de Geografia online sobre educação a distância?**

Essa questão também estava ligada à expansão dos cursos a distância no Brasil e ao fazer um mapeamento dos cursos de Geografia no período de 2005 a 2008, verifiquei um significativo crescimento de cursos a distância na área, sendo que, no ano de 2008, dezessete Instituições de Ensino Superior ofereceram cursos de Geografia a distância. Essa realidade levou-me a querer conhecer a posição dos participantes da Listageografia sobre a questão e para tal, foram elaborados os seguintes objetivos da pesquisa:

1. Investigar as mensagens da lista de discussão de Geografia, tomando como recorte o período de 20 de abril a 30 de outubro de 2006, com vistas a mapear inicialmente os

temas ali tratados e verificar a importância que os participantes dão à educação a distância.

2. Investigar as percepções dos participantes que mais contribuíram para o debate sobre educação a distância.

Em uma breve comparação com os cursos presenciais, pode-se dizer que as tecnologias digitais estão possibilitando a criação de novos territórios, como propõe Haesbaert (2004, p.143) quando comenta sobre o processo de desterritorialização: “ (...) denominamos hoje de desterritorialização, muito mais do que representar a extinção do território, relaciona-se como uma recusa em reconhecer ou uma dificuldade em definir o novo tipo de território, muito mais múltiplo e descontínuo, que está surgindo”.

Este processo de desterritorialização pressupõe a formação de um novo território múltiplo e descontínuo, que pode ser uma lista de discussão, ou comunidades virtuais, que crescem no Brasil e no mundo, resultantes do desenvolvimento da tecnologia e da globalização.

Para discutir a questão do território, o referencial teórico será Haesbaert e Santos, e, para trabalhar a questão do virtual, nos basearemos em Lévy e Rheingold e, com relação à educação a distância nos basearemos em Belloni, Moraes, Valente, entre outros, cujos fundamentos serão discutidos no decorrer da pesquisa. Como a pesquisa analisa uma lista de discussão online e toma como procedimento metodológico a análise das mensagens relacionadas à educação a distância, uma análise do conteúdo se faz necessário e, para tal, nos basearemos em Franco (2005). Esses autores possuem uma relevância muito grande nestas áreas do conhecimento, portanto, é o norte da minha pesquisa.

De acordo com André e Lüdke (1986, p. 38), “a análise documental pode-se constituir em uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando

as observações obtidas com outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou de um problema”. A pesquisa toma como objeto de investigação os documentos (mensagens) postados na lista online de Geografia, considerando que se trata de uma fonte de informação importante, da qual podem ser extraídas análises sobre a participação dos listeiros, a partir de suas expressões escritas.

Inicialmente foi feito um levantamento de artigos, dissertações e teses que abordaram o tema das listas de discussão, com objetivo de aprofundar o tema da pesquisa, levando-se em consideração dois aspectos:

- O que caracteriza a lista de discussão de Geografia;
- O que pensam os participantes da lista sobre a educação a distância.

Outro item importante citado por André e Lüdke (1986) diz respeito à organização do material e, de acordo com as pesquisadoras:

(...) num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado”. (ANDRÉ e LÜDKE, 1986, p.45)

Na pesquisa procuramos seguir este caminho, analisando as dissertações/artigos sobre o tema. Esse foi o momento inicial da pesquisa onde se pode observar o que já havia sido pesquisado na área e quais os resultados alcançados pelos pesquisadores. O mapeamento de pesquisas realizadas sobre o tema lista de discussão em outras áreas (Linguística e Comunicação) contribuiu para a compreensão do objeto de estudo. Assim pudemos conhecer o que foi pesquisado sobre o assunto e os rumos a serem seguidos em nossa pesquisa. Essa análise dos trabalhos e a revisão de literatura foram fundamentais para que novas perguntas surgissem. E, com base nos aspectos teóricos estudados, foi feito o mapeamento inicial das mensagens da lista de discussão de Geografia, onde pudemos observar outros aspectos ali presentes, além das mensagens postadas.

Para Bogdan e Biklen (1994), o pesquisador iniciante deve tomar alguns cuidados para não terminar a coleta com muitas informações sem conexão. Dentre essas estratégias podemos citar: delimitação do foco de estudo; formulação de questões analíticas; revisão de literatura; comentário, observações e especulações ao longo da coleta.

Para desenvolver uma pesquisa qualitativa coerente, buscamos delimitar o foco de estudo, considerando o necessário recorte sobre o tema. Para isso, após a análise das mensagens da lista de discussão de Geografia, verifiquei que, durante o período de abril de 2006 a outubro de 2006, ocorreu um debate mais acirrado entre os participantes da lista sobre educação a distância. Portanto, neste recorte, serão analisadas as mensagens relacionadas à educação a distância, com objetivo de trazer contribuições sobre as listas de discussão e sobre o debate da educação a distância.

Para Martins (1991), a descrição constitui importância significativa no desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Portanto, compreendemos que a descrição da lista de discussão online se caracteriza como um item relevante e, quanto mais aprofundada for esta descrição, mais detalhes “ocultos” podem ser detectados nas mensagens da lista, pois descrever é uma arte, criar uma descrição clara é fundamental:

(...) pode-se dizer que só haverá Ciência Humana se nos dirigirmos à maneira como os indivíduos ou os grupos representam palavras para si mesmos utilizando suas formas de significados, compõem discursos reais, revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez desconhecido para eles mesmos, mais ou menos o que desejam mas, de qualquer forma, deixam um conjunto de traços verbais daqueles pensamentos que devem ser decifrados e restituídos, tanto quanto possível, na sua vivacidade representativa” (MARTINS, 1991, p.51).

Outro item importante da pesquisa é a formulação de questões analíticas, que auxiliem o pesquisador na relação da teoria com a pesquisa, evitando obter como resultado uma *colcha de retalhos* (FAZENDA, 1991), definido como um texto fragmentado, o que ocorre quando não conseguimos unir teoria e pesquisa.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: Introdução, três capítulos e as Considerações. O capítulo 1, intitulado “Mapeando o objeto da pesquisa” analisa as dissertações e artigos sobre listas de discussão, com objetivo de mapear os trabalhos sobre o tema. No capítulo 2, intitulado “Em busca dos territórios virtuais: quais conceitos?”, discute o conceito de território do ponto de vista geográfico e sua relação com o território virtual. O capítulo 3, “ListaGeografia: que território é esse?” apresenta os resultados obtidos com a análise das mensagens da lista de Geografia sobre educação a distância, objeto da pesquisa. As Considerações Finais retoma o objetivo do trabalho e trazem reflexões sobre os resultados da pesquisa.

## CAPÍTULO 1 – MAPEANDO O OBJETO DA PESQUISA

O presente capítulo apresenta um estudo das dissertações e artigos, que abordaram a lista de discussão online. A pesquisa bibliográfica foi realizada com objetivo de mapear os resultados das pesquisas realizadas sobre o tema e as contribuições dos trabalhos para a área. Vale ressaltar que nem todas as pesquisas analisadas são especificamente da área de Educação, entretanto contribuíram para o debate desta pesquisa.

Lista de discussão (*mailing lists*) é uma ferramenta que possibilita comunicação virtual entre grupos de pessoas que têm um interesse de discussão em comum. O único pré-requisito é que todas as pessoas tenham um endereço eletrônico, posto que funciona exclusivamente na plataforma de correio eletrônico, sendo um desdobramento da ferramenta mais antiga e difundida na Internet, que é o *eletronic mail*: e-mail. A lista de discussão possibilita, concretamente, estimular, agilizar e democratizar o fluxo de informações sobre um assunto qualquer.

Para o estudo sobre Dissertações de Mestrado que trataram de listas de discussão, inicialmente foi feito um levantamento no site da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) sobre dissertações e teses a respeito de listas de discussão. Foram encontrados alguns artigos, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado que abordaram o tema lista de discussão, dos quais foram selecionados os trabalhos que estão relacionados ao objeto desta pesquisa, a saber: “Ciberespaço e Sociabilidade: um estudo de caso do sítio “Agenda do Samba e do Choro” (2005); “Netspeak e Participação em Fóruns de Discussão On-line”, de Erisana Célia Sanches Victoriano (2005); “Conversação Eletrônica em um Grupo de Discussão via Internet”, de Lourdes Fátima Basílio (2007).

Além das dissertações mencionadas, foram encontrados artigos que se aproximavam do objeto da pesquisa, dos quais serão analisados dois. Outros artigos encontrados, apesar de abordar a questão do virtual, não tratavam do tema lista de discussão online, portanto, não foram citados. Entre os artigos selecionados para esta discussão, temos: Terra (1998), “Três Meses na Vida das Listas de Discussão LAINFO-KNOW e COMUT-ON-LINE”, e Batista e Gabara (2007), “O fórum on-line e a interação em um curso a distância”.

### **1.1. Listas de discussão como espaço de sociabilidade**

“Ciberespaço e Sociabilidade: um estudo de caso do sítio “Agenda do Samba e do Choro”, Dissertação de Mestrado defendida por Giovana Azevedo Pampanelli Lucas (2005), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), teve por objetivo investigar o ciberespaço como uma ferramenta que possibilita a criação de novos laços sociais sem eliminar o espaço físico. Para a discussão da sociabilidade, Lucas observou durante três meses as mensagens da lista de discussão, fundamentando-se em vários estudos de Baumam, Wellman, Aranha Filho, Pereira de Sá, Castells, dentre outros. Na sua fundamentação teórica, chama atenção para o estudo de Haesbaert, um dos principais pesquisadores brasileiros que discute a questão do território (desterritorialização, território-rede e multiterritorialidade), conceito chave da Geografia. A metodologia do trabalho foi dividida em duas grandes partes: na primeira parte foi feita uma revisão bibliográfica sobre as tecnologias de comunicação e a sociabilidade. Conceitos de comunicação, sociabilidade, território e espaço serviram de embasamento teórico para a pesquisa. A segunda parte do trabalho focou, na análise da lista de discussão, as trocas de e-mail e a sociabilidade cotidiana entre os participantes. Nesta parte

da pesquisa, houve análise dos questionários e dos e-mails trocados entre os participantes e também entrevista aos listeiros.

Na primeira parte, foi feita a revisão bibliográfica sobre o avanço da comunicação na passagem da oralidade para a escrita. Neste ponto, com base em McLuhan, a pesquisadora fez um estudo dos desenhos feitos em cavernas, os quais revelam o modo de viver entre as pessoas em tempos passados e representavam uma forma de sociabilidade das comunidades antigas. O estudo traça um panorama histórico das comunicações, da origem da criação do alfabeto pelos gregos à descoberta da imprensa por Gutenberg, às contribuições trazidas pela Revolução Industrial e à passagem da cultura impressa para a digital. Neste avanço das comunicações, a autora discutiu o papel da Revolução Cibernética, fazendo uma evolução da criação dos transistores, do microprocessador e da criação do e-mail, que é o recurso mais utilizado segundo a pesquisadora e com finalidade de sociabilidade, corroborando o pensamento de Castells (1996, p.80), ao afirmar que “Não foi apenas todo o sistema de tecnologias que mudou, mas também suas interações sociais e organizacionais”.

Para a pesquisadora, as comunidades virtuais possibilitam novos laços de amizade, que podem ou não concretizar-se no presencial. A comunicação por e-mail é fruto do capitalismo moderno, que permite maior mobilidade das pessoas pelo espaço, mas também cria “regras” de convivência entre as pessoas. A análise, na lista de discussão, das trocas de e-mail possibilitou o estudo da sociabilidade do grupo promovida por esse tipo de comunicação. Os meses escolhidos para a análise da lista de discussão foram agosto, outubro e novembro de 2004 e a pesquisadora observou que, nestes três meses, foram trocados 1627 e-mails, os quais foram divididos nas seguintes categorias: Pessoal (388 – 23,8%), Social (525 – 32,3%), Samba e Choro (560 – 34,4%) e Outros (154 – 9,5%). Na categoria “Pessoal” estão e-mails relacionados a interesse pessoal, como conhecimentos sobre Samba e Choro; já na categoria “Social” encontram-se e-mails de conversa, discussões e relacionamentos sociais como um

todo; na categoria “Samba e Choro” estão as mensagens sobre divulgação de shows, eventos, etc.; por fim, a categoria “Outros” que contém temas diversificados.

A pesquisadora concentrou-se na categoria “Social”, pois este era o foco da pesquisa. Para fazer uma análise mais detalhada, subdividiu em três subcategorias, a saber: “Discussão”, “Contatos Sociais” e “Baixarias”. Lucas considerou a subcategoria “Discussão”, não importante, pois são e-mails sobre discussão do Samba e Choro, que fogem do seu escopo, passando a analisar as outras duas categorias.

Os conceitos de Rheingold (1996) sobre comunidades virtuais fundamentaram a pesquisa, considerando que têm uma importância muito grande na integração das sociedades contemporâneas. A pesquisadora apontou ainda a continuidade dos relacionamentos criados nos ciberespaço no mundo real. Um ponto importante nas suas análises foi mostrar que a lista de discussão “Samba e Choro” acabou gerando um novo “território”.

Lucas (2005) utilizou como metodologia de pesquisa a observação participante, pois a pesquisadora participou da lista durante três meses, agosto, outubro e novembro de 2004, sendo que, durante o mês de setembro houve problema na lista e esta não funcionou. De acordo com a pesquisadora:

Na metodologia de observação participante, entendido como um estudo qualitativo, o principal instrumento de pesquisa é o investigador que estabelece contato direto, freqüente e prolongado com os atores sociais e os seus contextos. Esta técnica permite uma maior aproximação e acompanhamento do objeto, dando possibilidades ao pesquisador de passar tempo suficiente ao lado das pessoas – e no caso da metodologia de observação participante, com presença física –, até que as narrativas destas venham à tona. (LUCAS, 2005, p.16)

A pesquisadora utilizou como um dos instrumentos o questionário e, para análise dos dados, usou métodos de análises quantitativos, como a Escala de Likert, importante para compreender melhor a opinião de cada participante, segundo a autora.

O estudo de Lucas (2005) trouxe uma boa contribuição para a área de pesquisa sobre tecnologias, apontando que as tecnologias de comunicação modificaram a forma como nos relacionamos socialmente. A internet acentuou esse processo, possibilitando a facilitação de contatos sociais. As comunidades virtuais surgiram e se mostraram importantes para a formação da sociabilidade contemporânea, sendo consideradas como um suporte para a constituição e para a manutenção das relações sociais. Ainda aponta que os resultados de seu estudo parecem indicar que na internet, a interação assíncrona, aquela encontrada nas listas de discussão, pode sair da tela e refletir-se no mundo físico. Para a pesquisadora, “o estudo sugere que se pode viver a sociabilidade sem a necessidade de um espaço concreto, mas como também se podem criar simbolicamente espaços de sociabilidade, não necessariamente físicos” (LUCAS, 2005, p.105).

Por fim, faz uma importante observação para as pesquisas nesta temática, aponta que os resultados e considerações obtidos neste trabalho não são conclusivos e, sim, exploratórios, como indicadores da hipótese testada. Para se chegar a uma inferência dos resultados, teria que ser elaborada uma pesquisa quantitativa fundamentada em uma amostra probabilística representativa da população de todos os internautas e não apenas na população de sua pesquisa.

Para esta pesquisa, a contribuição de Lucas (2005) foi importante, considerando que a pesquisadora também discutiu a questão do território, a partir de conceitos como o *não-lugar* ou *espaços vazios*, que seriam lugares que não têm uma utilidade para o homem, ou quando são usados num momento específico e determinado, mas que não nos pertencem, porque não estão incorporados à nossa vida cotidiana. Um não-lugar é um espaço sem expressões de identidades, relações e história, como por exemplo, aeroportos, auto-estradas, quartos de hotel, etc.

A autora discute ainda a relação entre território/mobilidade e desterritorialização/imobilidade. Baseia-se nos conceitos de mobilidade e imobilidade de Haesbaert (2004), que propõe uma forma mais dinâmica de território, o *território-rede*, que é definido como uma espécie de territorialização no movimento. A desterritorialização pode ocorrer num território estável, principalmente se não nos pertence. Uma possível definição de território, seguindo o mesmo pensamento, é um híbrido entre “materialidade e imaterialidade, funcionalidade e expressividade” (HAESBAERT, 2004, p.270). O autor defende também que a rede pode criar comunidades sem destruir o relacionamento no presencial. Além de criar espaço de sociabilidade, tem como hipótese de trabalho que as tecnologias de comunicação podem criar novos espaços.

Gostaria de observar que estes novos espaços surgidos nestas listas, podem se tornar também espaços de troca de experiências e aprendizagem constante entre professores. Lucas faz uma reflexão sobre as mudanças do tempo que não levariam à desterritorialização. Com o avanço dos meios de transporte e comunicação, não estaríamos nos desterritorializando, estaríamos sim criando uma *multiterritorialidade* (HAESBAERT, 2004) e a multiterritorialidade é a possibilidade de existência de vários territórios num mesmo lugar.

## **1.2. Fóruns de educação online**

A Dissertação de Mestrado: “*Netspeak e Participação em Fóruns de Discussão Online*”, defendida em 2005, na PUC (Pontifícia Universidade Católica) – SP por Erisana Célia Sanches Victoriano abordou um importante tema para a educação a distância. É uma Dissertação da área de Linguística que traz contribuições para a educação e estuda especificamente uma ferramenta da educação a distância que são os fóruns de discussão online. A autora realizou uma pesquisa no curso *Leitura Instrumental via Internet I*, oferecido

pelo grupo de pesquisas Edulang no segundo semestre de 2003, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O objetivo da pesquisa foi estudar a utilização dos fóruns de discussão online para a educação. Analisando um curso online, a pesquisadora observou que não havia muita interação entre os participantes com o uso dessa ferramenta, o que foi considerado um problema, pois a interação é fundamental na prática educacional construtiva e colaborativa. A pesquisadora partiu da hipótese de que a maioria dos participantes do curso estudado não tinha experiência em ambientes de comunicações virtuais e a falta de adequação lingüística foi vista como um dos fatores que estaria prejudicando a participação dos alunos. O trabalho divide-se em dois momentos distintos: um em que as investigações são voltadas para a participação dos alunos e outro em que se investigam as manifestações lingüísticas do ponto de vista da *Netspeak*.

O trabalho teve como fundamentação teórica autores como: Pena-Shaff, Nicholls, Garrison, Crystal, Halliday, Hasan, Lapadat, dentre outros. Vale ressaltar que Crystal (2001) é o seu principal norte teórico. Com base em Crystal (2001), a pesquisadora defende que a comunicação que ocorre num fórum online se chama *Netspeak*, “é uma linguagem intermediária à fala e à escrita, porém ela é muito mais do que uma mistura dessas linguagens porque ela faz coisas que nenhuma das duas faz” (VICTORIANO, 2005, p.11).

A pesquisadora procura responder em sua dissertação as questões:

1. Como se caracteriza a participação dos alunos ao longo dos fóruns?
2. Como a *Netspeak* se manifesta entre esses alunos ao longo de sua participação nas discussões em fóruns?
3. Qual é a relação entre a participação e a linguagem, do ponto de vista da *Netspeak*, de alunos em fóruns de discussão?

Como já comentado, sua fundamentação teórica se baseia principalmente nas idéias de Crystal (2001) e defende que a comunicação, tanto no presencial quanto no meio digital exige adaptação lingüística. O *Netspeak* é uma nova forma de conversar, na qual diferentes palavras aparecem, assim como abreviações e outros códigos de comunicação (*rs* – risos; *vc*-você; *tb*- tudo bem), sem falar no uso de palavras em maiúsculas para chamar a atenção, palavras sem acentos, pontos de exclamação e interrogação que são muito utilizados no meio digital.

A pesquisadora fez uma discussão teórica sobre os conceitos de registro, referência, coesão, textura, gênero, entrelaçamento das funções das linguagens e, com base nessas questões que possuem especificidade lingüística, realizou a análise de conteúdo, com base nas mensagens dos fóruns de discussão online. Vale ressaltar que o objetivo da pesquisa de Victoriano (2005), grosso modo, é investigar como a linguagem de alunos que participam de fóruns de discussão online é organizada e se há alguma alteração na organização dessa linguagem ao longo da ocorrência dos fóruns.

Victoriano (2005) faz uma interessante comparação entre a linguagem escrita num fórum online e a linguagem falada e, segundo a pesquisadora, a linguagem escrita tende a se aproximar da linguagem falada nos fóruns de discussão:

Apesar de ser escrita, a linguagem em fóruns de discussão tende a ser informal e não-padrão porque ela é uma interação, uma discussão em que os participantes trocam opiniões e expõem suas idéias, não é somente uma dissertação sobre um tópico. Dessa forma os participantes tendem a interagir, conversar de uma forma que seja mais próxima da linguagem falada. Pode-se dizer que pelo mesmo motivo a linguagem em fóruns *online* é gramaticalmente complexa e lexicalmente esparsa. Na verdade ela é gramaticalmente complexa porque como tende à assemelhar-se a linguagem falada, não tende à nominalização. Isso faz com que o texto não seja tão bem organizado como o texto escrito (Eggins, 1994:57) e por isso não seja tão claro. E é lexicalmente esparsa (Eggins, 1994:61) porque, como a linguagem falada, tende a possuir menos palavras que carregam conteúdo (em proporção a todas as palavras). (VICTORIANO, 2005, p. 34).

A pesquisadora aponta que desta forma temos uma linguagem intermediária que se encontra entre a fala e a escrita. Como foi dito, esta linguagem é chamada de *Netspeak*, a linguagem da internet.

No item, *Algumas Características da Comunicação em Fóruns de Discussão*, Victoriano (2005) levanta importantes colocações e uma delas está relacionada com o que um aluno/participante de um fórum escreve. A pesquisadora observou que, se o fórum/lista de discussão não deixar os participantes à vontade, muitos ficaram com receio de escrever, pois sabem que aquela mensagem estará disponível a todos em qualquer momento. De acordo com esse estudo, a mensagem “pense antes de escrever” pode inibir os alunos. A pesquisadora também salienta a facilidade de consulta às respostas no fórum, o que pode auxiliar a aprendizagem, por permitir a revisão ou retomada de idéias e servir de referência aos professores e alunos, mesmo que passado certo tempo. Ainda podem ser citadas por amigos da lista e discussões antigas podem voltar à tona, sem falar das pesquisas que podem surgir a partir destas listas por ter um conteúdo riquíssimo para análises futuras.

Outro importante aspecto das listas é a não-linearidade, pois não é necessário discutir apenas sobre um determinado assunto, já que diversos temas podem ser debatidos e divulgados simultaneamente. Numa lista de Geografia, um determinado grupo pode estar discutindo sobre recursos hídricos enquanto outro grupo discute sobre a importância das aulas de Geografia no ensino médio, e um terceiro grupo divulga um congresso numa determinada Universidade.

A pesquisadora aponta que um aluno/participante pode se sentir frustrado se a mensagem que ele postou no fórum online não for respondida e isso não deve ocorrer, pois o objetivo de um fórum é a discussão. Vale lembrar que existem regras nestas listas/fóruns e que as mensagens devem ser sobre o tema da lista. Victoriano (2005) comenta que um bom título de uma mensagem certamente chamará a atenção de muitos participantes do fórum. Se o

aluno/participante não estiver adaptado às linguagens digitais, pode ocorrer que não aproveite muito os recursos desta ferramenta e, para provar a hipótese de seu trabalho, a pesquisadora cita as pesquisas de Lamy e Goodfellow (1999)<sup>1</sup>, Garrison, Anderson e Archer (2000)<sup>2</sup> e (2001)<sup>3</sup>, Weasenforth, Biesenbach-Lucas e Meloni (2002)<sup>4</sup> os quais mostram que fóruns online podem contribuir com o ensino-aprendizagem, muitas vezes exatamente por suas características especiais.

Com base nas pesquisas analisadas, Victoriano conclui que: “(...) os fóruns de discussão podem atuar como uma ferramenta importante para o ensino-aprendizagem, no entanto há inúmeros fatores que podem influenciar a discussão e fazer com que ela seja mais ou menos proveitosa à aprendizagem.” (2005, p.41).

De acordo com Victoriano (2005, p.44), a metodologia utilizada em sua pesquisa teve características de ambas as abordagens (qualitativa e quantitativa). Apontou ainda a objetividade da pesquisa realizada, no sentido de não ter a pesquisadora sido parte integrante da comunidade estudada. A pesquisa buscou descrever um fenômeno, entendê-lo e interpretá-lo, fenômeno esse analisado dentro de um contexto social específico. O fenômeno investigado encontra-se na esfera social da linguagem e na interação entre os participantes.

Lembramos mais uma vez que esta pesquisa teve como objetivo contribuir para a amenização das barreiras a serem enfrentadas por alunos inexperientes no contexto digital, pois já como foi apresentado, para quem nunca utilizou o ambiente virtual, este pode gerar problemas de comunicação. Para poder fazer uma investigação mais precisa, a pesquisadora analisou as categorias: a participação nos fóruns de discussão, as manifestações discursivas da

---

<sup>1</sup> LAMY, M. e GOODFELLOW, R. “*Reflective Conversation*” in *the Virtual Language Classroom*. Language Learning & Technology. Vol. 2, Nº 2, p. 43-61. 1999.

<sup>2</sup> GARRISON, D., ANDERSON, T., e ARCHER, W. *Critical Inquiry in a Text-Based Environment*. Computer Conferencing in Higher School Education. 2000 Disponível: <http://communitiesofinquiry.com>.

<sup>3</sup> GARRISON, D., ANDERSON, T., e ARCHER, W. *Critical Thinking and Computer Conferencing: A Model and Tool to Assess Cognitive Presence*. 2001 Disponível: <http://communitiesofinquiry.com>.

<sup>4</sup> WEASENFORTH, D., BIESENBACH-LUCAS, S. E MELONI, C. *Realizing Constructivist Objectives through Collaborative Technologies: Threaded Discussions*. Language Learning & Technology. Vol. 6, Nº 3, p. 58-86. 2002. Disponível: <http://lt.msu.edu/vol6num3/weasenforth>.

*Netspeak*, a organização dos fóruns e das mensagens, a utilização de citações de outras mensagens, a utilização de referências anafóricas a outras mensagens, dentre outras.

Para avaliar a participação nos fóruns de discussão, a pesquisadora fez uma análise de conteúdo das mensagens, separando em categorias para poder saber o tipo de interação que os participantes tiveram e observou que muitas mensagens eram monólogos, pois os participantes não se preocuparam em dialogar com os outros participantes. De acordo com Victoriano (2005, p.54-5): “(...) A preocupação da maioria dos participantes é, portanto, escrever um monólogo sobre o tema da atividade, e não discutir e refletir sobre a opinião dos outros colegas.” A pesquisadora analisou quatro fóruns de discussão dentro do curso *Leitura Instrumental em Inglês via Internet I*, e observou que só no fórum 4 houve um diálogo melhor, onde os alunos deixaram de expor suas idéias e começaram a dialogar com os outros participantes. As mensagens entre os participantes citavam mensagens de outros participantes, concordavam e discordavam de idéias propostas, podemos afirmar que é o início de um ensino-aprendizagem que realmente pode ocorrer nos fóruns online, desde que seja utilizada de uma forma correta e colaborativa. A pesquisadora sugeriu que as mensagens referentes à maior assiduidade dos alunos no fórum não eram tão explícitas a respeito do que eles realmente deveriam fazer e de como deveriam se comportar. Segundo Victoriano (2005, p.64) “Instruções detalhadas de como os alunos devem se comportar durante as atividades sempre são bem-vindas, mesmo em uma sala de aula presencial em que os alunos já estão acostumados com aqueles determinados tipos de exercícios.”

A pesquisadora, ao comparar o fórum 1 com o fórum 4, observou que a percepção dos alunos em relação à ferramenta mudou, e ela coloca que uma das possibilidades é que os alunos tenham deixado de ver o fórum apenas como um local em que deveriam enviar uma mensagem para cumprir uma tarefa, e passaram a vê-lo como um espaço aberto à exposição

de idéias, onde poderiam e deveriam enviar quantas mensagens julgassem necessário (VICTORIANO, 2005, p.62).

Neste ponto, recorro às considerações de Masetto (2006), que comenta sobre a importância do mediador nos processos de aprendizagem: “(...) é imprescindível que o professor esteja imbuído de uma nova perspectiva para seu papel: o de ser, ele mesmo, um mediador pedagógico” (MASETTO, 2006, p.168). Sem uma participação ativa do mediador, pode-se colocar em dúvida a formação dos alunos. Masetto (2006) destaca algumas características para o professor mediador: estar voltado para a aprendizagem do aluno; uma ação conjunta aluno-professor; co-responsabilidades e parcerias; um clima de respeito mútuo; domínio profundo de sua área de conhecimento; criatividade; disponibilidade para o diálogo; subjetividade e individualidade; comunicação e expressão em função da aprendizagem.

Outro levantamento importante feito por Victoriano é com relação à data de término dos fóruns de discussão, que exigia que os alunos participassem de mais de dois fóruns ao mesmo tempo e, dependendo da capacidade de se expressar e da facilidade de utilizar o meio digital e virtual, isso pode ter complicado a participação dos alunos nos fóruns.

Victoriano (2005) faz uma interessante análise dos títulos das mensagens postadas nos fóruns. Os títulos podem representar muito mais do que um tópico, eles podem representar a intenção do autor, sua atitude ou pontos de vista. Penso que é uma contribuição importante para o debate das listas de discussão online observar se um título da mensagem é suficiente para incentivar a participação dos alunos.

A pesquisadora ainda trabalhou com os seguintes temas: a utilização de saudações, os encerramentos empregados pelos alunos, a utilização de citações de outras mensagens e a utilização de referências anafóricas a outras mensagens. Segundo Victoriano (2005), a utilização de saudações e os encerramentos empregados pelos alunos foram pouco utilizados. Com relação à utilização de citações de outras mensagens não foi encontrada nenhuma citação

entre aspas ou parafraseada nos três primeiros fóruns, no entanto no último fórum, encontrou um total de 14 citações parafraseadas. É provável que se note mudanças na linguagem de participantes inexperientes em fóruns online na medida em que eles se tornam mais experientes neste contexto de interação. Com relação à utilização de referências anafóricas a outras mensagens, segundo a pesquisadora isso ocorre quando um participante cita o que o outro disse numa mensagem anterior, chegou à conclusão que isso ocorreu mais no fórum 4 por dois motivos: os alunos estavam mais acostumados com linguagem no meio digital e as explicações no fórum 4, foram melhores do que as explicações dos fóruns anteriores, isso é importante, levando em conta que muitos alunos eram inexperientes neste mundo virtual. De acordo com Victoriano:

Isso mostra que as referências anafóricas caminham junto de uma participação mais interativa. (...) Como vimos, os alunos poderão beneficiar-se de fóruns de discussão *on-line* apenas a partir do momento em que reconhecerem as idéias dos outros participantes, levarem-nas em consideração e a partir disso refletirem e expressarem seus próprios pontos de vista. (2005, p.85).

De acordo com as conclusões de seu estudo, a ferramenta fóruns de discussão pode atuar como facilitadora do ensino-aprendizagem desde que os participantes da discussão a tomem como espaço de interação e colaboração, porque só assim ela poderá contribuir para uma aprendizagem construtiva e significativa. Vale ressaltar, que a análise do grupo de alunos foi feita em 2003 e, passados 5 anos, hoje temos diversos cursos online, sendo provável que os resultados obtidos possivelmente seriam diferentes, considerando que atualmente há maior participação de pessoas nestes tipos de ambientes virtuais. A participação do mediador no fórum, por sua vez, pode fazer com que os alunos interajam mais, mas segundo a pesquisadora, isso nem sempre acontece. Neste ponto, podemos lembrar pesquisas na área, como Prado e Almeida (2003), Alvariño (2004) que mostram que a participação de um mediador é fundamental para o desenvolvimento dos fóruns online. Como destaca Alvariño (2004, p.175): “a seleção dos tutores é fundamental para um bom rendimento do curso, caso

os tutores não respondam a tempo as perguntas dos alunos, ou desistam isso tudo vai contar para o abandono”.

O objetivo do trabalho de Victoriano (2005) era contribuir para que algumas das barreiras que podem impedir que fóruns de discussão online ajam como facilitadores do ensino-aprendizagem, pudessem ser amenizadas. Portanto, de forma geral, pode-se dizer que os resultados encontrados permitiram que os objetivos fossem alcançados. No entanto, há ainda muito a investigar para que a educação possa se beneficiar ainda mais desta ferramenta.

Por fim, para futuros estudos, Victoriano (2005, p.89) propõe: verificar como a utilização de fóruns de discussão enquanto espaço de produção pode interferir na sua utilização como espaço de discussão, pois foi constatado que grande parte dos tópicos abertos nos fóruns do curso *Leitura Instrumental via Internet I* não eram dedicados a discussões, eram utilizados como espaços de produção.

A dissertação, “Conversação Eletrônica em um Grupo de Discussão via Internet”, defendida em 2007, na USP (Universidade de São Paulo) – SP, por Lourdes Fátima Basílio, teve como objetivo mostrar o funcionamento de um grupo de discussão via Internet denominado “Lista provisória dos participantes da lista de discussão do programa ‘Sua escola a 2000 por hora’”, por meio das mensagens trocadas entre os participantes. O programa ‘Sua escola a 2000 por hora’ foi criado pelo Instituto Ayrton Senna.

Uma das questões principais que nortearam a pesquisa é a discussão entre conversação eletrônica e conversação natural. Outras questões estão relacionadas à teoria da análise de conversação, esfera comunicativa, coesão semântica. Como nosso foco de pesquisa não é a área de linguagem, vamos concentrar a análise na lista de discussão, deixando o debate teórico dessa dissertação de lado, pois foge ao tema da minha pesquisa.

Basílio (2007) fez um levantamento das pesquisas realizadas sobre “lista/grupo de discussão”, concentrando-se mais na área da linguagem. Seu objeto de pesquisa foi a lista de

discussão “Lista provisória dos participantes da lista de discussão do programa ‘Sua escola a 2000 por hora’”. Aponta três itens como justificativa de sua pesquisa: relevância social e pedagógica do texto; relevância científica, pois o estudo do grupo de discussão teria acréscimos ao estudo da Análise de Conversação; e pelo caráter inédito da pesquisa, sobretudo na análise e montagem das teias.

O objetivo geral do trabalho foi mostrar o funcionamento de um grupo de discussão online e os objetivos específicos foram: discutir o conceito de conversação no fluxo de mensagens de um grupo de discussão; mostrar como essa conversação é possível; mostrar, efetivamente, o que se conversa nesse fluxo de mensagens. De acordo com a pesquisadora, a metodologia empregada é uma combinação de pesquisa quantitativa e de qualitativa. Para formação do *corpus* da pesquisa usou a primeira e para analisar este *corpus* passou para uma análise qualitativa, sobretudo descrevendo o funcionamento das teias, assuntos abordados, etc. A lista de discussão “Lista Provisória dos Participantes no Projeto ‘Sua Escola a 2000 por hora’”, comumente chamada de **Esk 2k**, começou em 2000 e contou com 45 participantes. Basílio (2007) chamou a atenção para o fato de, na época, ser pequeno o número de escolas que tinham acesso à internet e isso foi um complicador; a própria pesquisadora acessava a lista de sua residência, pois sua escola não tinha conexão com a Internet.

Um dos aspectos deste estudo mostra três tipos de lista de discussão: moderada, onde o responsável pela lista recebe as mensagens, seleciona o que deve ou o que não deve se tornar público na lista; não moderada, quando as mensagens vão para a lista da forma como os participantes enviaram, sem filtro nenhum; levemente moderada, quando o administrador impede que determinadas mensagens sejam enviadas, como, por exemplo, uma mensagem que diz: “Concordo com você!”, que nada acrescenta ao debate da lista. A lista **Esc 2k** foi considerada levemente moderada, posto que não permitia a inserção de anexos e era fechada, sendo a associação feita através de convite.

O estudo fez um recorte na lista, sendo selecionado o período de abril de 2001 a abril de 2002 para a pesquisa. A autora justificou este período alegando que havia um número maior de escolas participando do projeto, e, mais escolas passaram a ter computadores e acesso à internet e também pelo fato de alguns participantes terem mais experiência com a comunicação mediada pelo computador, o que de certa forma aumentou o número de mensagens na lista de discussão. Neste período selecionado pela pesquisadora foram enviadas 4260 mensagens.

Basílio (2007) se baseia nos estudo de McCleary (1996) para explicar as tipologias das mensagens na lista e divide as mensagens da lista de discussão **Esc 2k**, nas seguintes tipologias:

- Tópica (apresenta assuntos de interesse geral);
- Repassada (repassa textos informativos gerados fora da lista);
- Promocional (divulga evento, congresso, atividades);
- Operacional (mensagens direcionadas ao administrador da lista);
- Particular (mensagens pessoais);
- Defeituosa (mensagens vazias, repetidas, seja por problemas técnicos ou humanos);
- Invasora (oriundas de fora da lista, como não faz parte do conteúdo da lista o administrador bloqueia este tipo de mensagem).

Basílio (2007), apropriando-se dos estudos de Marcuschi (2004)<sup>5</sup>, faz um levantamento dos gêneros digitais, entre eles, *e-mail*, *chat* em aberto, *chat* reservado, *chat* ICQ (agendado), *chat* em salas privadas, entrevista com convidado, *e-mail* educacional (aula

---

<sup>5</sup> MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Carlos dos Santos (orgs.) *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

por *e-mail*), aula *chat* (aulas virtuais), vídeo-conferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico e *blog*.

A questão da conversação eletrônica, abordada no trabalho, se baseia em conceitos específicos da análise da conversação, área da lingüística. Sobre as modalidades de conversação eletrônica, analisa duas: síncronas (em tempo real) como os *chats* e assíncrona (não é em tempo real) como uma lista de discussão. A pesquisadora diferencia *chat* de lista de discussão, mostrando diferenças entre os dois tipos de comunicação mediada por computador.

Uma importante observação feita pela pesquisadora diz respeito à diferenciação entre língua falada e conversação eletrônica. A primeira apresenta uma tendência para o não planejamento, é uma preparação local, e constitui uma atividade administrada passo a passo, além de possibilitar maior grau de envolvimento entre os interlocutores. Na conversação eletrônica os participantes não precisam responder de imediato, podem pensar e escrever de forma coerente, e, até mesmo ler sobre determinado assunto antes de responder. Desta forma, a pesquisadora, aponta que:

(...) Pode-se dizer, então, que há um planejamento temático em maior grau no texto escrito, pois qualquer um que se proponha a escrever, sabe o tema que pretende desenvolver. Junto com o planejamento temático está o planejamento lingüístico, ou seja, a formulação verbal também é planejada (BASÍLIO, 2007, p. 101-2).

Basílio (2007) busca mostrar que é possível organizar um fluxo de mensagens de um grupo de discussão em conversações compreensíveis. Isso ocorre, pois algumas mensagens da lista ficaram complicadas e muitas vezes os usuários não conseguiam encontrar respostas de alguns participantes sobre perguntas feitas por outros participantes, devido ao fato dos participantes não possuírem muita prática e usarem o cabeçalho de forma equivocada, dificultando a localização de uns fios de uma teia.

A seguir a pesquisadora entra na questão teórica relativa a: coerência, texto e coesão, dentro de coesão, detalha: reiteração, associação, conexão. Uma dos temas mais importante em sua pesquisa e mais debatido durante a dissertação é a coesão. Aponta que a coesão é

fundamental numa lista de discussão, pois todos podem enviar mensagens ao mesmo tempo, em questão de horas, vários debates de temas diferentes podem surgir, gerando várias teias e conseqüentemente vários fios. Cita uma rede criada para exemplificar a falta de coesão numa lista de discussão, onde apenas alguns usuários estão entendendo a conversa daquela teia, enquanto os outros usuários da lista ficam “perdidos” e alguns até enviam mensagens para procurar entender o sentido da conversa. Basílio (2007, p.130), aponta que mesmo com o avanço tecnológico, a conversação escrita assíncrona ainda está longe de ter encontrado uma forma física adequada para representar os textos nela desenvolvidos.

Em sua conclusão, a pesquisadora acredita ter cumprido os objetivos propostos. Aponta o lado social, mostrando que a pesquisa mudou sua prática pedagógica e até alguns participantes da lista também mudaram. Aponta que as “teias” contribuíram muito para essa compreensão, porque, por mais “fios” que uma teia possa gerar, é possível definir seu começo e fim. A autora mostra que, para entender o fluxo estrutural e semântico da lista, o assinante precisa usar elementos coesivos a fim de articular cada um dos textos em processos, como a reiteração, a associação e a conexão. Por fim, chama a atenção para novas pesquisas que devem ser feitas, levando-se em conta a necessidade de estudos específicos sobre as listas de discussão.

### **1.3. Análise dos artigos**

No artigo escrito por Marisa da Costa Terra (1998), *Três Meses na Vida das Listas de Discussão Lainf-Know e Comut-on-line*, na revista “Transinformação”, a pesquisadora relata que passou três meses participando de duas listas de discussão: a *Comut-on-line* e a *Lainf-Know*. Seu objetivo foi identificar os tipos de comunicação veiculados nas duas listas,

criando três categorias para investigar: transferência de informação, pedido de informação e uma discussão em torno de um tema. Segundo a pesquisadora, a *Comut-on-line* é uma lista para os membros da rede *Comut* do Programa de Comutação Bibliográfica. Trata-se de um fórum permanente para informar problemas, enviar sugestões para o melhoramento do programa e tirar dúvidas sobre o funcionamento do software. Durante a realização da pesquisa, a lista tinha 95 participantes. A *Lainf-Know* é uma lista de informação e conhecimento, tendo como objetivo discutir a informação mediadora do conhecimento, além disso, a integração do sujeito com as estruturas de informação que possam gerar modificação em suas condições mentais. Esta lista possuía 110 participantes.

Terra (1998) tem, como hipótese de trabalho, que as listas de discussão são uma das grandes inovações possibilitadas pela internet. O estudo do uso que os profissionais de informação fazem das listas de discussão é uma das formas de esclarecer o potencial da *web*, como meio de comunicação. Considera a comunicação informal um importante aspecto da produção de práticas sociais, aponta que a maioria das pesquisas trata de comunicação formal e poucos trabalhos exploram especificamente sobre comunicação informal. A pesquisadora considera as listas de discussão como uma forma de comunicação informal, e uma maneira de trocar conhecimentos e informações. Aponta ainda que, até a data da pesquisa, não havia no Brasil pesquisa sobre lista de discussão de Biblioteconomia e Ciência da Informação, justificando assim sua pesquisa.

De acordo com a autora,

Por comunicação informal entendemos um processo perpassado sempre por um canal onde cientistas e pesquisadores comunicam-se através de telefonemas, cartas, contatos pessoais, conferências e congressos, para trocas de idéias e opiniões à respeito de suas pesquisas, o que lhes possibilita obter um *feedback* de seus pares (colégios invisíveis): há portanto uma troca de informação (TERRA, 1998, p.92).

Isso certamente ocorre hoje, mas o meio mais comum de se comunicar é através de e-mails, fóruns online, listas de discussão, mundos virtuais, dentre outros. Na sua pesquisa,

ela classifica estes contatos informais como “colégios invisíveis”. Levanta como ponto positivo da comunicação informal, a maior obtenção de informação, acredita que existe um fortalecimento do espírito de grupo, primeiro porque a troca de informação no cotidiano é face a face e mais oportuna do que a consulta a fontes escritas e, segundo, o contato profissional permite troca de informações, idéias, independente da instituição em que trabalham os envolvidos.

Terra (1998) sugere que as listas de discussão têm sido comparadas a uma biblioteca onde se vai buscar informação, ler e pensar; um seminário conferência ou salão onde há um debate informal de idéias com colegas.

A pesquisadora aponta que a internet está facilitando a comunicação informal, pois repõe informações numa velocidade jamais imaginada, enquanto, jornais, revistas, livros impressos estão demorando muito para atualizar os pesquisadores. Porém argumenta que este “colégio invisível” traz vantagens e desvantagens. Aponta como vantagem a especialização de informação, a oportunidade de *feedback*, a possibilidade de desenvolver e trocar idéias. Em contrapartida, mostra que apenas alguns pesquisadores participam disso, e que muitos especialistas são excluídos das informações mais recentes.

Na lista *Lainf-Know*, a pesquisadora chegou à conclusão de que das 78 mensagens trocadas entre os participantes, 72 estão relacionadas à categoria “transferência de informação”, que corresponde a 92,4% das mensagens. Enquanto pedido de informação e discussão de temas, houve 3 mensagens, correspondendo a 3,8%, cada categoria. Outro aspecto analisado nesta lista foi o número de mensagens enviadas por participantes. A autora observou que o moderador da lista enviou 28 mensagens (36%), sendo que foram nove as mensagens enviadas por um dos participantes (11,5%). No geral, 23 participantes, enviaram 1 mensagem. Na mesma lista a pesquisadora chegou a conclusão que dos 110 participantes, 33

participantes, ou seja, 30% participaram ativamente como assinantes falantes, enquanto 77, ou seja, 70% participaram como assinantes silenciosos.

Enquanto na lista *Comut-on-Line*, o pedido de informação ficou na frente com 215 mensagens (53,7%), em segundo, a transferência de informação, com 169 (42,3%) e por último, a discussão de temas, 16 mensagens (4,0%). Vale ressaltar que nesta lista de discussão foram analisadas as 400 mensagens enviadas.

Segundo Terra (1998, p.105), “As listas nem são pura oralidade como as conversações, nem pura formalidade como os artigos de revistas especializadas”. A pesquisadora, quando expôs os resultados de sua pesquisa, considerou importante a transferência de informação para a discussão, mas registrou que ocorreu pouco, ou quase nenhum debate, ou aprofundamento de discussão.

A pesquisadora comentou que, apesar de ter encontrado apenas três mensagens em discussão de temas na lista *Lainf-Know*, não faltou preocupação teórica entre alguns participantes, que até mostraram através de mensagens a importância da discussão de alguns temas. Aponta que a lista funcionou mais como um quadro de aviso do que uma lista de discussão. Nos seus resultados, comentou que o moderador fez seu papel muito bem, tentando sempre chamar de todos para o diálogo, o que ocorreu muito pouco. Ainda apontou que o tema da lista, Informação e Conhecimento, não é um tema fácil de discutir e necessita de um forte embasamento teórico.

Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada em 1997, quando as listas eram poucas e de certa forma pouco utilizadas. Hoje o número de listas de discussão cresceu muito, temos listas com diversos temas e conseqüentemente, aumentou o número de pesquisas sobre este tema.

O segundo artigo, intitulado “O fórum on-line e a interação em um curso a distância”, de autoria de Erlinda Martins Batista e Shirley Takeco Gobara, foi apresentado no

IX Ciclo de Palestras sobre Novas Tecnologias na Educação, realizado em Porto Alegre, em 2007. Este artigo tem como objetivo discutir as interações vivenciadas por professores e alunos nos fóruns online do curso de pós-graduação *lato sensu* Orientação Pedagógica em Educação a Distância.

De acordo com Batista e Gobara (2007, p.2), “o papel do fórum online revelou-se importante porque é um espaço em que efetivamente as interações devem ocorrer, o que, entretanto, não aconteceu plenamente em função das dificuldades evidenciadas, por professores e alunos, ao longo do curso”.

As pesquisadoras ainda apontaram as dificuldades relacionadas à baixa interação dos participantes. Através da análise de entrevistas com docentes e discentes do curso observaram que essa precária interação é decorrente de uma formação pouco especializada dos docentes e de práticas presenciais tradicionais (BATISTA e GOBARA, 2007, p.2). Apontaram também a falta de conhecimento das potencialidades do fórum online como um instrumento virtual de aprendizagem.

Seu referencial teórico se baseia em pesquisadores da educação a distância, como, Moran, Almeida, Belloni, Palloff e Pratt. Para trabalhar com o conceito de interação se baseiam, principalmente, em Vygotsky.

Um dos aspectos do estudo diz respeito ao incentivo ao aluno para participar do fórum online, considerando que é necessário muito mais do que simplesmente depositar atividades para os alunos responderem. Mais do que na educação presencial, a interação entre professor e aluno é fundamental para a educação a distância e fórum é um local ideal para trocar informações, experiências, mas, para isso, o professor deve saber utilizar esta ferramenta. A interação deve sempre ter em vista o objetivo maior, o conhecimento.

As pesquisadoras entrevistaram 10 professores e 53 alunos, que também foram observados no fórum online, no período de fevereiro de 2004 até junho de 2005. Tanto para

professores, quanto para alunos, as entrevistas semi-estruturadas e as observações nos fóruns foram feitas a partir das participações registradas.

Com relação aos resultados das entrevistas com os professores, Batista e Gobara (2007), apontam que quando os professores foram questionados se já tinham feito o uso do fórum em outras disciplinas, 80% dos professores responderam sim e 20% não. Com base nos seus referenciais teóricos, citam Belloni (2006) que comenta que a formação de professores de EAD deve ocorrer nas três dimensões fundamentais: pedagógica, didática e tecnológica. As pesquisadoras comentam que os dois professores que nunca utilizaram o fórum podem comprometer a qualidade do curso.

Apontam também que dos 10 professores, apenas cinco professores estavam preparados para trabalhar com EAD. Batista e Gobara (2007, p.5), concluem que: “as observações e análises dos registros contidos nos fóruns mostraram que a pouca interação observada, pode ser decorrente desse despreparo admitido pelos próprios professores do curso.”

Neste ponto concordo com as pesquisadoras e me fundamento em Alvariño (2004) que, fazendo análise de um curso a distância, apontou como um dos principais problemas a seleção dos tutores, porque muitas vezes estes não estão preparados para a função.

As pesquisadoras apontaram reclamações de alunos que postaram mensagens e não obtiveram respostas às suas dúvidas no fórum. Desta forma, Batista e Gobara (2007) deduzem que os professores ignoram o recurso como um meio propício para uma interação colaborativa na construção de conhecimento. Em sua análise mostram que, embora essa ferramenta possibilite maior grau de interação em relação a outras, o reduzido número de mensagens postadas no fórum e, conseqüentemente, a pouca interação apresentada pela maioria dos professores são evidências de que o fórum foi um recurso utilizado de forma inadequada no

curso em estudo e não teve todo o seu potencial explorado no sentido de valorizar a interatividade para efetivar a aprendizagem (BATISTA e GOBARA, 2007, p.6-7).

Com relação aos resultados das entrevistas com os alunos, quando perguntados se o fórum contribuiu para a interação entre professor e aluno, 24 alunos responderam afirmativamente. Apesar disso, as pesquisadoras apontaram que faltou autonomia para debater nos fóruns por parte de alunos e professores. Além disso, a ausência das mensagens dos professores demonstrou que não se criou uma comunidade de aprendizagem online, posto que os alunos também desconheciam a importância do fórum, o que resultou na falta de interação entre os alunos. Para Batista e Gobara (2007, p.8), como 24 alunos responderam que o fórum contribuiu bastante para o alcance dos seus objetivos, isso representa que: “esses alunos concordam com uma prática reprodutivista do modelo presencial de ensino e aprendizagem em que não há cobranças de ambas as partes”.

As pesquisadoras concluem que faltou melhor preparação tanto por parte de professores quanto para os alunos e que esses resultados sugerem a necessidade de promover debates e novos estudos que tragam soluções para os problemas evidenciados em relação à interação entre professores e alunos em ambientes virtuais de aprendizagem e que contribuam para a transformação de suas concepções de fórum online baseadas em suas experiências e práticas presenciais.

A análise das dissertações e artigos acima foi muito importante para conhecer as pesquisas realizadas sobre o tema. Outras dissertações e artigos foram encontrados e lidos, também contribuíram muito para a pesquisa, no entanto os selecionados eram os que mais se aproximavam da temática da pesquisa. A dissertação de Lucas (2005) teve uma grande contribuição para minha pesquisa e colocou um norte nas minhas idéias, pois essa pesquisa também trabalha a questão do território, relacionada às listas de discussão. O novo território que é acessado por várias pessoas simultaneamente, gerando laços sociais entre algumas

pessoas, comprova que isso também é possível em espaços virtuais, o que pode se transformar até mesmo numa comunidade virtual.

A presente pesquisa, embora tenha como objeto a lista de discussão, segue um caminho diferente das dissertações e artigos acima analisados, pois busca compreender um foco específico do conjunto de mensagens da lista de Geografia, a saber: o que pensam os participantes desta lista sobre a educação a distância.

## **CAPÍTULO 2 - EM BUSCA DOS TERRITÓRIOS VIRTUAIS: QUAIS CONCEITOS?**

Este capítulo busca discutir os conceitos que norteiam a pesquisa, a saber: o conceito de território e de território virtual. Como professor e pesquisador, vamos trabalhar o conceito de território na Geografia e para isso o nosso norte se dará, principalmente, no pensamento de Milton Santos e de Rogério Haesbaert. Entretanto, como este conceito chave da Geografia é complexo, outros pesquisadores serão chamados ao diálogo, entre eles Deleuze e Guattari.

Milton Santos em seu livro com Maria Laura Silveira, “O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI” questiona o seguinte, “(...) como o território é usado: como, onde, por quem, por que, para quê?” (SANTOS e SILVEIRA, 2003, p.11). Partindo desse questionamento, procurarei discutir questões relacionadas ao conceito de território.

### **2.1. Território: variações de conceito**

Há algum tempo, a questão do território vem sofrendo vários debates e sua definição tem evoluído. Essa evolução pode ser notada nas diversas definições de território e considerando os primórdios da Geografia, o conceito de território sempre esteve ligado a uma área definida e delimitada. Hoje, no entanto, esse conceito passou a ser mais complexo, englobando outros aspectos que envolvem o social. Desta forma, podemos falar de territórios do tráfico de drogas, ou de territórios que durante o dia são caracterizados pela presença do comércio e à noite, se transformam numa área abandonada, que pode ser um território de drogas e prostituição.

O professor e pesquisador Rogério Haesbaert (2004), em suas sínteses sobre as várias noções de território, agrupou estas concepções em três vertentes básicas: política, econômica e cultural.

Analisando as diferentes concepções de território, a definição com relação à política, que prioriza a relação de espaço-poder, é a definição mais difundida na geografia e a mais utilizada por profissionais da área. Nessa concepção, o território é visto como o espaço de um país, ou um espaço com limites estabelecidos e controlados, ou como uma fronteira, englobando o espaço físico, principalmente. De acordo com Haesbaert (2006, p.119) “(...) não há dúvida de que, tradicionalmente, a concepção de território sempre esteve mais próxima das idéias de controle, domínio e apropriação do que da idéia de uso ou de função econômica”.

Na segunda vertente, o território, como função econômica, é o menos difundido, mas vem sendo usado de diversas formas hoje em dia. Um exemplo é com relação à exploração econômica de uma determinada área, onde grupos sociais procuram lucrar. As transnacionais criam territórios econômicos em vários pontos do mundo, principalmente nos países chamados de emergentes.

Já a definição de território com relação à visão cultural é a que mais se aproxima da temática deste trabalho, pois como propõe Haesbaert, trata-se de um território com uma apropriação simbólica num determinado espaço vivido e, sob esse aspecto, pode estar aí incluída a lista de discussão.

A definição de território, de acordo com o professor Milton Santos, dada durante a entrevista concedida a Mônica de Carvalho, Odette Seabra e José Corrêa Leite, cujo material foi posteriormente transformado no livro *Território e Sociedade*, não pode ser delimitada ao conceito já conhecido. Perguntado se relacionaria o conceito de território com o processo de globalização, Milton Santos respondeu:

O território em si, para mim, não é um conceito. Ele só se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir de seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam (...). (CARVALHO, LEITE e SEABRA, 2004, p. 22)

Também concordamos com o professor Milton Santos, o território por si, perde o sentido de conceito, ele precisa estar relacionado a outros agentes para especificar de que território se trata; assim estes agentes vão formar e controlar este território.

O território na Geografia é um conceito chave, mas também possui certa tradição em outras áreas do conhecimento como nas Ciências Políticas, que procura enfatizar sua construção a partir de relações de poder; na Economia, que prefere a noção de espaço à território; na Antropologia, que destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais; na Sociologia, que o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando até a escala do indivíduo. Uma idéia nítida da amplitude com que o conceito de território vem sendo trabalhado em nossos dias, vai da perspectiva etológica (ligado ao comportamento animal) à psicológica. Isso mostra o quanto o conceito é discutido e complexo, quando chega à área da Geografia este conceito não perde sua complexidade.

Essa complexidade apontada por Haesbaert (2004) é confirmada na entrevista concedida por Milton Santos. Ao ser perguntado se diferenciaria os conceitos de espaço, território e lugar e em que medida isso seria uma crítica à utilização dos conceitos tradicionais da Geografia, Santos afirmou:

Na verdade eu renunciei à busca dessa distinção entre espaço e território. Houve um tempo em que a gente discutia muito isso: “o espaço vem antes”, “não, o que vem antes é o território”. Eu acho que são filigranas que não são indispensáveis ao verdadeiro debate substantivo. Eu uso um ou outro, alternativamente, definindo antes o que eu quero dizer com cada um deles. Agora, a retificação que ando fazendo é que não serve falar de território em si mesmo, mas de território usado, de modo a incluir todos os atores. O importante é saber que a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado, e que esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual. (CARVALHO, LEITE e SEABRA, 2004, p. 25-6)

Para Santos, a compreensão do conceito de território, na atualidade, implica conhecimento das comunidades e dos atores que dele participam. Assim, o ‘território usado’ é um conceito que usaremos como base na pesquisa, pois, de acordo com a definição de Santos, podemos defender a idéia de que a lista de discussão forma um território.

Haesbaert (2006) aponta que estamos vivendo um momento de reterritorialização, ou seja, de construção de novos territórios. Assim, podemos inferir que os territórios podem surgir em qualquer espaço, qualquer ambiente seja ele virtual ou não.

Para fortalecer a idéia de que o território não está associado apenas ao “território nacional”, pois pensamos no Estado – o gestor do território nacional – no sentido de dominação de uma área, de um limite, com um povo definido e que deve seguir as leis deste local, recorremos a Souza (2003), que afirma que o território não pode ser visto apenas como definição do Estado:

(...) ele não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado. (...) territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses, ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. Não obstante essa riqueza de situações, não apenas o senso comum, mas também a maior parte da literatura científica, tradicionalmente restringiu o conceito de território à sua forma mais grandiloqüente e carregada de carga ideológica: o “território nacional”. (SOUZA, 2003, p.81)

De fato, como aponta Souza (2003), o território é muito usado com relação ao território nacional, mas não será essa nossa ênfase. A dinâmica do mundo atual permite a configuração e a formação de vários tipos de territórios. Conforme Haesbaert (2006, p.121): “(...) no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios”.

Como apontamos o conceito de território ainda gera polêmicas, embora essa discussão não seja nova. A incorporação dos grupos sociais no conceito é corroborada no

estudo de Gaspar (2004, p. 182) quando afirma: “O conceito de território implica uma apropriação, um ordenamento, uma identificação por parte de um grupo social”.

Observamos isso na *listageografia*, pelo fato de haver uma identificação dos listeiros com o grupo, sendo que muitos participantes acessam diariamente a lista para auxiliar os novos listeiros que não têm familiaridade com a comunidade virtual e muitas vezes fazem perguntas que já foram feitas e respondidas. Observa-se, no entanto, que mesmo assim são enviadas respostas, caracterizando-se a formação de um grupo social, de uma comunidade virtual, que se ajuda e muitas vezes, como no mundo real, também entra em conflito. Para o pesquisador, os conflitos e as discussões podem transformar-se em material para reflexão.

Não é objetivo deste trabalho adentrar a densa obra de Deleuze e Guattari para discutir o conceito de território e desterritorialização, mas pontuar alguns aspectos que interessam de perto a este trabalho. Assim sendo, valemo-nos da interpretação de um geógrafo que estudou profundamente a obra dos filósofos franceses. De acordo com Haesbaert (2004, p.101), a ligação entre Deleuze-Guattari e a Geografia pode ser vista em duas perspectivas: a primeira, pelo discurso geográfico que faz uso da filosofia de Deleuze e Guattari; a segunda, através da presença de questões ou de uma abordagem geográfica na sua própria obra, mesmo que muitas vezes essa abordagem não seja muito clara. Começaremos pela primeira perspectiva.

É importante lembrar que é relativamente recente o diálogo da Geografia com a obra destes filósofos. Haesbaert (2004, p.102), afirma que poucos geógrafos citaram ou se referiram às obras de Deleuze e Guattari, mas que existem três correntes, aqueles amplamente favoráveis à abordagem deleuziana; os que mantêm um maior distanciamento, mas reconhecem sua importância; e os que se colocam explicitamente contrários a Deleuze e Guattari. Haesbaert, em sua análise sobre o foco da abordagem geográfica na obra dos pensadores franceses deixa bem claro que:

(...) a partir da análise destas abordagens geográficas da filosofia deleuze-guattariana, o quanto ela está sujeita a interpretações divergentes e até mesmo diametralmente opostas (...). Isto já nos prepara para as dificuldades que iremos enfrentar ao encararmos o pensamento dos autores sobre a desterritorialização (2004, p.107).

Em relação à segunda perspectiva, a da “geografia” na obra de Deleuze e Guattari, pode-se afirmar que ela encontra-se muito presente, porém Haesbaert (2004, p.109), aponta que é difícil trabalhar com um conceito na obra dos filósofos franceses, seja ele a desterritorialização, o rizoma, as segmentaridades, visto que se trata de conceito literalmente “rizomático” e múltiplo, que leva a outras referências.

De acordo com Haesbaert (2004, p.118-9) o conceito de território em Deleuze e Guattari, num primeiro momento, está relacionado ao desejo, pois nunca desejamos só uma coisa, desejamos sempre um conjunto de coisas. Nesta concepção, o desejo cria territórios, pois ele compreende uma série de agenciamentos.

Observa-se também a utilização do conceito de território, no pensamento dos filósofos franceses, no sentido de território na Etologia. Haesbaert (2004, p.119), aponta que Deleuze, no vídeo “L’abécédaire de Gilles Deleuze” (1988), comenta sobre a importância do território para os animais, afirmando que todo animal tem “um mundo específico”, desde ambientes muito reduzidos, indispensáveis à sua reprodução, como o “território” dos carrapatos. Este “mundo específico” dos animais não seria extensível ao homem, que “não tem um mundo”, mas “vive a vida de todo mundo”. Trata-se, portanto, de uma primeira distinção entre as duas territorialidades. Vale ressaltar, que Deleuze e Guattari, de certa forma, não levam muito em consideração o território na ciência geográfica, isso pode se observar na fala de Guattari no livro *Micropolíticas: Cartografias do Desejo*:

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos

quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI E ROLNIK, 1986, p.323).

Apesar de não citar a geografia, que tem como um de seus conceitos chave o território, os filósofos franceses usam a palavra território como um conceito fundamental da Filosofia. Para Haesbaert (2004, p.123), o conceito de território assim utilizado é extremamente amplo, pois como tudo pode ser agenciado, tudo pode ser desterritorializado e reterritorializado.

Os conceitos de desterritorializado e reterritorializado aparecem nas obras de Deleuze e Guattari relacionados à criação e à destruição de territórios. Assim sendo:

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização; no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho (...) (GUATTARI E ROLNIK, 1986, p.323).

Simplificadamente, podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga”, e a reterritorialização é o movimento de construção do território (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.224).

Ao trabalhar com os conceitos de desterritorialização e reterritorialização, Haesbaert (2004, p.131) lembra que para Deleuze e Guattari nunca nos desterritorializamos sozinhos, mas pelo menos de dois em dois, sendo que defendem a idéia de que toda desterritorialização é acompanhada de uma reterritorialização. É neste caminho que observamos a criação dos territórios virtuais que sempre estão em constante movimento se desterritorializando para se reterritorializar em outros lugares. Neste mundo constante de movimento as comunidades virtuais estão, sem dúvida, presentes.

## 2.2. A expansão do conceito: as comunidades virtuais

Observamos que o avanço da tecnologia, dos meios de transportes, das telecomunicações, e, principalmente, da informática (MSN, internet, Skype, comunidades virtuais, lista de discussão online, etc), contribuiu para a ampliação do conceito de território. De acordo com Castells (1996, p.22), “As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela”.

Os trabalhos na área da Geografia (Haesbaert 2004 e 2006; Santos e Silveira 2003) apontam um novo ordenamento territorial, incorporando a idéia de novos territórios e novas formas de representar o território. É neste caminho que pretendemos desenvolver a pesquisa, estudar um novo tipo de ordenamento territorial, os territórios do ciberespaço, que vem sendo estudado por pessoas de outras áreas do conhecimento, como filósofos, sociólogos, enquanto os geógrafos têm participado pouco deste debate.

Neste momento se faz necessário uma análise mais detalhada no ciberespaço, para isso vamos nos ater a Lévy (1999) que é um dos principais teóricos da virtualidade. De acordo com o pesquisador francês, a palavra “ciberespaço” foi criada em 1984 por William Gibson em seu romance *Neuromante*. Neste livro o termo significa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as transnacionais, palco de conflitos mundiais, a nova fronteira econômica e cultural. A exploração do ciberespaço, em *Neuromante*, coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. Alguns heróis são capazes de entrar “fisicamente” nesse espaço de dados para aí viver todos os tipos de aventuras. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel

da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais (LEVY, 1999, p.92).

A geografia móvel que Lévy aponta em seu estudo é muito comum numa lista de discussão, onde há um oceano de informações que circulam em mais de 50.000 mensagens, que estão localizadas num território específico o da *listageografia*, mas que pode se desterritorializar de um ponto para se reterritorializar em outro ponto, já que o ciberespaço permite que você acesse as informações em qualquer lugar do espaço geográfico, criando nas informações uma grande mobilidade. Isso implica uma geografia do movimento. Desta forma se cria um link entre Deleuze e Guattari, que considera o movimento como parte fundamental da desterritorialização e reterritorialização.

Lévy define o ciberespaço da seguinte forma:

(...) como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço (1999, p.92-3).

Esta definição deixa bem claro o que ocorre no mundo virtual, onde milhões de computadores estão conectados, uns usando a memória do outro. Este é o ponto chave, pois os arquivos que estão lá disponíveis podem ser acessados daqui a dois dias, três semanas ou três meses, ou até três anos, dependendo da forma como são alimentados.

Esse novo meio tem a força de colocar em sinergia e interface todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e simulação. Como apontou Lévy (1999, p.93), a perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço “o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir

do início do próximo século”. Lévy estava se referindo ao século XXI e de fato observamos que ele tinha razão.

Lévy (1999) examina os principais modos de comunicação e de interação possibilitadas pelo ciberespaço. O primeiro está relacionado ao “acesso a distância e à transferência de arquivos”; apontado pelo pesquisador como uma das principais funções do ciberespaço. Estando a informação num local público no ciberespaço, ela está virtualmente à disposição de todos, independentemente das coordenadas espaciais de seu suporte físico. Com relação à transferência de dados, é outro recurso primordial no ciberespaço. *Linkando* com a lista de discussão, foco do meu estudo, as mensagens estão lá desde sua criação em fevereiro de 2000, ou seja, por mais de nove anos e podem ser acessadas e analisadas de qualquer um dos continentes a qualquer momento.

O segundo modo de comunicação é do “correio eletrônico”. Segundo Lévy (1999, p.94) “As funções de troca de mensagens encontram-se entre as mais importantes e mais usadas do ciberespaço”. Todas as pessoas ligadas a um computador e a internet podem ter uma caixa postal eletrônica identificada por um endereço especial. O usuário pode enviar e receber mensagem para qualquer pessoa que possua um endereço eletrônico. Essas mensagens no começo eram apenas textos e, hoje são músicas em diversos formatos, vídeos com grande resolução, apresentações, gráficos, tabelas, dentre outros. Lévy (1999) faz uma comparação com o correio convencional e aponta várias vantagens do e-mail, como: pode enviar uma mesma mensagem para vários contatos da sua lista sem ter que reproduzir várias cópias no papel.

Numa terceira vertente de comunicação, Lévy (1999) cita as “conferências eletrônicas”, que cada vez mais são utilizadas nas grandes empresas que economizam milhões com viagens, hotéis, alimentação com seus empresários, pois estes podem evitar longas

viagens e se comunicarem por conferências eletrônicas, bastando cada um estar conectado com um computador no ciberespaço.

Com a união das três formas de comunicação citadas, o filósofo francês chega à quarta forma, “*groupware*”, que se caracteriza pela integração de sistemas de indexação e de busca, com as contribuições gravadas, possibilitando que essas conferências eletrônicas funcionem como memória de grupo. Obtemos, então, bases de dados “vivas”, alimentadas permanentemente por coletivos de pessoas interessadas pelos mesmos assuntos e confrontadas umas às outras (LÉVY, 1999, p.100). Com base nestes grupos percebemos um avanço do trabalho coletivo, que liga pesquisadores de vários países debatendo e evoluindo em teorias, em pesquisas científicas, dentre outros.

A última forma de comunicação referida é “a comunicação através de mundos virtuais compartilhados”. Neste ponto temos uma passagem importante, de *groupware* (na nossa pesquisa utilizamos o nome de lista de discussão, que tem o mesmo significado) a comunidades virtuais.

A participação cada vez maior das pessoas em comunidades virtuais, possibilitada pelo acesso à Internet demonstra uma mudança bastante significativa nos processos de comunicação. Porém nem sempre foi assim e, até bem pouco tempo, era comum a resistência ao virtual. A esse respeito, Lévy aponta que:

(...) a virtualização constitui justamente a essência, ou a ponta fina, da mutação em curso. Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. (...) Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda sua amplitude a virtualização. (LÉVY, 1996, p. 11-2)

Em seu livro “A Comunidade Virtual”, Rheingold (1996), segue o mesmo pensamento de Lévy, ao afirmar: “Quem não usou estes novos meios desconhece quão profundas podem ser as transformações nas nossas vidas, no futuro próximo, em virtude das atuais experiências sociais, políticas e científicas a decorrer nessas redes” (RHEINGOLD, 1996, p.16).

Tanto Lévy quanto Rheingold apontam que, antes de colocar a virtualidade como uma coisa má ou como a salvação de todos os problemas, devemos primeiro entendê-la, apontar prós e contras, para desta forma, fazer um julgamento sensato do virtual. Esse alerta foi dado há algumas décadas, embora ainda hoje haja alguma resistência à participação em comunidades virtuais.

Rheingold (1996) mostra que, no começo, ele achou estranho se comunicar com outras pessoas pelo computador, mas logo ficou deslumbrado com as potencialidades do mundo virtual e conseguiu estabelecer laços com as pessoas que ele conheceu na comunidade virtual, a ponto dessas amizades se materializarem no mundo real, em encontros presenciais. Para o autor, a comunidade virtual era muito real, pois os integrantes se uniam para ajudar os demais, em casos de doenças e até em casos financeiros.

(...) A princípio pareceu-me fria a idéia de uma comunidade apenas acessível através de um *écran* de computador, mas depressa constatei a emoção que o correio eletrônico e as teleconferências podem causar, tendo-me, inclusivamente, deixado contagiar. Interesse-me pelas pessoas que vim a conhecer desse modo, e interesse-me profundamente pelo futuro do meio que nos permite reunir. (RHEINGOLD, 1996, p.13)

Lévy (1996), em seu estudo, também defende a importância das comunidades virtuais, assinalando que o fato de não pertencer a lugar nenhum, de freqüentar um espaço não designável, não impede que este exista. Isso gerou o conceito de nomadismo, considerando que se os elementos de uma comunidade são nômades, a pertinência de sua posição geográfica não é o mais importante.

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é nem mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não presente”, essa comunidade está repleta de paixões, e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. (LÉVY, 1996, p.20-1)

Concordamos com Lévy, quando afirma que uma comunidade virtual pode criar vários laços, de conflitos e amizades, que podem surgir a qualquer momento. Nos processos formativos, o virtual é muito importante para desenvolver novas relações de aprendizagem entre professor-aluno e entre os próprios alunos. Disso decorre que o universo virtual não pode ser deixado de lado na educação, posto que a experiência em comunidades virtuais possibilita ao professor atualizar-se, trocar experiências com parceiros e com os alunos. Sob esse aspecto, Lévy (1996) aponta que:

(...) Até a segunda metade do século XX, uma pessoa praticava no final de sua carreira as competências adquiridas em sua juventude. Mais do que isto, transmitia geralmente seu saber, quase inalterado, a seus filhos ou aprendizes. Hoje, esse esquema está em grande parte obsoleto. As pessoas não apenas são levadas a mudar várias vezes de profissão em sua vida, como também, no interior da mesma “profissão”, os conhecimentos têm um ciclo de renovação cada vez mais curto (três anos ou até menos, em informática, por exemplo). Tornou-se difícil designar as competências “de base” num domínio. Novas técnicas ou novas configurações sócio-econômicas podem a todo o momento recolocar em questão a ordem e a importância dos conhecimentos. (LÉVY, 1996, p.54-5)

A comunicação virtual é uma alternativa relevante para o professor estabelecer contatos com outras pessoas, desenvolvendo atividades com seus alunos e esse *estar junto virtual* envolve diversas interações como acompanhar e aconselhar os alunos constantemente para compreender o que ele desenvolve. Essas interações proporcionam meios para o aprendiz, aplicar, buscar novas informações e construir novos conhecimentos (VALENTE, 2003). Esta forma de atuação conjunta entre aluno/professor, professor/professor, aluno/aluno, pode gerar novas formas de aprender nas comunidades virtuais, que se apresentam como novos territórios de aprendizagem. No dizer de Lévy (2006, 25), os territórios virtuais colaboram “para transformação do funcionamento social, para a ativação dos processos cognitivos e para construção de novas representações do mundo”.

No dizer de Guattari (2000), a desterritorialização está relacionada à questão espacial, aos novos territórios que estão surgindo e que definem uma nova maneira de ser e de estar nas comunidades.

O ser humano contemporâneo é totalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originários – corpo, clã, aldeia, culto, corporação... – não estão mais dispostos num único ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. [...] Os jovens que perambulam pelos *boulevards*, com um *walkman* colado ao ouvido, estão ligados a ritornelos que foram produzidos longe, muito longe de suas terras natais. Aliás, o que poderia significar “suas terras natais”? (GUATTARI, 2000, p.169)

É sob esse prisma que estão sendo compreendidas as comunidades virtuais, das quais participam pessoas em torno de temas específicos (RHEINGOLD, 1996), que se comunicam por meio de listas de discussão. De acordo com Rheingold (1996, p.18), “as comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”.

Com esta definição, podemos diferenciar lista de discussão de comunidades virtuais, pois nem sempre uma lista de discussão forma uma relação pessoal no virtual, porém, não podemos afirmar também que isso não ocorra, pois mensagens trocadas na lista de discussão podem mostrar sentimentos de afeto entre os integrantes. Outros mostram que a lista é apenas um local de debate e muitos não têm a intenção de criar laços mais próximos, sendo que os participantes apenas estão ali para aprender, ensinar, trocar experiências.

De acordo com o conceito de “território usado” de Santos (2004), é que pretendemos discutir a questão do território. O território usado, que, neste caso, são as listas de discussão que formam no meu ponto de vista um território virtual, pois é um lugar de interação, de participação e de discussão, onde os atores definem e delimitam o território. Haesbaert (2006) aponta que estamos vivendo um momento de reterritorialização, ou seja, de construção de

novos territórios, que se apresentam como novos espaços de informação e de conhecimento. Assim, podemos inferir que a lista de discussão se apresenta desta forma como um novo território.

Relembrando Souza (2003) que aponta que o território é usado muitas vezes como sinônimo de território nacional, embora não seja essa nossa ênfase, pensamos que um território pode se formar a qualquer momento e durar um tempo determinado ou não, como é o caso de uma lista de discussão, que pode ser criada para debater um determinado tema, e, quando este tema sair de moda esta lista pode simplesmente deixar de receber mensagens e padecer. Ou ainda, ser criada dentro de um curso de educação a distância e quando a disciplina for encerrada, a lista será encerrada também. Mas pode ocorrer de a lista sobreviver, como é o caso da *listageografia*, objeto deste estudo.

Portanto, neste capítulo, procuramos fazer um link entre o território, as comunidades virtuais e a lista de discussão. Partimos do pressuposto de que uma lista de discussão é um novo tipo de território, e, em alguns casos, pode se formar uma comunidade virtual a partir de uma lista de discussão. No último capítulo procuraremos relacionar as teorias tratadas neste capítulo com a pesquisa em si.

## **CAPÍTULO 3 – LISTAGEOGRAFIA: QUE TERRITÓRIO É ESSE?**

Este capítulo traz resultados da pesquisa realizada sobre a lista de discussão de Geografia, tendo como foco as reflexões dos participantes sobre educação a distância. Apresenta inicialmente a descrição dessa lista e uma breve análise dos temas tratados, em relação ao número de mensagens. Centra a discussão sobre as mensagens que trataram do tema educação a distância.

### **3.1. A descrição da lista e seu funcionamento**

O objeto desta pesquisa é a “*listageografia* - Lista de Discussão de Geografia”, que traz mensagens sobre temas de interesse de geógrafos profissionais, professores e estudiosos de Geografia, além de discussões sobre problemas de teoria e método da ciência geográfica, do seu ensino e pesquisa, divulgação de eventos, cursos, bibliografia, oferta de empregos, dúvidas profissionais e/ou acadêmicas. A principal regra para participação na lista é: não há censura aos temas desde que sejam geográficos. O coordenador é o Doutor Eduardo Pazera Júnior, professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba, que é consultor do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior) e criou a lista em 2000.

Uma lista de discussão pode ser: não moderada, moderada e levemente moderada. Na lista não moderada, toda mensagem enviada à lista é distribuída aos seus usuários, na forma como foi enviada; na moderada, o administrador do grupo recebe todas as mensagens e faz uma triagem, eliminando aquelas que ele considera impróprias para a lista, ocorrendo uma espécie de “censura”. Na lista levemente moderada, o administrador impede a distribuição de mensagens que nada tenham a acrescentar à discussão (BASÍLIO, 2007, p.41).

A *listageografia* pode ser considerada moderada, pois quando um participante envia uma mensagem para a lista dentro do site do *Yahoo*, aparece uma mensagem: “Sua mensagem está aguardando aprovação”. Este grupo é moderado. Isto significa que o administrador do grupo poderá ou não aprovar as mensagens recebidas. O site da lista é <http://br.groups.yahoo.com/group/listageografia> e os endereços de e-mails do grupo são:

- Enviar mensagem: [listageografia@yahoogrupos.com.br](mailto:listageografia@yahoogrupos.com.br);
- Entrar no grupo: [listageografia-subscribe@yahoogrupos.com.br](mailto:listageografia-subscribe@yahoogrupos.com.br);
- Sair do grupo: [listageografia-unsubscribe@yahoogrupos.com.br](mailto:listageografia-unsubscribe@yahoogrupos.com.br);

A *listageografia* começou em fevereiro de 2000 e no primeiro mês foram postadas 21 mensagens. A partir de março de 2000, a lista ampliou com o ingresso de participantes e com número expressivo de mensagens e integrantes, o que mostra que essa lista se encontra em funcionamento. Abaixo segue uma tabela que foi acessada no dia 23 de junho de 2008 às 17h12min, e naquele momento, a lista de discussão tinha 51.411 mensagens postadas e um total de 2.458 associados:

<b>Período de postagem das mensagens</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
2008	490	594	574	596	644	447						
2007	468	536	553	468	704	606	680	541	541	643	475	413
2006	626	374	614	525	648	734	528	660	561	739	561	344
2005	546	682	545	618	794	774	468	558	595	533	466	450
2004	484	563	813	640	610	703	659	716	564	563	582	400
2003	443	487	607	618	577	583	445	491	526	561	405	507
2002	296	424	404	640	579	550	472	594	529	615	515	317
2001	242	306	433	286	343	323	225	458	562	339	396	335
2000		21	364	212	390	490	491	431	488	350	215	313

Tabela 1: Histórico de mensagens

A descrição da tela da lista possibilitará uma leitura mais precisa das ações do usuário, quando se loga no site da lista.

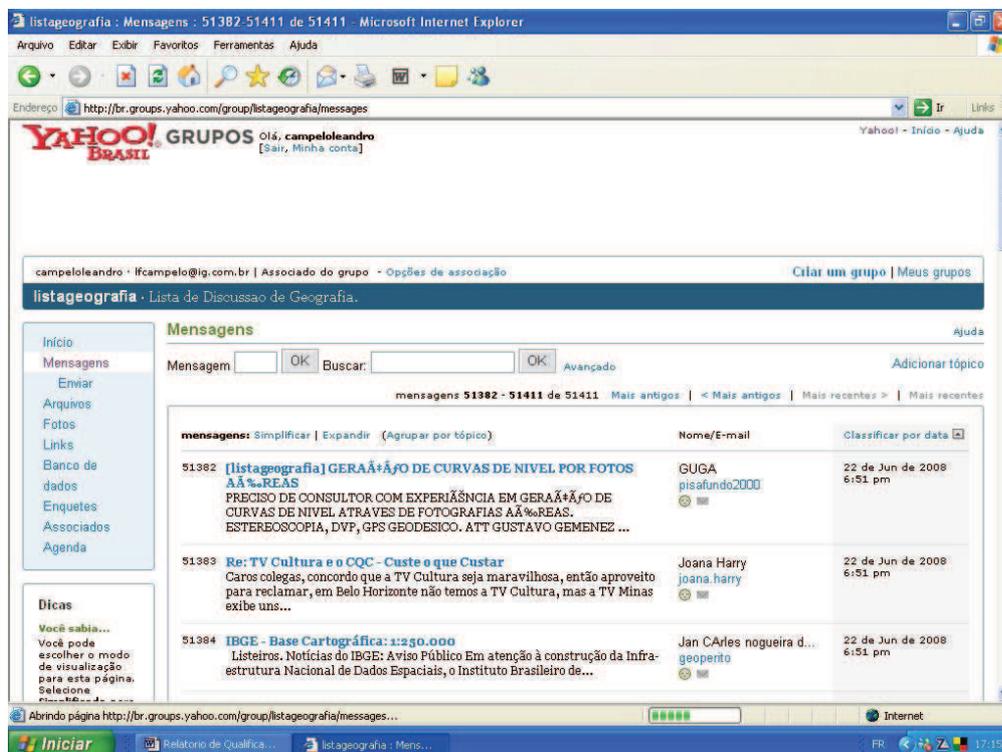


Figura 1: Tela de mensagens da lista de discussão

Na parte superior da janela aparece escrito “*Olá, campeloleandro*”, que é o meu nome de usuário e minha conta no *Yahoo*, pois para participar de uma lista de discussão é necessário criar uma conta. Um pouco abaixo aparece o meu e-mail, para onde as mensagens da lista são enviadas (você pode escolher qualquer e-mail para receber as mensagens da lista) e o nome da lista: “*listageografia - Lista de Discussão de Geografia*”. Ainda na figura 1, observamos que o usuário possui um importante recurso, pode fazer a busca pelo número ou pelo título da mensagem. Isso é muito importante, pois possibilita ao pesquisador localizar as mensagens pelo tema ou número da mensagem. Esse aspecto, contudo, exige do pesquisador uma precisão na digitação dos descritores que irá pesquisar. Quando fui fazer a pesquisa inicial sobre as mensagens, digitei “*educação a distância*” e um determinado número de mensagens

surgiu na tela. Ao separar e ler essas mensagens pude observar que muitas delas estavam sem respostas ou apresentavam algumas respostas diferentes das perguntas. Isso ocorreu porque alguns usuários colocaram outro título nas mensagens relacionadas à educação a distância, por exemplo, “Curso a distância”, “Cursos de Licenciatura EAD”, “UFRN terá curso a distância de geografia”, etc. Portanto, para perceber essas minúcias, foi necessário realizar um estudo detalhado de cada uma das mensagens, de modo a selecionar um corpus significativo para análise.

A busca pela totalidade das mensagens foi importante para situar o foco da pesquisa. Na figura 1, podemos observar o total de mensagens, a saber, 51.411, segundo informação colhida em 23/06/2008, às 17h12min. Na leitura da mensagem, primeiro aparece o número, depois o título com um breve resumo e, a seguir, o Nome/E-mail. É importante observar que o nome da pessoa pode não ser o nome verdadeiro, pode ser um apelido ou uma abreviação, conforme ocorre na mensagem de número 51.382 que está na figura 1. Nessa mensagem, o nome é “GUGA” e o e-mail não aparecem por inteiro, entretanto, se você clicar no link desta pessoa, é possível enviar um e-mail para ela. A classificação “por data” informa a hora, o dia, o mês e o ano em que a mensagem foi postada na lista. Como a lista é moderada, a hora em que a mensagem é postada no site nunca é a mesma em que foi enviada, pois o moderador lê a mensagem e depois encaminha para a lista e, às vezes, isso pode demorar minutos, ou horas e pode ocorrer também que determinada mensagem seja vetada pelo administrador da lista.

Na leitura das mensagens da lista, observei que quando alguém escreve uma mensagem como: “Concordo!”, este tipo de mensagem costuma ser barrado, assim como não são enviadas ao grupo mensagens que contêm palavras de baixo calão, ou ainda, aquelas que abordam tema que não tem relação com a Geografia, além dos anexos que são proibidos. Verifiquei que raramente o moderador costuma enviar mensagem com anexo, isso ocorre

quando o anexo pode ser importante para vários listeiros. No entanto, é importante esclarecer que essas normas são esclarecidas aos usuários que se inscrevem nas listas.

No site da lista de discussão de Geografia, no lado esquerdo da tela (observar a figura 2), existem algumas opções como: início, mensagens, arquivos, fotos, *links*, banco de dados, enquetes, associados e agenda. Todos esses recursos podem ser acessados pelos assinantes da *listageografia*.

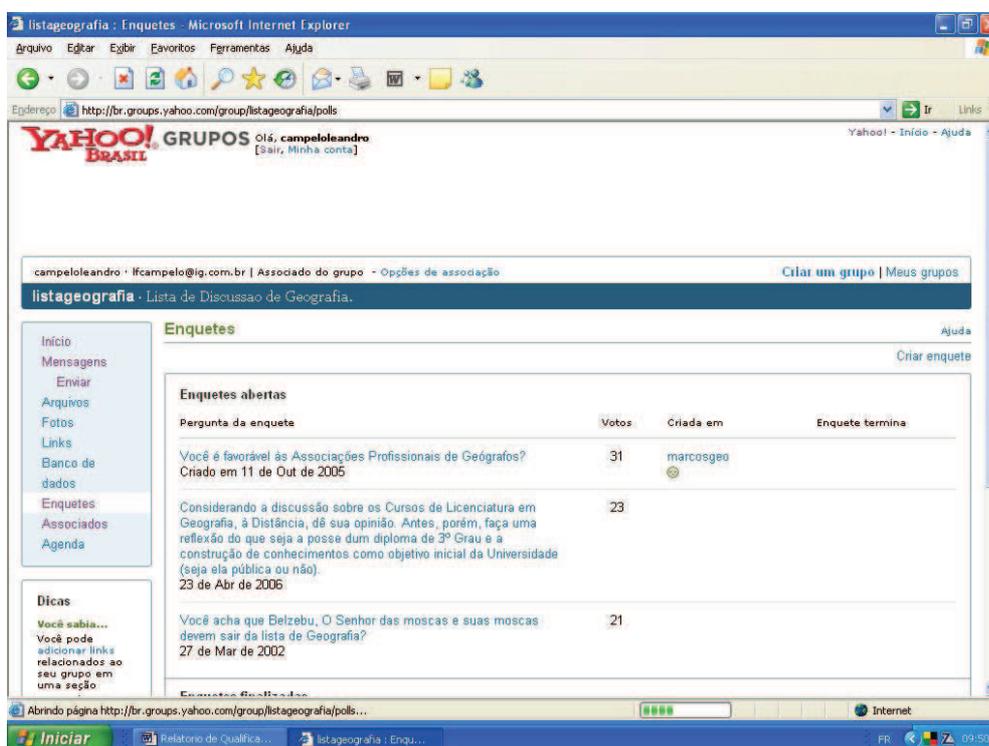


Figura 2: Tela de enquetes da lista de discussão

Vamos comentar um pouco de cada item: O item [início](#) mostra a tela inicial da lista, onde se pode visualizar a descrição da lista, os usuários e quando ela foi criada. O item [mensagem](#) permite enviar, localizar e visualizar as mensagens da lista (detalhamos um pouco este item na figura 1). No item [arquivo](#), podemos encontrar textos, artigos, anotações, sobre alguns assuntos relacionados à Geografia, como: Climatologia, legislação, Cartografia, Geopolítica, meio ambiente, território, etc. No item [foto](#), existem fotos referentes a

congressos, palestras, imagens relacionadas à Geografia e todos os usuários da lista podem adicionar fotos. Na opção links, encontramos importantes *links* para a área, *sites* como: Agência Nacional das Águas (ANA), Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Departamentos de Universidades de Geografia e muito mais. No tópico banco de dados, havia apenas um arquivo intitulado “Informações básicas: dados dos listeiros”, onde se encontrava (no dia 01 de julho de 2008) informações sobre 37 (trinta e sete) listeiros, nome completo, formação, cidade, estado, ocupação. O item associados traz algumas informações dos associados, mostrando a data que eles entraram na lista, o *login* do listeiro e permite enviar um e-mail diretamente para o associado. O item agenda é um recurso muito interessante e permite que qualquer listeiro agende um evento, uma data importante, seja a data de um congresso, de uma palestra, etc., entretanto, este é um recurso pouco utilizado pelos usuários da lista. Por fim, temos o item enquete, sobre o qual vamos apresentar mais detalhes no próximo item.

No próximo item abordaremos o foco da pesquisa que são as mensagens relacionadas à educação a distância, mas antes, vale ressaltar que a *listageografia* é uma lista de discussão que envolve assuntos variados envolvendo a Geografia. Numa consulta feita no dia 13 de fevereiro de 2009, quando a lista possuía 2.621 associados e um total de 55.532 mensagens, pudemos observar a diversidade de informações. Encontramos 2011 mensagens relacionadas à palavra “geoprocessamento”; 1473 mensagens sobre “ensino superior”; 1397 mensagens relacionadas à “sala de aula”; 824 mensagens relacionadas a “ensino de geografia” e 351 mensagens relacionadas à palavra “blogs”; 34 mensagens relacionadas à “formação inicial”. Isso mostra a riqueza de temas que podem ser discutidos a partir da *listageografia*.

### **3.2. A discussão sobre educação a distância**

O foco desta pesquisa são as mensagens trocadas pelos listeiros sobre educação a distância, ocorrida entre 20 de abril a 30 de outubro de 2006, período durante o qual houve um debate mais intenso sobre o tema. Embora, durante a leitura do corpus da lista, tenham sido encontradas mensagens relacionadas à educação a distância, anteriores a 20 de abril de 2006, essas foram descartadas pelo fato de serem informações sobre eventos na área. Para a discussão do tema, consideramos como recorte o período das interações entre os participantes a respeito da educação a distância.

É preciso esclarecer que, apesar do recorte da pesquisa, observou-se que a discussão entre os participantes não foi contínua, sendo possível observar dois momentos: o debate ocorrido entre os dias 20 de abril até 20 de junho de 2006 com um total de 55 mensagens, e o segundo período, de 19 de outubro até 30 de outubro de 2006, quando foram postadas 15 mensagens. Como o conteúdo das mensagens é sobre educação a distância, optamos por não separar os períodos em nossa análise, considerando que muitos sujeitos são os mesmos.

A análise das mensagens postadas entre 20 de abril a 30 de outubro de 2006 aponta a totalização de 70 (setenta) mensagens, com a participação de 28 (vinte e oito) sujeitos. Foi observada uma média geral de 2,5 (duas e meia) mensagens por sujeito, entretanto, tivemos uma participação bem diferente da média geral, porque poucos participantes contribuíram para uma reflexão mais profunda sobre o tema, tendo em vista que muitos apenas deram sua opinião, mas não continuaram o debate, sem que pudéssemos saber o motivo da falta de continuidade. Para fins de síntese, elaboramos uma tabela, com objetivo de apontar o número de mensagens por sujeito. Optamos por colocar as iniciais do sujeito, para preservar o anonimato na pesquisa:

Sujeitos	Nº de Mensagens	Sujeitos	Nº de Mensagens
M.K.	19	T.C.W.	1
A.R.	7	J.O.	1
S.V.	7	R.B.	1
T.F.B.	5	R.A.	1
W.G.	3	A.C.	1
G.M.	3	I.F.D.	1
Z.S.	2	M.S.	1
G.M.2	2	R.S.	1
I.G.	2	M.A.T.	1
F.R.	2	G.M.P.	1
A.P.	2	V.	1
L.T.	1	E.M.G.	1
V.R.	1	E.V.S.	1
E.B.	1		

Tabela 2: Sujeitos e mensagens

Com base na tabela 2, podemos observar que 06 (seis) sujeitos – “M.K.”, “A.R.”, “S.V.”, “T.F.B.”, “W.G.” e “G.M.” – se envolveram mais no debate sobre educação a distância, pois enviaram um número maior de mensagens sobre o tema. O sujeito “M.K.” se destaca de todos, pois foi o que enviou mais mensagens sobre este tema na lista de discussão. Entretanto, todos os outros participantes, mesmo contribuindo apenas com 01 (uma) ou 02 (duas) mensagens, tiveram uma importância grande no debate, pois apontaram aspectos importantes que deram ensejo a novas reflexões.

A questão sobre educação a distância surge na *listageografia* no dia 20 de abril de 2006, com a informação sobre oferta de curso de Geografia a distância pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

**CABEÇALHO**

De: "W.G."

Para: "Lista"

Data: Quinta, 20 de abril, 2006 6:16 pm

Assunto: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

“UFRN terá curso a distância de geografia

19/04/2006 - 10h20 - Tribuna ON-Line

<http://www.tribunadonorte.com.br/unoticia.php?id=7782>

Agecom/UFRN

O Ministério da Educação aprovou proposta da UFRN para o curso de educação a distância em geografia, que será oferecido em parceria com a

Universidade Estadual da Paraíba, exclusivamente para professores em exercício.

O curso faz parte do projeto Pró-Licenciatura, do Ministério da Educação, e será desenvolvido pela Secretaria de Ensino a Distância (SEDIS) da UFRN. As aulas deverão ter início no segundo semestre de 2006 e funcionarão nos pólos de Nova Cruz, Caicó, Macau e Pau dos Ferros. Serão oferecidas 420 vagas, das quais 240 são para o Rio Grande do Norte, e o restante para o estado da Paraíba. O Pró-Licenciatura também aprovou projeto da Secretaria de Ensino a Distância para os cursos de graduação em matemática, química e física." (Mensagem nº 36.480)

No dia 23 de abril de 2006, foi postada uma mensagem, sugerindo que fosse realizada uma enquete sobre a questão:

**CABEÇALHO**

De: "A.P."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de Abril, de 2006 3:38 pm

Assunto: RE: Cursos a Distancia

**MENSAGEM**

Interessante a discussão sobre os cursos à distância.

Quero sugerir aqui que o moderador faça uma enquete na página do grupo para sabermos a opinião de todos os listeiros.

A.P. (Mensagem nº 36.530)

A enquete foi assim elaborada:

Considerando a discussão sobre os Cursos de Licenciatura em Geografia, à Distância, dê sua opinião. Antes, porém, faça uma reflexão do que seja a posse dum diploma de 3º Grau e a construção de conhecimentos como objetivo inicial da Universidade (seja ela pública ou não).

1. É uma irresponsabilidade por parte do MEC
2. É uma banalização do Curso de Geografia
3. Precisa ser discutido
4. É perda de tempo para quem for fazer
5. É válido
6. Equivale ao Curso Tradicional (presencial)
7. Não tenho opinião formada
8. Prefiro não opinar

A enquete, certamente, não veio por acaso. Além da informação contida na mensagem do dia 20 de abril, nesse período foram divulgados os resultados da aprovação dos cursos de Geografia a distância, oferecidos por instituições de ensino públicas e particulares. Um mapeamento desses cursos revelou que 06 (seis) instituições públicas e 11 (onze)

instituições privadas estavam credenciadas para oferecer cursos na modalidade a distância (ver ANEXO 2). É importante ressaltar que o recorte desta pesquisa foi feito a partir do debate, que ocorreu entre 20 de abril de 2006 a 30 de outubro de 2006, período de intensa discussão sobre educação a distância.

Uma análise de como foram organizadas as questões que deram origem às reflexões sobre o significado dos cursos de Geografia a distância aponta alguns aspectos que merecem ser discutidos. Inicialmente, o aspecto político surge em primeiro plano (“irresponsabilidade por parte do MEC”), seguido do aspecto formativo (“banalização do Curso de Geografia”) e da importância em se debater o tema (“precisa ser discutido”). Até o dia 01 de julho de 2008, um total de 23 listeiros havia opinado sobre a questão, cuja síntese elaboramos a seguir.

A opção 01, “É uma irresponsabilidade por parte do MEC”, teve um total de 08 (oito) votos, o que corresponde a 34,80% dos votos. A opção 02, “É uma banalização do Curso de Geografia”, teve 06 (seis) votos, ficando com 26,10%. A opção 03, “Precisa ser discutido”, obteve 05 (cinco) votos, com 21,70%. Na opção 04, “É perda de tempo para quem for fazer”, nenhum voto. Na opção 05, “É válido”, teve 01 (um) voto, corresponde a 4,35% dos votos. Na opção 06, “Equivale ao Curso Tradicional (presencial)”, foram 02 (dois) votos, o que corresponde a 8,70%. No item 07, “Não tenho opinião formada”, 01 (um) voto que corresponde a 4,35%. E por fim, na opção 08, “Prefiro não opinar”, nenhum voto. O gráfico abaixo representa as respostas. Transformadas essas informações em dados quantitativos temos:

**Considerando a discussão sobre os Cursos de Licenciatura em Geografia à Distância dê sua opinião. Antes, porém, faça uma reflexão do que seja a posse dum diploma de 3º Grau e a construção de conhecimentos como objetivo inicial da Universidade.**

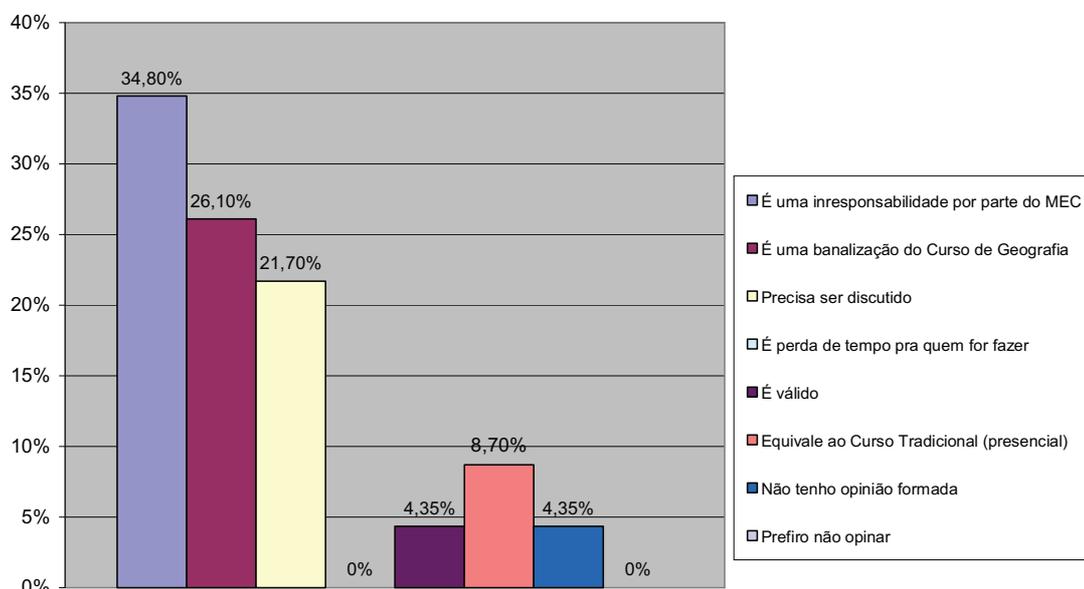


Gráfico 1: Enquete na lista de discussão.

Podemos observar que, nesta enquete, 60,90% dos listeiros que participaram da enquete escolheram a opção 01 ou 02, o que significa que a questão da política educacional e da formação aparece em primeiro plano e, de modo geral, os participantes sugerem, em seus comentários, que as políticas educacionais não estão levando em conta os processos formativos.

No entanto, uma análise mais minuciosa das mensagens postadas na *listageografia*, aponta um desconhecimento sobre a educação a distância por parte de alguns participantes. De acordo com as respostas, tem-se um quadro bastante significativo sobre o que os participantes da lista pensam sobre educação a distância. Analisando estes resultados, recorro a Alegretti e Alonso (2003) para lembrar que muitas vezes a rejeição à modalidade de ensino a distância está relacionada à forma como o curso é ministrado.

Ocorre que muitas vezes a Educação a Distância é utilizada apenas com fins pragmáticos e rentáveis e, por isso, acaba desvirtuando-se ao propiciar

cursos rápidos, facilitados, que abrangem grandes populações, sem os cuidados necessários para garantir a qualidade e o reconhecimento social, daí o preconceito existente com relação a essa modalidade de ensino. (ALEGRETTI e ALONSO, 2003, p. 166)

Um dos participantes contribui para esclarecer ao grupo o que é educação a distância e indica os documentos governamentais que trataram da questão, citando a fonte de onde foram extraídos os dados. Essas informações denotam um tipo de usuário muito frequente nas listas de discussão, um participante que divulga informações e fontes. Isso é importante para o debate, pois muitas vezes as discussões giram em torno de posições pessoais e uma informação inserida nesse contexto pode trazer esclarecimentos e até possibilitar ao grupo uma revisão de suas posições.

#### **CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Terça, 6 de junho de 2006 11:39 am

Assunto: Educação a distância

#### **MENSAGEM**

O que é Educação a Distância

A Educação a Distância – EAD é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

Dentre as características da EAD estão: a separação do professor e aluno no espaço e/ou tempo, o controle do aprendizado realizado mais intensamente pelo aluno do que pelo instrutor distante e a comunicação entre alunos e professores mediada por documentos impressos ou alguma forma de tecnologia.

A primeira forma de Educação à Distância foram os cursos por correspondência na Europa. Este meio foi muito utilizado até o meio deste século, quando o rádio e televisão instrucional tornaram-se populares. No entanto, com o surgimento de tecnologias interativas sofisticadas, educadores passaram a utilizar ferramentas como: e-mail, Internet, audioconferência baseada em telefone e videoconferências. A Educação Aberta e a Distância encontra-se normatizada no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996); pelo Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 (publicado no D.O.U DE 11/02/98); Decreto n.º 2.561, de 27 de abril de 1998 (publicado no D.O.U de 28/04/98) e pela Portaria Ministerial n.º 301, de 07 de abril de 1998 (publicada no D.O.U de 09/04/98).

Fonte: Site [www.escolanet.com.br/](http://www.escolanet.com.br/)

\*As informações acima são de inteira responsabilidade da fonte

[http://www.creaes.org.br/mostra\\_evento.asp?codevento=982](http://www.creaes.org.br/mostra_evento.asp?codevento=982)

Abraços,

M.K. (Mensagem n.º 37.403)

De modo geral, 60,90% dos participantes da *listageografia* demonstraram em suas mensagens aversão à educação a distância, enquanto 21,70%, apontam que é necessário discutir o assunto. O fato de haver rejeição dos listeiros de Geografia aos cursos na modalidade a distância, leva-nos à questão da qualidade desse tipo de ensino. Diversos autores defendem como deve ser uma EAD com qualidade – Moraes (2002); Valente, Prado e Almeida (2003); e Belloni (2006) –, apontando os motivos por que a educação a distância pode revolucionar as práticas educacionais. Os estudiosos referem-se a uma nova forma de aprendizagem, onde novos métodos podem ser utilizados para dinamizar o ensino-aprendizagem.

Belloni (2006) propõe que o professor deve desempenhar um novo papel no processo de aprendizagem e ser parceiro dos estudantes nas discussões, colaborando para que se efetive o processo de construção do conhecimento. Para isso novos métodos de ensino-aprendizagem devem ser criados. Ressalta ainda que o professor necessita de uma formação para o resto de sua vida, principalmente ligada às tecnologias: “A formação inicial de professor tem, pois, que prepará-los para a inovação tecnológica e suas conseqüências pedagógicas e também para a formação continuada, numa perspectiva de formação ao longo da vida” (BELLONI, 2006, p.85).

Um dos aspectos referentes à não-aceitação dos cursos a distância diz respeito à importância que os participantes da *listageografia* dão ao ensino presencial.

O espaço educacional se torna cada vez maior e a sala de aula não tem mais limite definido, considerando que, com a educação a distância, as fronteiras se alteram, ou melhor, vão se desterritorializando e reterritorializando em outros pontos. Compartilho com a idéia de Moraes (2002, p.21), segundo a qual “a virtualização de uma comunidade implica uma ‘não presença’, uma desterritorialização onde as antigas referências de tempo e de espaço relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento já não são mais as mesmas”.

### 3.3. Os eixos temáticos e as categorias de análise

Uma das questões que nos chamou a atenção na lista foi o fato de muitos participantes não responderem as mensagens ou não inserirem comentários sobre educação a distância. Há que se ressaltar que, em uma lista de discussão, o número de pessoas que apenas lê as mensagens é muito grande. McCleary (1996) define este grupo de *Lurkers*. O número de *Lurkers* numa lista de discussão é grande, pois todos recebem as mensagens, entretanto, só participam do debate quando de fato se interessam pelo assunto. Fica bem claro isso na *listageografia*, pois quando ocorreram os debates sobre EAD, no período de 20 de abril a 30 de outubro de 2006, havia mais de 2000 (dois mil) usuários e apenas 28 (vinte e oito) sujeitos participaram dessa discussão.

Seguindo o pensamento de Lévy (1996), e reforçando a idéia de qual tipo de EAD defendemos, Moraes (2002, p.5-6) comenta a falta de criatividade dos cursos de EAD no país, posto que muitos deles são apenas *broadcasts*. Este sistema usa uma metodologia equivocada e não se preocupa com uma memorização compreensiva que exige o envolvimento do aluno, mas está mais próximo do conceito de educação bancária de Paulo Freire (1997). Em seu estudo sobre o significado da educação a distância no século XXI, Belloni afirma:

As sociedades contemporâneas e as do futuro próximo, nas quais vão atuar as gerações que agora entram na escola, requerem um novo tipo de indivíduo e de trabalhador em todos os setores econômicos: a ênfase estará na necessidade de competências múltiplas do indivíduo, no trabalho em equipe, na capacidade de aprender e adaptar-se a situação nova. Para sobreviver na sociedade e integrar-se ao mercado de trabalho do século XXI, o indivíduo precisa desenvolver uma série de capacidades novas: autogestão (capacidade de organizar seu próprio trabalho), resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade diante de novas tarefas, assumir responsabilidades e aprender por si próprio e constantemente trabalhar em grupo de modo cooperativo e pouco hierarquizado. (BELLONI, 2006, p.5)

Do debate ocorrido na *listageografia* sobre educação a distância, há que ressaltar a variedade de temas discutidos mensagens. O primeiro cuidado na pesquisa foi estabelecer os eixos temáticos que permearam as setenta mensagens e classificá-los, de modo a termos um

mapeamento das questões tratadas pelos participantes. Ao final da análise, elaboramos um quadro, no qual pudemos observar as ocorrências.

<b>Quadro de temas tratados nas mensagens</b>	
<b>Eixos temáticos</b>	<b>Número de Mensagens</b>
Ensino presencial x EAD	33
Cursos a distância: licenciatura x bacharelado	08
Mercado de Trabalho	07
Ensino público x privado	06
Políticas da EAD	06

Tabela 3: Quadro de Eixos Temáticos

No quadro elaborado a partir da investigação feita com as mensagens, pudemos observar que a soma das mensagens na tabela 3, perfaz 60 (sessenta) mensagens, o que não é igual ao total de mensagens que tratam apenas de educação a distância, que são 70 (setenta), pois as outras 10 (dez) mensagens abordam outros temas menos relevantes, ou não se enquadram em nenhum dos temas tratados, a saber: Ensino Presencial x EAD, Cursos a distância: licenciatura x bacharelado, Mercado de Trabalho, Ensino público x privado e Políticas da EAD. Optamos, assim, pelo recorte das mensagens que continham os eixos temáticos acima, considerando que traziam questões importantes para o debate, criando-se uma situação de fórum de discussão, com direito a respostas às vezes um tanto acirradas e contundentes.

A partir do mapeamento dos eixos temáticos, foram selecionadas duas categorias de análise: processos formativos e profissionalização. As questões das políticas para educação estão presentes em algumas mensagens, porém não são discutidas em profundidade, provavelmente pelo tom utilizado na enquete sobre cursos a distância (irresponsabilidade do MEC).

As Instituições de Ensino Superior (IES) começam a ter envolvimento com a educação a distância no final do século XX, quando as IES mobilizaram-se para a educação a

distância com uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na década de 1990.

Do ponto de vista legal, a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – oficializa na política nacional a era normativa da educação a distância no Brasil como modalidade válida e equivalente para todos os níveis de ensino.

A LDB estabelece a exigência que todos os professores que estivessem lecionando no ensino fundamental e ensino médio deveriam estar habilitados até 2006. Na tentativa de encontrar saída para essa exigência, ganha relevo a política de educação a distância como ferramenta para oferta de licenciaturas.

De acordo com o Decreto nº 2.494, educação a distância é:

uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

O Decreto aponta para uma auto-aprendizagem, colocando o indivíduo como um condutor do seu processo educacional. Observa-se também a participação de outros sujeitos, que, mediante os meios de comunicação, deverão estabelecer uma relação interativa entre instituição e aluno. Vale ressaltar que essa é uma definição muito tecnicista e linear.

Na defesa da educação a distância, um dos participantes (V.R., mensagem nº 36.496) lembra as mudanças educacionais no mundo, “o novo paradigma centrado na educação flexível, aberta e interativa”. O participante L.T., por sua vez, busca esclarecer aqueles que desconhecem os dispositivos legais e a finalidade da educação a distância que, a seu ver, não foi criada para substituir a formação inicial.

A LDB veio corrigir distorções da graduação dos professores, instalados como muletas pela abertura que a legislação permitia/não proibia: engenheiros lecionando exatas; advogados lecionando línguas e humanidades, um ensino que produzia um profissional formado em dissociação com a exigência do mercado. Uma graduação de pouco custo para os Estados, permitia ao formado em Estudos Sociais, por exemplo, lecionar História e Geografia! A LDB exigiu enquadrar em determinado prazo, e houve a complementação para o pessoal já funcionário das redes

municipais e estaduais (Minas Gerais já realizou: foram cursos emergenciais com estudo dirigido durante todo o ano e presencial concentrado nos recessos das escolas (janeiro e julho).

Uma tendência mundial de formação complementar ou acessória, que são os cursos à distância, não tem a pretensão de substituir a formação em sala de aula, e mesmo os "telecursos" não substituíram o formador. ( L.T Mensagem nº 36.495)

O final da mensagem deixa clara sua posição quanto ao crescimento e à aceitação da educação a distância no mundo, o que é uma realidade, se pensarmos na Open University (Inglaterra) e em outras instituições que oferecem cursos a distância Há algumas décadas. Abordando a questão da educação a distância na Europa, Belloni (2006) refere-se à sinergia entre o ensino superior convencional e a EAD, e que isso de fato vem ocorrendo. Segundo o pensamento de Belloni (2006), essa sinergia ocorre como forma de evitar que as universidades a distância não venham se tornar guetos de especialistas em formação a distância, e para que as universidades convencionais se transformem em dispositivos de formação mais apropriados às demandas sociais.

A necessidade da discussão sobre EAD no Brasil, apresentada na mensagem de V.R. (Mensagem nº 36.496), mostra como a EAD pode ser uma importante forma de expandir os cursos superiores pelo Brasil, ultrapassando os limites dos grandes centros. Mais uma vez reitero que é fundamental que essa expansão ocorra com qualidade e não apenas para aumentar os números do ensino superior no país, sem qualidade o MEC deve agir e fechar os cursos de EAD que não seguem os requisitos necessários para um bom funcionamento de um curso a distância no país. As referências feitas, nessa mensagem, ao novo paradigma educacional, remete-nos ao pensamento de Moraes (2002), que defender ser fundamental o entendimento das implicações tecnológicas na educação para um avanço no sistema de ensino-aprendizagem, para uma mudança do paradigma educacional. Quando nos referimos a um novo paradigma, estamos nos referindo à utilização das tecnologias digitais que privilegiem os aspectos construtivos, criativos e reflexivos relacionados ao processo de

aprendizagem e às questões que envolvem o desenvolvimento humano (MORAES, 2002, p.4).

O professor e pesquisador José Armando Valente (1999, p.30), por sua vez, coloca um interessante questionamento: “Como as mudanças que estão acontecendo na sociedade deverão afetar a educação e quais serão suas implicações pedagógicas?”. O pesquisador está preocupado com todas as mudanças que estão ocorrendo de maneira muito rápida, e será que os professores estão preparados para estas mudanças? Utilizar as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) de maneira correta nas escolas é um desafio, que todos temos que superar, pois favorecerá a todos: alunos, professores, coordenadores, gestores, a escola, a comunidade e a sociedade. Pensa-se que os debates levantados nas listas de discussão de Geografia podem contribuir muito para uma reflexão sobre a prática pedagógica do professor.

A educação a distância, no entendimento dos participantes da *listageografia*, traz aspectos positivos e negativos no que se refere à formação do futuro profissional. Os aspectos formativos apontados pelos participantes da lista surgem sempre relacionados à comparação com o ensino presencial. A análise das mensagens mostrou um grande número centrado na questão do ensino presencial x educação a distância. A reação negativa dos participantes em relação à criação de cursos a distância e, especificamente, cursos de licenciatura em Geografia, é visível.

**CABEÇALHO**

De: "V."

Para: "Lista"

Data: Quinta, 20 de abril, 2006 6:23 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

Quando que vai ter cursos de medicina, direito e engenharia a distância?

Esse negócio de "curso de geografia" a distância é um absurdo, e deveria ser combatido a sua divulgação em nossa lista. Por isso que a nossa geografia e a educação estão assim. Claro que a filha mais nova do Darcy Ribeiro, a criação LDB incentiva um pouco isso, vai o meu repúdio a essa tentativa da UFRN.

V. (Mensagem nº 36.481)

O listeiro não apenas questionou a possibilidade de oferta de cursos a distância em outras áreas do conhecimento, como Medicina, Direito, Engenharia, como também defendeu a idéia de que essa questão não poderia ser trazida para a lista. Nessa mensagem, podemos observar que o questionamento sobre a criação de curso de Geografia a distância faz referência às políticas educacionais, que incentivam essa modalidade de ensino.

Entretanto, gostaria de chamar atenção nessa mensagem, quando o listeiro comentou que mensagens relacionadas à educação a distância deveriam ser impedidas não divulgadas na *listageografia*. Esta é sem sombra de dúvida uma preocupação para nós educadores, certamente o usuário V., não conhece a função de uma lista de discussão, que tem por objetivo o debate sobre temas. No caso essa lista é sobre Geografia, e como a mensagem é sobre educação a distância em Geografia ela está dentro das normas colocadas pelo proprietário da lista. Observa-se que o curso de educação a distância divulgado na lista é para professores em exercício e não para alunos que desejam fazer uma faculdade de Geografia; de qualquer forma, esta mensagem foi a origem de todo o debate.

Na visão de um dos participantes, a questão maior centra-se nos cursos de formação para professores, posto que não existe muitos cursos a distância em outras áreas. Na mensagem de S.V. pode-se ler a preocupação com a formação inicial dos futuros profissionais na modalidade a distância, esse participante reconhece que também existem deficiências em cursos presenciais.

**CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de Abril, de 2006 12:08 am

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

E.B.

Até agora, o que se discutiu nesta lista foi a Licenciatura em Geografia à distância, que se proliferou por todo o País. A nível de graduação, não existem cursos à distância de Engenharia, Arquitetura e Direito, no Brasil.

Sinceramente, não concebo um curso de Bacharelado em Geografia à distância e, já não vejo motivação para os cursos presenciais de Licenciatura em Geografia, ante a banalização vigente. Os que fizeram graduações à

distância não de dizer que eu não sinto na pele os obstáculos que os motivaram a abraçá-las. Sim, é verdade, todos os meus cursos foram presenciais. Como Licenciado e Bacharel em Geografia em cursos presenciais, estou muito preocupado com o futuro das formações em Geografia. A maioria dos cursos presenciais em Geografia apresenta formações incompatíveis com o mercado de trabalho e, geralmente, os cursos à distância estão ligados à instituições que ministram cursos presenciais.

Hoje, os cursos presenciais são voltados à Licenciatura em Geografia, amanhã, podem estar voltados também para o Bacharelado. Embora a tecnologia nos surpreenda a cada dia: as bibliotecas virtuais já existem, mas não consigo concretizar laboratórios virtuais, trabalhos de campo virtuais, etc. Quanto as provas de "suplência" para Técnicos de Agrimensura e similares, são constantemente combatidas em todos os fóruns, principalmente, pelos próprios Técnicos em Agrimensura. Todavia, a nova LDB facilita a habilitação para os que apresentam equivalência de estudos e/ou experiência profissional (os Conselhos/Secretarias Estaduais de Educação têm delegação de competência para análise e aprovação, de acordo com a comprovação apresentada). Quanto aos cursos de complementação profissional, nem todos geram atribuições no Sistema CONFEA/CREAs. Quem vai fazer um curso de especialização à distância ou não, deve verificar previamente se está legalmente reconhecido e se vai gerar atribuições. Na atual estrutura do Sistema CONFEA/CREAs, os cursos deverão ser, ainda, da mesma modalidade, mas em breve haverá mais flexibilização. Todavia, vamos ver para crer.

Um abraço

S.V. (Mensagem nº 36.523)

Observou-se que o sujeito M.K. possui uma opinião favorável à educação a distância, porém vale ressaltar que declarou participar de um curso a distância de Geografia e, portanto, conhece o processo por dentro. Na sua mensagem retoma o debate sobre cursos presenciais e a distância, apontando falhas no ensino presencial. Vale ressaltar também que em sua mensagem há uma referência à quantidade de material usada nos cursos a distância e também à infra-estrutura oferecida pela universidade.

#### **CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 2:59 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

#### **MENSAGEM**

Eu acho que tem é que acabar com esse preconceito de cursos a distância. Na qual não são totalmente a distância, tem tutores na sala e tutores a disposição para se tirar as dúvidas. Talvez realmente seja melhor o curso presencial, mas conheço muitos profissionais que se formaram dessa maneira e não tem conhecimento algum, o aprendizado varia muito do que o aluno realmente quer se quer aprender ou apenas ter seu certificado, conheço várias pessoas que eram os melhores alunos da faculdade e quando foram para prática não

sabiam absolutamente por onde começar. Estou cursando a distância e minha força de vontade está bem além do que eles estão nos ensinando, temos uma boa biblioteca na faculdade e peguei para esse final de semanas 10 fitas de vídeo para assistir porque tenho força de vontade e sei que em qualquer curso a distância ou presencial o meu desempenho dependerá do que eu realmente quero. Aconselho as pessoas a conhecerem mais os cursos e suas estruturas para depois emitirem opiniões. Falo conhecendo a estrutura pela qual estou cursando.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 36.491)

Em outra mensagem, o sujeito M.K. complementa as informações postadas anteriormente e acrescenta que o curso que faz a distância é o de licenciatura. Em sua argumentação favorável à educação a distância acrescenta um dado sobre formação de professores no presencial, levantando a seguinte questão: a questão é da formação presencial? Neste caso, como ainda existem profissionais que se formaram em cursos presenciais e não são bons profissionais?

#### **CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 4:15 pm

Assunto: Re: Indignação UFRN terá curso a distância de geografia

#### **MENSAGEM**

Estou cursando a Licenciatura a Distância e nem por isso me sinto inferior aqueles que fizeram o presencial. Disponho-me a colocar os meus conhecimentos e práticas juntamente com vocês. Como já disse conheço profissionais que cursaram o presencial e perderam o mercado por não ter CONHECIMENTO pleno, e se o presencial com péssimos professores formam profissionais sem conhecimento que culpa tem os cursos a distância (que não são totalmente a distância e que exigem até mais dos alunos)? Por isso afirmo cabe o aluno o conhecimento, pois os cursos a "distância" formaram assim como nos presenciais péssimos profissionais. (...). Quanto ao ato de quererem proibir o pronunciamento desse assunto aqui só mostram o medo que tem de perderem espaço para profissionais mais capacitados (seja formados a distância ou presencial), são debates e opiniões sem ofensas (...).

Peço desculpas por minha opinião, mas fico indignado com a opinião de alguns que querem dar a culpa de péssimos profissionais aos cursos a distância que estão começando agora, (...) busco mais conhecimento sobre os assuntos, a todo instante estou estudando e me esforçando e provarei que podem sim ter bons profissionais formados nos cursos do EAD (...). Bons profissionais não se formam distantes ou presenciais, mas sim na vontade de cada um, naquilo que querem ser, na visão que tem sobre onde querem chegar.

Abraços,

M. K. (Mensagem nº 36.497)

M.K. defende sua posição e considera que é possível formar bons profissionais a distância, modalidade que, segundo o participante, exige muito mais do aluno do que o curso presencial. Observa-se também que, na defesa da educação a distância entra uma questão que diz respeito às políticas institucionais, que muitas vezes são feitas com trocas de favores. Também merece ressaltar o fato de o participante defender a idéia de que o bom profissional não depende da boa ou má formação que ele recebeu, mas sim de seu próprio desempenho na profissão. Aqui devemos destacar que sem dúvida uma boa formação é fundamental para ser um bom profissional.

Vamos agora discutir um pouco a questão da formação inicial do professor, embora não aprofundemos esta temática, pois não é o foco da nossa pesquisa. Como é observado em algumas mensagens podemos notar este debate sobre a formação presencial e formação a distância.

Vale ressaltar que os fatos que marcam as fases iniciais da carreira docente adquirem importância fundamental nos processos de aprendizagem profissional, de acordo com Tardif e Raymond (2000). Eles apontam que, entre professores que possuem um emprego estável, as bases dos saberes profissionais parecem ter sido criadas nos primeiros anos da docência. O início na carreira profissional, segundo o autor, representa uma fase importante em relação às experiências antecedentes e aos ajustes a serem feitos em função da realidade do trabalho e do confronto inicial com a difícil realidade da profissão.

Assim sendo, os primeiros anos de profissão configuram-se como fundamentais na estruturação da prática profissional e são responsáveis pelo estabelecimento de métodos e certezas sobre a atividade de ensino que acompanharão o professor ao longo de sua carreira. Seguindo o mesmo pensamento, Marcelo Garcia (1999) descreve o período inicial na docência como o período de tempo que compreende os primeiros anos, nos quais os professores precisam realizar a transição de estudantes a docentes. É uma etapa de tensões e

aprendizagens intensivas em contextos geralmente desconhecidos, durante a qual os principiantes devem adquirir conhecimento profissional, além de conseguir manter certo equilíbrio pessoal.

Portanto, se o professor tiver uma forte base inicial, ele terá maior chance de obter sucesso na sua profissão, não importando se sua formação é presencial ou a distância, o importante é termos bons profissionais. O MEC foi criticado por alguns listeiros por ser o responsável por ter liberado os cursos a distância. Neste ponto discordamos dessa posição, considerando as normas a serem seguidas pelas instituições proponentes de cursos a distância. Esses critérios parecem que estão sendo seguidos, tendo em vista os informes publicados no “Portal do MEC<sup>6</sup>”, no dia 23/11/2008, a respeito do descredenciamento de cursos e fechamento de pólos. Foi determinada a desativação de 1.337 centros de educação a distância no país, com a suspensão de vestibulares ou redução de novas vagas, e estipulado o prazo de um ano para que as universidades promovam melhorias, sob ameaça de descredenciamento. As medidas atingiram quatro instituições de ensino que, juntas, concentram 54,7% dos 760.599 alunos de graduação à distância no Brasil. “Elas cresceram rápido demais. Estamos dando um freio nessa expansão, com um choque de qualidade”, esclareceu o secretário de educação a distância do MEC, Carlos Bielschowsky. Tanto os cursos presenciais, quanto os cursos a distância devem privilegiar a qualidade do ensino, caso contrário podem ser descredenciados pelo MEC.

É importante ressaltar que nem todos aqueles, dentre os participantes da *listageografia*, que fizeram cursos de educação a distância são favoráveis a essa modalidade de ensino. Leia-se a mensagem abaixo:

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=11664](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=11664). Acessado em 23/11/2008.

**CABEÇALHO**

De: "I.G."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 20 de Outubro de 2006 5:36 pm

Assunto: Re: UFMG, geografia e graduação à distância

**MENSAGEM**

Caro colega,

Já fiz dois cursos de especialização à distância, um na UFRRJ e outro na PUC-MG. Na MINHA opinião: cursos de GRADUAÇÃO à distancia são, de forma geral, menos eficazes que os cursos presenciais. Talvez um dia eu possa ser provado do contrário. Também são uma forma barata de distribuir diplomas e uma forma eficiente de diminuir o mercado de trabalho do professor. Não é RIDÍCULO eu ter essa opinião. É meu legítimo direito.

Parabéns pelo seu curso de ótima qualidade.

I.G. (Mensagem nº 40.297)

A oposição à educação a distância revela-se de modo contundente nas mensagens sobre a formação do professor de Geografia. O listeiro I.G. relata que já participou de dois cursos a distância em duas universidades importantes do Brasil, e mesmo assim, continua achando o presencial melhor do que o curso virtual. Um curso presencial pode de fato ser melhor do que um curso virtual, e com certeza temos diversos cursos presenciais melhores do que cursos virtuais, mas o contrário também é verdadeiro. O MEC divulgou recentemente uma lista desativando mais de 1300 centros de ensino a distância, se os cursos a distância não primarem por uma excelência na qualidade e na sua infra-estrutura, de fato eles devem ser fechados.

O listeiro A.R. também demonstra uma posição contra a EAD conforme podemos observar em sua mensagem.

**CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de Abril, de 2006 12:16 pm

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

A Educação no Brasil vai de mal a pior. Com o curso a distância não teremos mais maus profissionais, teremos agora os péssimos! Quem tem força de vontade passa no vestibular de uma boa faculdade ou universidade - pública de preferência. Só defende curso a distância quem nunca entrou numa sala de aula ou está pensando em abrir um, visto que deve dar dinheiro. Os materiais, os laboratórios, as aulas práticas, as aulas teóricas, as pesquisas, e a convivências com os bons professores são fundamentais para se formar um bom geógrafo. Por isso, são incompatíveis com um curso a distância. Desculpem a franqueza.

A.R.

ps.: para os que fizeram uma péssima licenciatura, não adianta fazer cursos complementares e suplementares. Cabe a esta pessoa fazer um ótimo bacharelado, de 4 a 5 anos, como todos os bons geógrafos fizeram. (Mensagem nº 36.508)

Este listeiro é totalmente contra a EAD , em sua opinião, é impossível ser um bom profissional sem uma formação presencial. É importante ressaltar que os debates começam sem uma definição concreta sobre o tipo de profissional que frequentou curso de licenciatura ou curso de bacharelado, não podemos generalizar, podemos encontrar bons profissionais que se formaram no presencial e bons profissionais que estão se formando no virtual. Observa-se que na fala do participante A.R. comenta-se sobre cursos de bacharelado, já o sujeito M.K., na sua primeira mensagem, não deixou claro qual curso está defendendo, licenciatura ou bacharelado em Geografia, entretanto em sua segunda mensagem, explica que se trata do curso de licenciatura, e se mostra a favor de cursos a distância. Este detalhe é muito importante, pois os dois podem criar uma polêmica e não perceberem que estão discutindo sobre aspectos diferentes. A discussão sobre licenciatura em Geografia a distância é diferente de bacharelado em Geografia a distância.

É importante observar também, que o sujeito A.R. aponta que se uma pessoa tem força de vontade ela poderá passar num vestibular público e vai cursar um curso presencial e não um curso a distância. Isso não é bem verdade, alguns aspectos devem ser analisados, algumas pessoas de fato podem estudar e passar nas melhores universidades, mas estas pessoas não precisam trabalhar e acabam fazendo os melhores cursinhos pré-vestibulares, portanto, ficam estudando três anos para passar no vestibular, e mesmo assim alguns não conseguem. Entretanto, há pessoas que trabalham o dia todo e não têm condições de estudar o suficiente para concorrer às vagas das universidades mais concorridas do país, estas pessoas acabam muitas vezes optando por fazer faculdades particulares ou a distância e isso em hipótese alguma pode desqualificar estas pessoas que podem se transformar num excelente

profissional, muitas vezes melhor do que aqueles profissionais que dedicaram anos para entrar nos melhores vestibulares do Brasil.

O listeiro M.K. responde ao participante A.R., num tom menos amigável, observa-se que em muitos momentos a discussão ficou um pouco tensa:

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de Abril, de 2006 12:53 pm

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

Caríssimo bom Geógrafo A.R. formado pelo excelente curso presencial, curso esse em questão que dá garantia de bons profissionais.

Você faz análises sobre pessoas pela qual nem conhece? Em que base você esta se relacionando para dizer quais são os bons cursos ou não? Aconselho a vossa pessoa formado no excepcional curso presencial a ficar mais atualizado. Queira você ou não os cursos a distância se farão presentes, meu curso não precisa da concordância de alguns temos o reconhecimento e aprovação do MEC. Para aqueles que nem sabem os trabalhos dos cursos da UFES a distância daqui são usados como monografias dos excelentes cursos presenciais em outras faculdades. Como vários colegas que certamente são bons profissionais e tem consciência do que falam, sabem q pelo menos 50% da formação de alunos depende do próprio aluno.

E como vc disse não tenho interesse algum em abrir faculdade, serei um Geógrafo com paixão curto muito o que faço e isso já é um grande fator para eu ser um bom profissional, minha paixão por ela. Tenho um campo vasto onde trabalho com o setor de Geografia, e terá um profissional formado pelo EAD. Como já disse alguns que tanto denigrem a imagem do curso a distância tem medo como já afirmaram aqui de perder mercado, mas talvez pq nunca tiveram mercado mesmo. É uma pena que tenhamos pessoas com esse pensamento mesquinho. Moro no norte do ES e o curso mais próximo de minha cidade presencial é o da UFES que fica a 200 KM de minha casa, trabalho, tenho filhos e gostaria de saber do nosso amigo como ele iria cursar um presencial dessa forma. Ao contrário do que muitos imaginam os cursos do EAD são para ajudar as pessoas de baixo poder aquisitivo e com pouco tempo a ter oportunidade de ter uma formação, se será um bom profissional ou não dependerá tanto dele como da faculdade. Conheçam melhor sobre os assuntos q vocês falam, pois eu falo do que eu conheço. E desculpem aos colegas pela opinião, sei que tem excelentes profissionais e que com certeza dão orgulho a profissão de Geógrafo.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 36.510)

O sujeito M.K. começa sua mensagem criticando a mensagem postada pelo listeiro A.R., dizendo de forma irônica "*Caríssimo bom geógrafo A.R. formado pelo excelente curso presencial*". Na verdade o sujeito M.K. quer mostrar que não necessariamente um curso presencial será a solução dos problemas e que só no curso presencial teremos excelentes profissionais e o "resto" não serve para o mercado de trabalho, isso não é verdade, podemos ter bons profissionais e péssimos profissionais formados presencialmente e certamente no

virtual também. O listeiro M.K. também toca num ponto importante quando justifica sua escolha pelo curso a distância dizendo que mora a mais de 200 km de distância de um curso presencial e que isso é um empecilho. De fato, um dos motivos da criação da educação a distância, foi justificada pela grande extensão do territorial do Brasil, assim pessoas que vivem em áreas sem faculdades poderiam de certa forma cursar um faculdade.

O participante S.V. separa os cursos de licenciatura dos cursos de bacharelado, ele é contra os cursos a distância, insistindo na banalização da profissão proporcionada pelos cursos a distância. A rapidez do curso, as preocupações de ordem econômica por parte de quem os oferecem são algumas questões que vêm sendo postas pelos listeiros, conforme se lê na mensagem:

**CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de Abril, de 2006 12:08 am

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

E.B.

Até agora, o que se discutiu nesta lista foi a Licenciatura em Geografia à distância, que se proliferou por todo o País. A nível de graduação, não existem cursos à distância de Engenharia, Arquitetura e Direito, no Brasil. Sinceramente, não concebo um curso de Bacharelado em Geografia à distância e, já não vejo motivação para os cursos presenciais de Licenciatura em Geografia, ante a banalização vigente. Os que fizeram graduações à distância não de dizer que eu não sinto na pele os obstáculos que os motivaram a abraçá-las. Sim, é verdade, todos os meus cursos foram presenciais. Como Licenciado e Bacharel em Geografia em cursos presenciais, estou muito preocupado com o futuro das formações em Geografia. A maioria dos cursos presenciais em Geografia apresenta formações incompatíveis com o mercado de trabalho e, geralmente, os cursos à distância estão ligados à instituições que ministram cursos presenciais. Hoje, os cursos presenciais são voltados à Licenciatura em Geografia, amanhã, podem estar voltados também para o Bacharelado. Embora a tecnologia nos surpreenda a cada dia: as bibliotecas virtuais já existem, mas não consigo concretizar laboratórios virtuais, trabalhos de campo virtuais, etc. (...).

Um abraço

S.V. (Mensagem nº 36.523)

Observamos que o sujeito se preocupa com o futuro dos professores de Geografia e acredita que não é possível formar bons profissionais com cursos a distância e aponta ainda

que a banalização vigente desses cursos, resultante das políticas educacionais, poderá agravar os processos formativos. O sujeito S.V. deixa claro que muitos cursos a distância estão vinculados a faculdades que ministram estes cursos presenciais, que também não são bons e não têm formado bons profissionais. Desta forma podemos pensar que o problema não está na questão de um curso ser presencial ou ser virtual, e sim na qualidade destes cursos.

Observa-se que os sujeitos possuem percepções diferentes sobre o que significa formar profissionais de Geografia a distância. A esse respeito, afirma Giusta (2003):

(...) a qualidade do projeto pedagógico a ser implementado: seus objetivos, a concepção de processo ensino/aprendizagem adotada, a pertinência e a atualidade dos conteúdos, as estratégias didáticas, as relações entre os participantes, a liberdade para buscar informações e colocar e discutir problemas reais levantados pelo grupo. (GIUSTA, 2003, p.27)

Um curso de educação a distância deve ter qualidade, estratégias didáticas, professores bem preparados, não só em relação ao seu conteúdo, mas também quanto ao domínio das tecnologias.

Na mensagem de M.K., este acredita ser possível que se formem bons profissionais em cursos a distância, e que o principal é o aluno, que deve estudar e mostrar sua capacidade. A.R., no entanto, é totalmente contra a modalidade a distância, pois considera que apenas o ensino presencial serve, principalmente para um curso de bacharelado. Já o listeiro S.V., aponta que a qualidade destes cursos é o mais importante e acredita que nem os cursos presenciais estão formando bons profissionais, portanto os cursos a distância não serão capazes de resolver o problema da má formação. Trata-se, portanto de posições bastante firmes e contraditórias que revelam não apenas a formação dos sujeitos e o conhecimento que têm sobre educação a distância. Não é objetivo deste trabalho a escolha de uma ou outra posição, mas sim levantar a questão: é possível formar bons profissionais de Geografia a distância? Mais: é possível fazer críticas sem conhecimento?

Relembrando Lévy (1996), é importante conhecer o virtual antes de criticá-lo. No caso do participante V. (mensagem já citada, ver mensagem 2 no Anexo), ele se recusa a debater sobre o assunto, mostrando-se radicalmente contra a educação a distância.

Paralelamente a essa posição, vem somar-se a questão profissional e, na visão de um participante (Z.S.), a questão está na seriedade e na qualidade dos cursos presenciais e na banalidade dos cursos a distância que despejam no mercado os profissionais.

**CABEÇALHO**

De: "Z.S."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 11:34 am

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

Queria parabenizar o nosso colega V. pelas suas colocações em relação ao curso a distância de geografia da UFRN, e acrescento mais, isso creio que é um desrespeito contra nós que passamos 5 anos dentro da UNIVERSIDADE, estudando pra valer, (...). E o mais incrível é que estas pessoas ainda tomam em muitos os casos a nossas vagas no mercado de trabalho. Mostro a minha indignação quanto a divulgação deste tipo de curso nesta lista. Acho que isso é uma afronta a disciplina ACADEMICA DE GEOGRAFIA. Cabe a nós lutar ou mostrar se realmente estas pessoas são aptas a concorrer com nós de igual para igual uma vaga no mercado de trabalho e se elas estarão aptas a formar cidadãos críticos e cívicos capaz de reconhecer a realidade tal qual como ela é.

Z.S. (Mensagem nº 36.493)

A indignação de Z.S. deixa claro que a educação a distância não forma cidadãos críticos, capazes de competir com profissionais formados em cursos presenciais. Na *listageografia*, essa polêmica prossegue, mas é importante ressaltar que algumas universidades brasileiras já trabalham para unificar os dois sistemas, para que trabalhem numa sinergia para o avanço da educação no país.

Ser contra ou a favor da educação a distância já se tornou um lugar comum não apenas entre acadêmicos, mas também entre pessoas que não conhecem bem a questão. Na *listageografia*, os participantes se posicionaram de forma bastante declarada, criando-se uma tensão entre aqueles que defendem a modalidade de ensino a distância e outros que a rejeitam.

Em primeiro lugar é importante retomar a mensagem que deu mote a discussão e lembrar mais uma vez que a divulgação do curso a distância da UFRN é para professores já

em exercício. O listeiro Z.S., também é contra a educação a distância e contra a divulgação de mensagens que abordem esse tema na *listageografia*. Diferentemente do listeiro V., o usuário Z.S. apresenta algum argumento, apontando que é um desrespeito com os alunos que passaram 05 (cinco) anos freqüentando diariamente a sala de aula e fazendo projetos de pesquisa.

Para tecer alguns comentários sobre a fala do listeiro Z.S., podemos citar Lévy (2006) que esclarece que novas ferramentas alteram a cultura ao oferecerem novas formas de fazer. Assim, a educação a distância é uma nova forma de aprender, portanto, se diferencia do modo tradicional de ensino onde o aluno passa cinco anos freqüentando uma sala de aula. Na educação a distância, a metodologia de estudo se faz de forma diferente, pois os alunos estudam na hora que for melhor, claro que isso exige uma maior autonomia, como aponta Belloni (2006, p.29) ao afirmar que a aprendizagem a distância “se caracteriza essencialmente pela flexibilidade, abertura dos sistemas e maior autonomia do estudante.” Se o aluno se dedicar e tiver vontade pode se tornar um excelente profissional mesmo estudando a distância. Como aponta Gilberto (2006, p.162), “Não se trata, portanto, de formar apenas profissionais para o mercado de trabalho, mas de propiciar a reflexão crítica, de modo a formar sujeitos qualificados, autônomos, sensíveis ao outro e às mudanças que virão a ocorrer”. É possível sim, formar professores a distância com capacidade e competência, independente se eles estão dentro de uma universidade, como aponta o listeiro Z.S., porque mesmo no virtual é possível que o aluno esteja mais presente do que num curso presencial.

Como a educação a distância entrou em vigor no Brasil com a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, nada mais importante que discutir essa nova forma de ensino, apesar de alguns não desejarem este debate. Em uma mensagem enviada para meu e-mail pessoal (o listeiro optou por enviar a mensagem em particular e não para a lista toda), logo após eu ter

postado uma mensagem para todos na lista sobre educação a distância, dois anos depois do acirrado debate na mesma lista, um listeiro escreveu:

**CABEÇALHO**

De: "V. F."

Para: "L.C."

Data: Quinta, 26 de Junho, 2008 10:19 am

Assunto: Re: Entrevista Educação a Distância e Lista de discussão

**MENSAGEM**

Educação a distância!!! Principalmente na área de geografia é um caso muito sério, pois temos que ter contato com o meio espacial (pesquisa de campo), além disto, só discuto esse assunto na geografia, quando tiver curso de medicina a distância, engenharia e direito a distância. Porque só na área de educação?

V. F.

O participante mostrar-se preocupado com a modalidade a distância, principalmente por se tratar de profissionais da área de humanas. Ele se baseia nos trabalhos de campo, necessários à formação do professor de Geografia e do Geógrafo, o que não seria possível fazer a distância. Neste caso entramos em outro debate, não seria possível o aluno fazer um trabalho com orientações específicas sem a presença do professor? Ele poderia buscar o material no campo e levar para o laboratório para analisar o material coletado com auxílio do professor, lembrando que num curso de licenciatura a distância temos aulas presenciais, portanto não seria diferente num curso de bacharelado.

É importante destacar que, recentemente, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) criou o curso de Bacharelado em Geografia a distância, em resposta ao edital da Universidade Aberta do Brasil (UAB), do Ministério da Educação. Ele foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFMG em 6 de setembro de 2007.

O Curso é composto por oito semestres, e ainda não começou. No momento estão no processo de seleção de tutor a distância, como pode ser observado na mensagem abaixo, que estava disponível no site (<http://mambo.grude.ufmg.br/paginas/caed>, acesso em 06/10/2008) do Centro de Apoio à Educação a Distância da Universidade Federal de Minas Gerais (CAED/UFMG):

O Centro de Apoio à Educação a Distância da Universidade Federal de Minas Gerais – CAED/UFGM - torna público as Normas Gerais para o Processo de Seleção de Tutores a Distância, que realizarão o acompanhamento das disciplinas oferecidas no Curso de Graduação, Bacharelado em Geografia, nos Pólos de Campos Gerais, Conselheiro Lafaiete, Corinto e Formiga que integram o Programa da Universidade Aberta do Brasil, sob a coordenação da Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).<sup>7</sup>

Observa-se que a discussão de cursos de Bacharelado em Geografia a distância deve-se intensificar, pois já é uma realidade.

Na *listageografia*, surgiram alguns debates referentes ao curso de bacharelado a distância. Lembrando que os debates ocorreram em 2006, é bem provável que em 2009, com o início dos primeiros cursos de bacharelado em Geografia a distância, o debate volte à lista. Em alguns momentos, os listeiros perderam o foco principal do debate e em suas mensagens fazem renascer antigas rivalidades, entre elas, o ensino privado e o ensino público:

**CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 10 de junho de 2006 10:20 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

A grande maioria das universidades particulares são ruins sim! E também elas não têm quase que pesquisa alguma. Quando as tem é sempre algo que tenha retorno financeiro garantido, o que geralmente significa que não é de valor nenhum para a sociedade e para a ciência em questão. Estou mentindo G.M.2? Ou estou apenas botando lenha na fogueira das vaidades e da rivalidade?

ps.: claro que existem as exceções ... e, por sinal, brilhantes exceções!!

A.R. (Mensagem nº 37.512)

É importante observar que alguns sujeitos fazem questão de voltar antigos debates sobre qual tipo de ensino é melhor: o particular ou o público. Este não é o objetivo do nosso trabalho, entretanto, algumas mensagens tocam no assunto. Concordo com alguns listeiros que deixaram claro que este debate não levará a lugar nenhum, temos bons profissionais formados em faculdades particulares e faculdades públicas, o que vai fazer diferença mesmo é

---

<sup>7</sup> Disponível em: [www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Dec\\_Fed\\_EAD/2494\\_98.pdf](http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Dec_Fed_EAD/2494_98.pdf) Acessado em: 03/10/2008.

a dedicação e o empenho de cada um. Apesar das divergências que sustentaram o debate sobre educação a distância na *listageografia*, pode-se dizer que os participantes da lista, no período selecionado para esta pesquisa, interagiram, postaram seus comentários e estabeleceram laços. Além disso, desenharam um texto aparentemente fragmentário, porém com um eixo comum, que proporcionou reflexões sobre a modalidade a distância. Para Haesbaert (2004)

(...) controlar o espaço indispensável à nossa reprodução social não significa (apenas) controlar áreas e definir “fronteiras”, mas, sobretudo, viver em redes, onde nossas próprias identificações e referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na (sempre relativa) estabilidade, mas na própria mobilidade. (HAESBAERT, 2004, p.279).

Este debate sobre as mensagens ocorrem num território, Haesbaert (2004) em uma das suas vertentes sobre o território, define o território cultural que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Na *listageografia*, os listeiros se apropriam deste espaço do qual participam e onde explicam, divulgam informações, brigam e criam laços de amizades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou discutir aspectos da educação a distância na visão de participantes de uma lista de discussão de Geografia. A seleção das mensagens que abordaram o tema sobre educação a distância apontou boa interação entre os listeiros, considerando que a maior parte das mensagens obteve respostas, criando “teias” de comunicação. Durante a análise foi necessário gerar estas “teias” para separar os debates sobre educação a distância.

Com relação aos objetivos primordiais de nossa pesquisa, buscamos investigar as mensagens da lista de discussão de Geografia, com vistas a mapear inicialmente os temas ali tratados e verificar o debate que os participantes fazem em relação à educação a distância. Após meses de procura e leituras intermináveis, observamos diversos temas importantes relacionados à educação e ao ensino de geografia que poderiam gerar inúmeras pesquisas. Entretanto nosso foco é EAD. Foi feito um mapeamento e obtivemos como resultado mais de 150 mensagens com o tema educação a distância e mais de 200 mensagens com o tema educação a distância e ensino a distância. Fizemos uma releitura das mensagens, e foram selecionadas setenta, sendo que nas outras mensagens apenas apareciam as palavras educação ou ensino a distância, mas não havia nenhum debate. Com relação ao período recortado na nossa pesquisa – 20 de abril até 30 de outubro de 2006 – as análises mostraram que existe um forte desencontro em relação a educação a distância, nas mensagens analisadas, ficou claro a discordância entre os listeiros. Formaram-se dois grupos um a favor de curso de Geografia a distância e outro grupo contra. Um terceiro grupo se formou durante a análise das mensagens, este grupo, apresenta dúvidas em relação a educação a distância, entretanto deixa claro que não é contra a EAD, alguns listeiros apontam que é necessário aprofundar os estudos sobre o assunto e esperar os resultados aparecerem.

É muito importante lembrar que os cursos de EAD no Brasil são recentes, portanto temos poucos profissionais formados até o momento.

Através das mensagens percebeu-se a importância de aprofundar as questões relacionadas à formação inicial do professor, posto que a discussão maior girou em torno da melhor modalidade de ensino. Para uma parte da comunidade virtual, o ensino presencial é o único que forma profissionais críticos e reflexivos. Para outros, a modalidade a distância também oferece ensino de qualidade, lembrando que os profissionais formados a distância estão chegando ao mercado agora. É claro que outros aspectos são importantes para termos uma boa formação, conforme esclarece Tardif (2002). Independente da modalidade de ensino há que se considerar os saberes advindos da própria história de vida do sujeito, de sua escolarização anterior, da experiência na sala de aula e na escola, de seus estudos teóricos.

Os listeiros que se declararam a favor da educação a distância demonstraram conhecer bem as vantagens da EAD. Isso foi percebido em seus discursos, que revelam conhecimento de autores da área da educação a distância. No grupo que se coloca desfavoravelmente ao ensino a distância, pudemos observar um discurso sem fundamentação teórica, sem embasamento, visto que o participante apenas se posiciona contra a implementação de cursos a distância, com argumento de que esses cursos acabarão por colocar fim à Geografia. O aspecto mais evidenciado diz respeito ao ensino presencial e os argumentos focam a impossibilidade de se estudar sem a presença física, sem o contato “ao vivo” com professores e alunos. Os listeiros que se colocam nessa posição não revelam domínio ou leitura do assunto. O que se observou em um sujeito desta vertente que é contra a EAD, um discurso feito com bagagem teórica maior sobre a Geografia, este conseguiu abordar pontos importantes que enriqueceram de certa forma o debate.

A questão da formação do professor levou os listeiros à polêmica entre virtual e presencial. Paralelamente à formação, a questão da profissionalização docente também veio à

tona nas discussões, questão essa que precisa ser repensada e reestruturada como um todo, abrangendo as dimensões da formação inicial e da formação contínua (Fullan e Hargreaves, 2000), de modo a formar um profissional mais preparado para exercer sua atividade.

Em junho de 2008, enviei um questionário para a lista fazendo alguns questionamentos em relação à educação a distância, mas só obtive três e-mails de resposta. Um sujeito não respondeu o questionário e afirmou que educação a distância na Geografia é um absurdo. Os outros dois sujeitos responderam o questionário, entretanto, não haviam participado do debate durante o período selecionado para a pesquisa, sendo que ambos revelaram preferir o curso presencial. Isso significa que, passado algum tempo do acirrado debate, ainda persiste a polêmica e a educação a distância ainda é considerada discutível. Importante citar que a hipótese da lista de discussão de Geografia ser um território virtual foi confirmada, visto que serviu como local onde os participantes discutiram diversos assuntos e até polemizaram. Porém esses conflitos contribuindo para o crescimento de muitos participantes, que aprenderam sobre Geografia e também sobre educação a distância.

Aqui podemos lembrar Santos (em sua entrevista para CARVALHO, LEITE e SEABRA, 2004), que prefere usar o termo “território usado”. De acordo com Santos, “o importante é saber que a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado, e que esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual”. Na lista de discussão foi observada a participação e a discussão de vários listeiros, um permanente diálogo sobre diversos temas. Portanto, a idéia de um “território usado”, proposto por Santos, de fato ocorreu na *listageografia*, com o número crescente de listeiros e com o aumento de mensagens que circulam na lista.

Mas a lista de discussão seria uma comunidade virtual? Rheingold (1996, p.44), aponta que “numa comunidade virtual podemos ir diretamente ao lugar onde os assuntos preferidos são discutidos” e neste ponto podemos afirmar que a lista de discussão é uma

comunidade virtual, pois muitos listeiros escolhem participar de debates específicos, aqueles que são pertinentes a sua temática de estudo, ou por questão de interesse. Portanto concluímos que a *listageografia* é uma comunidade virtual, porém, ressaltamos que para os listeiros que apenas estão interessados em informações e que não participam de debates o conceito de comunidade virtual não se aplica.

A pesquisa foi muito importante para minha formação profissional, além de aprofundar meus conhecimentos sobre listas de discussão, ciberespaço, comunidades virtuais, educação a distância e território. Ficou muito clara a não aceitação da educação a distância nos cursos de Geografia por parte de alguns participantes. Esta pesquisa contribuiu para apresentar a visão de profissionais da geografia, porém a questão é ampla e, certamente, poderá propiciar outros estudos sobre o tema. Para mim representou a possibilidade de ver na *listageografia* a mobilidade constante que a caracteriza, assim como conhecer no mundo virtual o direito de ir e vir no ciberespaço, participando das comunidades virtuais, seja ativamente ou de forma mais passiva.

**REFERÊNCIAS**

ALEGRETTI, Sonia Maria M. de; ALONSO, Myrtes. *Introduzindo a Pesquisa na Formação de Professores a Distância*. In: VALENTE, José Armando; PRADO, Maria Elisabette B. Brito; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (orgs). *Educação a Distância Via Internet*. São Paulo: Avercamp, 2003.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. *Incorporação da Tecnologia de Informação na Escola: Vencendo Desafios, Articulando Saberes, Tecendo a Rede*. In: MORAES, Maria. Cândida. *Educação a Distância – Fundamentos e Práticas*. Campinas: UNICAMP/NIED, 2002.

ALVARIÑO, Célia. *A formação de professores à distância via Internet*. In: TEDESCO J. C (org.). *Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo: Cortez, 2004.

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LÜDKE, Menga. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ANTONIOLI, M. *Deleuze et l'histoire de La philosophie*. Paris: Editions Kimé, 1999.

BASÍLIO, Lourdes Fátima. *Conversação Eletrônica em um Grupo de Discussão via Internet*. 201f. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

BATISTA, Erlinda Martins, GOBARA, Shrleiy Takeco. *O fórum on-line e a interação em um curso a distância*. IX Ciclo de Palestras sobre Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, 2007. <Disponível: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8cErlinda.pdf> Acesso: 19/06/2008 >

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a Distância*. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Mônica de; LEITE, José Corrêa, SEABRA, Odette (entrevistadores). *Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos*. 2ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: economia, sociedade e cultura*. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRYSTAL, David. *Language and the Internet*. United Kingdom. Cambridge University Press. 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1980.

- FAZENDA, Ivani C. (org.) *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise de Conteúdo*. 2ª ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FULLAN, Michael; HARGREAVES, Andy. *A Escola como Organização Aprendente – buscando uma educação de qualidade*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GASPAR, Jorge. *Técnica, território e poder*. In: BRANDÃO, Maria A. Milton Santos e o Brasil: território, lugares e saber. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- GILBERTO, Irene Jeanete Lemos (Org.). *Universidade em Tempos de Desafio*. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2006.
- GIUSTA, Agnela da Silva; Franco, Iara Melo (Org.) *Educação a Distância – Uma articulação entre a teoria e a prática*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2000.  
\_\_\_\_\_. *As Três Ecologias*. 17ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HAESBAERT, Rogério da Costa. *O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Territórios Alternativos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LÉVY, Pierre. *O Que é o Virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.  
\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.  
\_\_\_\_\_. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.
- LUCAS, Giovana de Azevedo Pampanelli. *Ciberespaço e Sociabilidade: um estudo de caso do Sítio “Agenda do Samba e do Choro”*. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- MARCELO GARCIA, C. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.
- MARTINS, Joel. *A Pesquisa Qualitativa*. In: FAZENDA, Ivani C. (org.) *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MASETTO, Marcos T. *Mediação Pedagógica e Uso da Tecnologia*. In: BEHRENS, Marilda A., MASETTO, Marcos T., MORAN, José M. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2006.

McCLEARY, Leland Emerson. *Aspectos de uma Modalidade de Discurso Mediado por Computador*. São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

Ministério da Educação (MEC) – Portal do Ministério da Educação. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=11664](http://portal.mec.gov.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=11664). Acessado em 30/12/2008.

MOR, Dario. *Aprendendo a usar as listas de discussão*. Revista INTERNET.BR, 1997.

MORAES, Maria Cândida. *Educação a Distância – Fundamentos e Práticas*. Campinas: Unicamp/Nied, 2002.

PRENSKY, Mark. *Digital Natives, Digital Immigrants*. NCB, University Press, Vol. 9 No. 5, 2001.

RHEINGOLD, Howard. *A Comunidade Virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. *Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação e Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES)*, Campinas, n. 73, p. 209-244, 2000.

TERRA, Marisa da Costa. *Três Meses na Vida das Listas de Discussão LAINFO-KNOW e COMUT-ON-LINE*. *Transinformação*. v.10, n.3, p. 89-113, setembro/dezembro, 1998.

VALENTE, José Armando (org). *O Computador na Sociedade do Conhecimento*. Campinas: Nied, 1999.

VALENTE, José Armando, PRADO, Maria Elisabette B. Brito, ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (orgs). *Educação a Distância Via Internet*. São Paulo: Avercamp, 2003.

VIANNEY, João. *A Universidade Virtual no Brasil – o ensino superior a distância no país*. Tubarão: Ed. Unisul, 2003.

VICTORIANO, Erisana Célia Sanchez. *Netspeak e Participação em Fóruns de Discussão On-line*. 91f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Universidade Católica de São Paulo, 2005.

## ANEXOS

## ANEXO 1 -

Ordem	Nº da mensagem	Usuário da Lista	Título da Mensagem	Data
1	36480	W.G.	UFRN terá curso a distância de geografia	20 de Abr de 2006 6:16 pm
2	36481	V.	Re: UFRN terá curso a distância de geografia	20 de Abr de 2006 6:43 pm
3	36488	W.G.	Re: UFRN terá curso a distância de geografia	21 de Abr de 2006 9:41 am
4	36491	M.K.	Re: UFRN terá curso a distância de geografia	21 de Abr de 2006 2:59 pm
5	36492	M.K.	Re: UFRN terá curso a distância de geografia	21 de Abr de 2006 2:59 pm
6	36493	Z.S.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	21, de Abr de 2006 3:00 pm
7	36495	L.T.	Re: UFRN terá curso a distância de geografia	21 de Abr de 2006 3:14 pm
8	36496	V.R.	Re: UFRN terá curso a distância de geografia	21 de Abr de 2006 9:02 pm
9	36497	M. K.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	21 de Abr de 2006 9:03 pm
10	36498	M.K.	Re: UFRN terá curso a distância de geografia	21 de Abr de 2006 9:19 pm
11	36499	E.B.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	21 de Abr de 2006 10:11 pm
12	36506	T.C.W.	Ensino a distância e transformações nas universidades	22 de Abr de 2006 4:08 am
13	36508	A.R.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	22 de Abr de 2006 12:21 pm
14	36510	M.K.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	22 de Abr de 2006 12:53 pm
15	36511	J.O.	Educação a Distância	22 de Abr de 2006 4:15 pm
16	36516	G.M.	Re: curso a distancia- minha opinião	22 de Abr de 2006 4:58 pm
17	36521	M.K.	Re: curso a distancia- minha opinião	22 de Abr de 2006 10:49 pm
18	36523	S.V.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	23 de Abr de 2006 12:08 am
19	36524	S.V.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	23 de Abr de 2006 12:35 am
20	36526	R.B.	Educação a Distância um mal ou é um Bem? quem sabe?	23 de Abr de 2006 12:12 pm
21	36529	Z.S.	Cursos a Distância	23 de Abr de 2006 12:53 pm

22	36530	A.P.	Re: Cursos a Distancia	23 de Abr de 2006 3:38 pm
23	36533	A.R.	Re: curso a distancia- minha opinião	23 de Abr de 2006 5:51 pm
24	36546	A. C.	Re: Educacao aa Distancia	24 de Abr de 2006 11:22 am
25	36548	G.M.	Re: curso a distancia- minha opinião	24 de Abr de 2006 3:37 am
26	36573	W.G.	Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"	25 de Abr de 2006 11:26 pm
27	37403	M.K.	Educação a distância	6 de Jun de 2006 11:39 am
28	37421	I.F.D.	Re: Educação a distância	7 de Jun de 2006 10:43 am
29	37423	M.S.	Re: Educação a distância	7 de Jun de 2006 12:05 am
30	37429	T.F.B.	Re: Educação a distância	7 de Jun de 2006 10:19 pm
31	37433	M.K.	Re: Educação a distância	7 de Jun de 2006 10:21 pm
32	37434	R.S.	Re: Educação a distância	7 de Jun de 2006 10:21 pm
33	37436	M.K.	Re: Educação a distância	7 de Jun de 2006 10:21 pm
34	37440	M.K.	Re: Educação a distância	8 de Jun de 2006 1:07 am
35	37443	M.K.	Re: Educação a distância	8 de Jun de 2006 1:09 am
36	37449	G.M.	Re: opinião - Educação a distância	8 de Jun de 2006 8:35 am
37	37486	A.R.	Re: opinião - Educação a distância	9 de Jun de 2006 9:27 am
38	37493	M.K.	Re: opinião - Educação a distância	9 de Jun de 2006 1:13 pm
39	37500	G.M.2.	Re: opinião - Educação a distância	9 de Jun de 2006 7:38 pm
40	37501	T.F.B.	Re: opinião - Educação a distância	9 de Jun de 2006 7:38 pm
41	37506	A.R.	Re: opinião - Educação a distância	9 de Jun de 2006 7:54 pm
42	37512	A.R.	Re: opinião - Educação a distância	10 de Jun de 2006 10:20 am
43	37517	T.F.B.	Re: opinião - Educação a distância	10 de Jun de 2006 5:49 pm
44	37720	M.K.	Re: opinião - Educação a distância	17 de Jun de 2006 2:53 pm
45	37723	T.F.B.	Re: opinião - Educação a distância	17 de Jun de 2006 3:56 pm
46	37725	M.K.	Re: opinião - Educação a distância	17 de Jun de 2006 9:28 pm
47	37741	A. R.	Re: opinião - Educação a distância	18 de Jun de 2006 7:16 pm
48	37752	T.F.B.	Re: opinião - Educação a distância	19 de Jun de 2006 12:28 am
49	37776	G.M.2.	Re: opinião - Educação a distância	19 de Jun de 2006 10:00 am

50	37779	M.A.T.	Re: Re: opinião - Educação a distância	19 de Jun de 2006 11:20 am
51	37783	M.K.	Re: opinião - Educação a distância	19 de Jun de 2006 1:50 pm
52	37789	A.R.	Re: opinião - Educação a distância	19 de Jun de 2006 9:51 pm
53	37794	G.M.P.	Cursos de Licenciatura EAD	19 de Jun de 2006 2:00 pm
54	37806	A.P.	Re: opinião - Educação a distância	20 de Jun de 2006 9:07 am
55	37813	M.K.	Re: Cursos de Licenciatura EAD	20 de Jun de 2006 10:24 am
56	40260	I.G.	UFMG, geografia e graduação à distância	19 de Out de 2006 2:15 pm
57	40270	S.V.	Bacharelado à distância da UFMG	20 de Out de 2006 12:47 am
58	40273	S.V.	ONU Inaugura Programa de Ensino Virtual de Meteorologia Espacial	20 de Out de 2006 2:13 am
59	40294	M.K.	Re: UFMG, geografia e graduação à distância	20 de Out de 2006 12:34 pm
60	40297	I.G.	Re: UFMG, geografia e graduação à distância	20 de Out de 2006 5:36 pm
61	40298	M.K.	Re: UFMG, geografia e graduação à distância	20 de Out de 2006 8:13 pm
62	40304	R.A.	Re: UFMG, geografia e graduação à distância	21 de Out de 2006 1:07 am
63	40321	E.M.G.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	22 de Out de 2006 7:13 pm
64	40331	S.V.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	23 de Out de 2006 12:36 am
65	40338	M.K.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	23 de Out de 2006 10:10 am
66	40383	F.R.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	24 de Out de 2006 9:42 pm
67	40396	S.V.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	25 de Out de 2006 3:29 am
68	40482	F.R.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	30 de Out de 2006 12:44 am
69	40493	S.V.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	30 de Out de 2006 8:41 pm
70	40495	E.V.S.	Re: Bacharelado à distância da UFMG	30 de Out de 2006 9:25 pm

## ANEXO 2 –

## Cursos de Licenciatura em Geografia na Modalidade a Distância

INSTITUIÇÃO	PERIODICIDADE /DURAÇÃO	CRENCIAMENTO PARA CURSOS SUPERIORES MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	ORGANIZAÇÃO ACADÊMICA	INÍCIO DO CURSO
FTC (BA)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 2.144 de 16/07/2004. Publicada em 20/07/2004. Parecer CES/CNE nº 164/2004. Portaria MEC nº 558, de 20 de fevereiro de 2006.	Privada / Particular em Sentido Estrito	1º Semestre de 2005
UNIASSELVI (SC)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 4017 de 22/11/2005. Publicada em 23/11/2005. Parecer CES/CNE nº 379/05. Resolução UNIASSELVI nº 04, de 08/09/2004	Privada / Particular em Sentido Estrito	2º Semestre de 2005
UNIJUÍ (RS)	Oito Semestres	Portaria MEC nº 4.418 de 30/12/2004. Publicada em 04/01/2005. Parecer CES/CNE nº 362/2004 Resolução Consuni nº 30/2005, de 24/10/2005.	Privada / Comunitária / Filantrópica	1º Semestre de 2006
FINOM (MG)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 1.066 de 25/05/2006. Publicada em 26/05/2006. Parecer CES/CNE nº 090/2006.	Privada / Particular em Sentido Estrito	2º Semestre de 2006
UNIT (SE)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 651 de 17/03/2004. Publicada em 18/03/2004. Parecer CES/CNE nº 021/04. Resolução CONSAD nº 004, de 28/03/2006.	Privada / Particular em Sentido Estrito	1º Semestre de 2006
UNIUBE (MG)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 1871, de 02/06/05. Publicada em 03/06/2005. Credencia para a oferta de cursos superiores a distância. Resolução Consuni nº 079, de 29/09/2006.	Privada / Filantrópica	1º Semestre de 2007
UNIFRAN (SP)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 1.691, de 13/10/06. Publicada em 16/10/2006. Parecer CES/CNE n. 217/2006. Resolução Consuv nº 03, de 04/04/2007.	Privada / Particular em Sentido Estrito	2º Semestre de 2007
UNIVERSO (RJ)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 1.672, de 05/10/06. Publicada em 09/10/2006. Parecer CES/CNE nº. 102/2006.	Privada / Filantrópica	2º Semestre de 2007
CEFET (PA) Sistema UAB	Seis Semestres	Resolução nº 008/2006 CONDIR, de 26/04/2006. Funcionamento baseado pela Portaria MEC nº 873, de 07/04/2006.	Pública Federal	2º Semestre de 2007
UFS (SE) Sistema UAB	Oito Semestres	Autorizado pela Resolução CONEP nº 19, de 15/05/2007. Resolução Consuni nº 21, de 19/09/2007. Funcionamento baseado pela Portaria MEC nº 873, de 07/04/2006.	Pública Federal	2º Semestre de 2007
UFRN (RN) Programa Pró-Licenciatura	Oito Semestres	Processo de Autorização junto ao MEC em andamento. Funcionamento baseado pela Portaria MEC nº	Pública Federal	2º Semestre de 2007

		87320, de 07/04/2006.		
UEPB (PB) Programa Pró- Licenciatura	Oito Semestres	Processo de Autorização junto ao MEC em Andamento Funcionamento baseado pela Portaria MEC nº 873, de 07/04/2006.	Pública Estadual	2º Semestre de 2007
UNIMES (SP)	Seis Semestres	PORTARIA MEC Nº 559, DE 20 DE FEVEREIRO DE 2006.	Privada / Particular em Sentido Estrito	2º Semestre de 2007
CEUCLAR (SP)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 3635, de 10/11/2004. Portaria MEC nº 557, de 20 de fevereiro de 2006. Resolução CONSUP/CEUCLAR nº 2, de 31/05/2007.	Privada / Filantrópica	1º Semestre de 2008
UEPG (PR) Programa Pró- Licenciatura	Oito Semestres	Portaria MEC nº 652, de 16 de março de 2004.	Pública Estadual	1º Semestre de 2008
UNISA (SP)	Seis Semestres	Portaria MEC nº 1.176, de 08/04/2005, Publicado em 11/04/2005. Parecer CES/CNE nº 075/2005. Resolução CONSU nº 01, de 31/01/2008.	Privada / Filantrópica	1º Semestre de 2008
UFSM (RS) Programa Pró- Licenciatura	Oito Semestres	Funcionamento baseado pela Portaria MEC nº 873, de 07/04/2006.	Pública Federal	2º Semestre de 2008

Fonte: BERBAT, Marcio da Costa. Formação de Professores de Geografia na Educação Superior a Distância: Contextos Institucionais em Questão. 253f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Instituto de Geografia. Rio de Janeiro, 2008, p.132-3.

ANEXO 3 - As mensagens conforme foram enviadas para a *listageografia*. Para preservar o anonimato, os nomes foram indicados pelas iniciais.

---

**1**

**CABEÇALHO**

De: "W.G."

Para: "Lista"

Data: Quinta, 20 de abril, 2006 6:16 pm

Assunto: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

“UFRN terá curso a distância de geografia

19/04/2006 - 10h20 - Tribuna ON-Line

<http://www.tribunadonorte.com.br/unoticia.php?id=7782>

Agecom/UFRN

O Ministério da Educação aprovou proposta da UFRN para o curso de educação a distância em geografia, que será oferecido em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, exclusivamente para professores em exercício.

O curso faz parte do projeto Pró-Licenciatura, do Ministério da Educação, e será desenvolvido pela Secretaria de Ensino a Distância (SEDIS) da UFRN. As aulas deverão ter início no segundo semestre de 2006 e funcionarão nos pólos de Nova Cruz, Caicó, Macau e Pau dos Ferros. Serão oferecidas 420 vagas, das quais 240 são para o Rio Grande do Norte, e o restante para o estado da Paraíba. O Pró-Licenciatura também aprovou projeto da Secretaria de Ensino a Distância para os cursos de graduação em matemática, química e física." (Mensagem nº 36.480)

---

**2**

**CABEÇALHO**

De: "V."

Para: "Lista"

Data: Quinta, 20 de abril, 2006 6:23 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

Quando que vai ter cursos de medicina, direito e engenharia a distância?

Esse negócio de "curso de geografia" a distância é um absurdo, e deveria ser combatido a sua divulgação em nossa lista. Por isso que a nossa geografia e a educação estão assim. Claro que a filha mais nova do Darcy Ribeiro, a criação LDB incentiva um pouco isso, vai o meu repúdio a essa tentativa da UFRN.

V. (Mensagem nº 36.481)

---

**3**

**CABEÇALHO**

De: "W.G."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 9:41 am

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

V.,

Quanto a combater essa divulgação na LISTAGEOGRAFIA, respondo a você dizendo que isso é informação, a questão não é combatê-la, mas aproveitá-la para análise e, através dela, tomar uma atitude própria ou em grupo.

[]s

W.G. (Mensagem nº 36.488)

---

**4**

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 2:59 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

Eu acho que tem é que acabar com esse preconceito de cursos a distância. Na qual não são totalmente a distância, tem tutores na sala e tutores a disposição para se tirar as dúvidas. Talvez realmente seja melhor o curso presencial mas conheço muitos profissionais que se formaram dessa maneira e não tem conhecimento algum, o aprendizado varia muito do que o aluno realmente quer, se quer aprender ou apenas ter seu certificado, conheço várias pessoas que eram os melhores alunos da faculdade e quando foram para prática não sabia absolutamente por onde começar. Estou cursando a distância e minha força de vontade está bem além do que eles estão nos ensinando, temos uma boa biblioteca na faculdade e peguei para esse final de semanas 10 fitas de vídeo para assistir porque tenho força de vontade e sei que em qualquer curso a distância ou presencial o meu desempenho dependerá do que eu realmente quero. Aconselho as pessoas a conhecerem mais os cursos e suas estruturas para depois emitirem opiniões. Falo conhecendo a estrutura pela qual estou cursando.

Abraços,

M.K. (Mensagem n° 36.491)

**5****CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 1:04 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

Bom dia W.G., qual é sua opinião a respeito desse tipo de cursos?

Att,

Abraços,

M. K. (Mensagem n° 36.492)

**6****CABEÇALHO**

De: "Z.S."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 11:34 am

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

Queria parabenizar o nosso colega V. pelas suas colocações em relação ao curso a distância de geografia da UFRN, e acrescento mais, isso creio que é um desrespeito contra nós que passamos 5 anos dentro da UNIVERSIDADE, estudando pra valer, participando de projetos de pesquisa e/ou extensão, frequentando diariamente a sala de aula, viajando, participando de Congressos e depois vem pessoas e lançam estes cursos. E o mais incrível é que estas pessoas ainda tomam em muitos os casos a nossas vagas no mercado de trabalho. Mostro a minha indignação quanto a divulgação deste tipo de curso nesta lista. Acho que isso é uma afronta a disciplina ACADEMICA DE GEOGRAFIA.

Cabe a nós lutar ou mostrar se realmente estas pessoas são aptas a concorrer com nós de igual para igual uma vaga no mercado de trabalho e se elas estarão aptas a formar cidadãos críticos e cívicos capaz de reconhecer a realidade tal qual como ela é.

Z.S. (Mensagem n° 36.493)

**7****CABEÇALHO**

De: "L.T."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 3:13 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

Colegas listeiros,

O link revela que a notícia merece ser lida com cuidado: não é um curso aberto, mas direcionado à regularizar a situação e formação dos JÁ professores daquele estado. A LDB veio corrigir distorções da graduação dos professores, instalados como muletas pela abertura que a legislação permitia/não proibia: engenheiros lecionando exatas; advogados lecionando línguas e humanidades, um ensino que produzia um profissional formado em dissociação com a exigência do mercado. Uma graduação de pouco custo para os Estados, permitia ao formado em Estudos Sociais, por exemplo, lecionar História e Geografia! A LDB exigiu enquadrar em determinado

prazo, e houve a complementação para o pessoal já funcionário das redes municipais e estaduais (Minas Gerais já realizou: foram cursos emergenciais com estudo dirigido durante todo o ano e presencial concentrado nos recessos das escolas (janeiro e julho).

Uma tendência mundial de formação complementar ou acessória, que são os cursos à distância, não tem a pretensão de substituir a formação em sala de aula, e mesmo os "telecursos" não substituíram o formador.

O eminente mineiro Darcy Ribeiro colocou o ovo em pé aqui no Brasil, mas não votou sozinho a lei. A EAD está sendo adotada e divulgada e oferecida pelo CREA para algumas formações, ela em si não é o mal, não é mesmo? O inferno são os outros (Sartre).

Greetings, L. T. (Mensagem nº 36.495)

**8**

**CABEÇALHO**

De: "V.R."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 5:53 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

V.,

Estamos na era da informação. Não podemos ignorar um novo paradigma, centrado na ação educativa flexível, aberta e interativa, a partir do qual o aluno percorra o processo de aprendizagem dentro do seu ritmo individual, de forma autônoma.

Além disso, a Educação a Distância - EAD vem apresentando-se como uma possibilidade concreta de fazer a educação superior ultrapassar os limites dos centros urbanos, permitindo que a educação permanente se faça pelo acesso a novas tecnologias.

No caso da formação continuada de professores, o desafio é fazer com que tal formação se constitua em fonte de uma ação pedagógica transformadora.

Quanto ao curso de Medicina e Engenharia, precisamos aguardar o avanço da tecnologia.

Abraço,

V.R. (Mensagem nº 36.496)

**9**

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 4:15 pm

Assunto: Re: Indignação UFRN terá curso a distância de geografia

**MENSAGEM**

Estou cursando a Licenciatura a Distância e nem por isso me sinto inferior aqueles que fizeram o presencial. Me disponho a colocar os meus conhecimentos e praticas juntamente com vocês. Como já disse conheço profissionais que cursaram o presencial e perderam o mercado por não ter CONHECIMENTO pleno, e se o presencial com péssimos professores formam profissionais sem conhecimento que culpa tem os cursos a distância (que não são totalmente a distância e que exigem até mais dos alunos)? Por isso afirmo cabe o aluno o conhecimento pois os cursos a "distância" formaram assim como nos presenciais péssimos profissionais. Cursos a distância esses que não tiram minha visão crítica e vontade em cima de conhecimentos abordados nas universidades, como muitas trocas de favores, como sujeiras que não são comentadas e se quer imaginadas por alguns, se nossa educação é fraca não cabe culpar os cursos a distância que estão começando agora, onde já existem vários péssimos profissionais formandos nos PRESENCIAIS, como médicos, advogados etc...cursos não formam vontades e índoles do ser humano, isso vem de cada um. Aqui no ES um médico fez uma cirurgia errado em uma paciente, seria culpa de sua formação? Será que ele foi formado em algum curso a distância? Ou foi o presencial como que como em muitos casos não formou bons profissionais. Quanto ao ato de quererem proibir o pronunciamento desse assunto aqui só mostram o medo que tem de perderem espaço para profissionais mais capacitados (seja formados a distância ou presencial), são debates e opiniões sem ofensas, mostrando a opinião de um universitário que tem sua opinião formada buscando vários conceitos para tal opinião, não se baseando naquilo que nem tem conhecimento. Tenho muito a aprender, mas pelo visto tem muitos formados que tem ainda mais aprender do que eu.

Peço desculpas por minha opinião, mas fico indignado com a opinião de alguns que querem dar a culpa de péssimos profissionais aos cursos a distância que estão começando agora, comecei a lutar por esse curso na minha empresa e provei para mesma que consigo aprender com esse curso, pois vai de minha vontade enquanto o professor fala alguns temas na sala vou além, busco mais conhecimento sobre os assuntos, a todo instante estou estudando e me esforçando e provarei que podem sim ter bons profissionais formandos no cursos do EAD. E

parabéns aqueles que independentemente de como foi formado tem o conhecimento de um Geógrafo, busca sempre estar aprendendo nesse mundo amplo que é o Geográfico. Bons profissionais não se formam distantes ou presenciais mas sim na vontade de cada um, naquilo que querem ser, na visão que tem sobre onde querem chegar.

Abraços,

M. K. (Mensagem n° 36.497)

---

## 10

### CABEÇALHO

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 21 de abril, de 2006 9:06 pm

Assunto: Re: UFRN terá curso a distância de geografia

### MENSAGEM

Perfeito V.R.

Abraços,

M. K. (Mensagem n° 36.498)

---

## 11

### CABEÇALHO

De: "E.B."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 21 de abril, de 2006 10:11 pm

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

### MENSAGEM

Caros colegas,

O assunto é polêmico, reconheço, mas devemos ter um pouco de prudência antes de tecer algum comentário, pois essa intempestividade pode ofender alguém e, colocar o autor numa posição de retrogrado, preconceituoso, desinformado ou até mesmo de incivil.

No que se refere ao aperfeiçoamento legal e profissional daqueles que já ensinam geografia (Advogados, Agrônomos, Geólogos, etc) eu acho super interessante, já vem um pouco tarde na Geografia, pois na minha época de segundo grau foi quando eu conheci o melhor professor de Geografia que tinha como graduação a Agronomia.

Quem falou que na Engenharia, na Arquitetura, no Direito, entre outros, não existe os cursos de formação à distância? Quem falou que um aluno que faz o supletivo ou esses cursos rápidos para segundo grau não está apto a passar no vestibular?

Existem várias atribuições profissionais para os Geógrafos, Geólogos, Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos, que o profissional pode reivindicar a si mediante ter feito um curso de complementação, podendo ser esse ministrado a distância. Observe que estou exemplificando com cursos de atividades técnicas.

No caso da formação do Agrimensor e Topógrafo, esse pode fazer o curso, não interessa como, prestar exame junto à secretaria de educação do Estado, se passar, receberá seu certificado (diploma) e o Crea's são obrigados a aceitar. Eu entendo que o "grande filtro" seletor da qualidade profissional ainda continua sendo o mercado-de-trabalho... Depois, o sujeito, hoje, não deve satisfações somente ao cliente pelas suas irresponsabilidades técnicas profissionais, o cliente ou os prejudicados podem arguir a justiça comum para processar o profissional ou o Ministério Público. Enfim...Estou interessado em saber onde estão oferecendo cursos a distancia, pois tenho interesses em melhorar meus conhecimentos e enriquecer minhas atribuições profissionais, através dos amparos legal existentes e da tecnologia, fácil e de baixo custo, que hoje nos permite e temos acesso.

E.B. (Mensagem n° 36.499)

---

## 12

### CABEÇALHO

De: "T.C.W."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de abril, de 2006 4:08 am

Assunto: Ensino a distância e transformações nas universidades

### MENSAGEM

Caros colegas,

Considerando o recente debate na lista sobre a questão do ensino à distância, gostaria de recomendar a leitura de recente texto apresentado pelo ex-ministro da Educação e senador Cristóvam Buarque ao IEA-USP. O título do

artigo é A pós-Universidade, e aponta para um cenário possível para a universidade a partir do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Não que eu concorde totalmente com suas colocações, mas acho que o debate não se resume à questão da qualidade. Não podemos ignorar as transformações em curso. Devemos compreendê-las.

O link para o texto é o seguinte: <http://www.iea.usp.br/iea/ensinosuperior/artigobuarque2.pdf>.

Também será possível assistir a conferência com mesmo título do artigo, que será transmitida ao vivo pela internet no dia 15/05/06 às nove horas no seguinte endereço: [www.iea.usp.br/aovivo](http://www.iea.usp.br/aovivo)

Abraço a todos,

T.C.W. (Mensagem n° 36.506)

### 13

#### CABEÇALHO

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de Abril, de 2006 12:16 pm

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

#### MENSAGEM

A Educação no Brasil vai de mau a pior. Com o curso a distância não teremos mais maus profissionais, teremos agora os péssimos! Quem tem força de vontade passa no vestibular de uma boa faculdade ou universidade - pública de preferência. Só defende curso a distância quem nunca entrou numa sala de aula ou está pensando em abrir um, visto que deve dar dinheiro.

Os materiais, os laboratórios, as aulas práticas, as aulas teóricas, as pesquisas, e a convivências com os bons professores são fundamentais para se formar um bom geógrafo. Por isso, são incompatíveis com um curso a distância.

Desculpem a franqueza.

A.R.

ps.: para os que fizeram uma péssima licenciatura, não adianta fazer cursos complementares e suplementares. Cabe a esta pessoa fazer um ótimo bacharelado, de 4 a 5 anos, como todos os bons geógrafos fizeram. (Mensagem n° 36.508)

### 14

#### CABEÇALHO

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de Abril, de 2006 12:53 pm

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

#### MENSAGEM

Caríssimo bom Geógrafo A.R. formado pelo excelente curso presencial, curso esse em questão que dá garantia de bons profissionais.

Você faz análises sobre pessoas pela qual nem conhece? Em que base você esta se relacionando para dizer quais são os bons cursos ou não? Aconselho a vossa pessoa formado no excepcional curso presencial a ficar mais atualizado. Queira você ou não os cursos a distância se farão presentes, meu curso não precisa da concordância de alguns temos o reconhecimento e aprovação do MEC. Para aqueles que nem sabem os trabalhos dos cursos da UFES a distância daqui são usados como monografias dos excelentes cursos presenciais em outras faculdades. Como vários colegas que certamente são bons profissionais e tem consciência do que falam, sabem q pelo menos 50% da formação de alunos depende do próprio aluno.

E como vc disse não tenho interesse algum em abrir faculdade, serei um Geógrafo com paixão curto muito o que faço e isso já é um grande fator para eu ser um bom profissional, minha paixão por ela. Tenho um campo vasto onde trabalho com o setor de Geografia, e terá um profissional formado pelo EAD. Como já disse alguns que tanto denigrem a imagem do curso a distância tem medo como já afirmaram aqui de perder mercado, mas talvez pq nunca tiveram mercado mesmo. É uma pena que tenhamos pessoas com esse pensamento mesquinho. Moro no norte do ES e o curso mais próximo de minha cidade presencial é o da UFES que fica a 200 KM de minha casa, trabalho, tenho filhos e gostaria de saber do nosso amigo como ele iria cursar um presencial dessa forma. Ao contrário do que muitos imaginam os cursos do EAD são para ajudar as pessoas de baixo poder aquisitivo e com pouco tempo a ter oportunidade de ter uma formação, se será um bom profissional ou não dependerá tanto dele como da faculdade. Conheçam melhor sobre os assuntos q vocês falam, pois eu falo do que eu conheço. E desculpem aos colegas pela opinião, sei que tem excelentes profissionais e que com certeza dão orgulho a profissão de Geógrafo.

Abraços,

M.K. (Mensagem n° 36.510)

---

**15****CABEÇALHO**

De: "J.O."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de Abril, de 2006 4:15 pm

Assunto: Educacao aa Distancia

**MENSAGEM**

Gente,

Existem experiências de cursos a distancia de alto nível como o da Open University na Inglaterra. Eu vejo com muitos bons olhos a criação da UAB- Universidade Aberta do Brasil por exemplo.

Saudações,

J. O. (Mensagem nº 36.511)

---

**16****CABEÇALHO**

De: "G.M."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de Abril, de 2006 4:58 pm

Assunto: Re: curso a distancia- minha opinião

**MENSAGEM**

Bom, vi uma discussão sobre curso a distancia, então vai aí minha opinião....

Eu até compreendo a indignação de alguns sobre os cursos a distância, porém se existe uma culpa, ela só é do MEC que aprova estes cursos e não das pessoas que o fazem. E também concordo com o colega que disse que a vontade e busca de aprender dele ultrapassa o que ele vê em seu curso (a distancia). Não devemos julgar as pessoas, isso é muito simplista. E também não devemos ficar preocupados na concorrência do mercado de trabalho. Quem estudou numa universidade publica tem mais chances no mercado privado, e no publico é por concurso, e se o individuo que cursou a faculdade a distancia passou e o cara da USP não, significa que ele precisa estudar mais. Conheço profissionais bons e ruins de diferentes formatações de cursos, e como já disseram, a índole, o bom caráter e a responsabilidade profissional esta no caráter, não no numero de anos estudados. Na minha cidade- São José dos Campos - tem cursos a distancia e universidade. A universidade o curso mais barato é 500 mensais, o curso a distancia é 250. Quem não pode pagar faça mesmo um curso a distancia porque é mais barato. É muito injusto esses cursos caros. Eu conheço pessoas que não tem tempo de fazer uma faculdade devido ao trabalho, a família e vários outros compromissos, então a oportunidade esta nestes cursos. É admirável um geógrafo querer elitizar tanto assim seu conhecimento. Até porque a concorrência em uma universidade publica é injusta e fica para os "filhinhos de papai" que fizeram Objetivo, Poliedro, e tantos cursos pre-vestibulares pra concorrer no vestibular. Não me venha dizer que passa quem quer. Muitos assim conseguiram, mesmo sem curso pré-vestibular, até os que estudaram só em escola publica, mas nem sempre são esses os resultados, pois a disputa é injusta. Sou formado em uma universidade particular, curso presencial e tive ótimos professores e um conhecimento sólido, embora a universidade não deu o bacharelado por falta de alunos (eram poucos que queriam), mas em alguns concursos esses meus colegas da faculdade passaram em ótimas posições. Basta observar a formação do mercado de trabalho no Vale do Paraíba e constatar em que Universidade eles se formaram, é uma universidade particular. Eu não estou satisfeito com o que aprendi, quero aprender mais e me especializar e sei que chegarei lá. Então não devemos julgar dessa maneira.

G.M. (Mensagem nº 36.516)

---

**17****CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 22 de Abril, de 2006 10:49 pm

Assunto: Re: curso a distancia- minha opinião

**MENSAGEM**

Com certeza G.M., parabéns por sua visão, isso engrandece nossa profissão, você foi muito feliz em sua analise. Devemos buscar apreender além do que as universidades nos ensina, seja ela qual for.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 36.521)

18

**CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de Abril, de 2006 12:08 am

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

E.B.

Até agora, o que se discutiu nesta lista foi a Licenciatura em Geografia à distância, que se proliferou por todo o País. A nível de graduação, não existem cursos à distância de Engenharia, Arquitetura e Direito, no Brasil.

Sinceramente, não concebo um curso de Bacharelado em Geografia à distância e, já não vejo motivação para os cursos presenciais de Licenciatura em Geografia, ante a banalização vigente. Os que fizeram graduações à distância hão de dizer que eu não sinto na pele os obstáculos que os motivaram a abraçá-las. Sim, é verdade, todos os meus cursos foram presenciais. Como Licenciado e Bacharel em Geografia em cursos presenciais, estou muito preocupado com o futuro das formações em Geografia. A maioria dos cursos presenciais em Geografia apresenta formações incompatíveis com o mercado de trabalho e, geralmente, os cursos à distância estão ligados à instituições que ministram cursos presenciais.

Hoje, os cursos presenciais são voltados à Licenciatura em Geografia, amanhã, podem estar voltados também para o Bacharelado. Embora a tecnologia nos surpreenda a cada dia: as bibliotecas virtuais já existem, mas não consigo concretizar laboratórios virtuais, trabalhos de campo virtuais, etc. Quanto as provas de "suplência" para Técnicos de Agrimensura e similares, são constantemente combatidas em todos os fóruns, principalmente, pelos próprios Técnicos em Agrimensura. Todavia, a nova LDB facilita a habilitação para os que apresentam equivalência de estudos e/ou experiência profissional (os Conselhos/Secretarias Estaduais de Educação têm delegação de competência para análise e aprovação, de acordo com a comprovação apresentada). Quanto aos cursos de complementação profissional, nem todos geram atribuições no Sistema CONFEA/CREAs. Quem vai fazer um curso de especialização à distância ou não, deve verificar previamente se está legalmente reconhecido e se vai gerar atribuições. Na atual estrutura do Sistema CONFEA/CREAs, os cursos deverão ser, ainda, da mesma modalidade, mas em breve haverá mais flexibilização. Todavia, vamos ver para crer.

Um abraço

S.V. (Mensagem nº 36.523)

19

**CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de Abril, de 2006 12:35 am

Assunto: CORREÇÃO - Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

CORREÇÃO - Onde se lê "Hoje, os cursos presenciais são voltados à Licenciatura em Geografia, amanhã, podem estar voltados também para o Bacharelado", leia-se: Hoje, os cursos à distância são voltados à Licenciatura em Geografia, amanhã, podem estar voltados também para o Bacharelado.

S.V. (Mensagem nº 36.524)

20

**CABEÇALHO**

De: "R.B."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de Abril, de 2006 12:12 pm

Assunto: Educação a Distância um mal ou é um Bem? quem sabe?

**MENSAGEM**

Essa semana estava pesquisando com chegar à capital do Acre onde teremos nosso encontro anual, descobrir que sai mais barato sair de Salvador para Buenos Aires do que para Rio Branco (de avião). Só aí temos uma noção das dimensões territoriais do nosso amado país.

Agora imagine com deve ser difícil o acesso à informação em alguns lugares, com a construção do conhecimento se faz. Imagine quem ensina geografia ou outra disciplina em uma cidade pequena da Bahia, do Amazonas, do Piauí, do Rio de Janeiro? Será que eles são profissionais formados nos grandes centros acadêmicos, "detentores da verdade"? Um estudo do IBGE divulgou que a maioria deles no máximo, possuem o segundo grau completo e quando tem. Como exemplo eu posso citar uma cidade baiana, chamada Heliópolis, onde 90% dos professores do ensino médio são alunos que mal concluíram o ensino médio na própria escola de origem ou estão em fase de concluir o segundo grau.

Nesse país de dimensões continentais, infelizmente instituições de ensino superior ainda é algo da ficção para muitos pontos do nosso território, e digo mais a educação brasileira ainda merece muito respeito. Vejo que o ensino a distância não é a solução e nem o problema. Será que ela pode minimizar essas disparidades existentes no nosso país?

Não devemos cair na velha decadente idéia que à verdade, a um só pertence. Pegando emprestado a letra da musica livro de Caetano Veloso:

“Tropeçavas nos astros desastrada  
Quase não tínhamos livros em casa  
E a cidade não tinha livraria  
Mas os livros que em nossa vida entraram  
São como a radiação de um corpo negro  
Apontando pra a expansão do Universo  
Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso  
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)  
É o que pode lançar mundos no mundo.”

Dessa forma o mundo tem fome, tem sede de conhecimento e o mínimo que nos é oferecido devemos nos apropriar e dele tira o melhor. Devemos pára de ver o mundo como sendo o nosso mundo é ver que o mundo, são vários principalmente mundos desiguais.

R.B. (Mensagem n° 36.526)

**21**

**CABEÇALHO**

De: "Z.S."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de abril, de 2006 12:53 pm

Assunto: Cursos a Distancia

**MENSAGEM**

Caros amigos da lista. Em primeiro lugar queria parabenizar os amigos que estão no debate sobre curso a distancia, sei que isso só irá nos dar uma visão mais ampla e coesa da realidade.

Porém a minha opinião é a seguinte: o profissional não tem uma formação boa se a Faculdade onde estudou não lhe der condições e mesmo que esta Faculdade lhe de condições ele não terá uma formação se não tiver interesse. Com isso quero dizer que realmente existe cursos a distancia bons: cito aqui os Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu da UFLA (de onde sou aluno tb), são cursos excelentes.

Mas porém se eu não tivesse ficado na UFG fazendo 5 anos de licenciatura e bacharelado, creio que talvez não conseguiria desenvolver um trabalho no curso de Pós. Assim, na minha opinião, quem nunca frequentou uma Universidade com aulas todos os dias, (fazendo estágios técnicos, fazendo trabalhos de laboratórios, as aulas práticas, os trabalhos de campo, as pesquisas e muitas outras coisas que só a Universidade Presencial oferece), terá uma outra visão de Universidade. Porém, cabe a vcs que estão fazendo esta Universidade a distancia, mostrar e fazer a diferença (digo em termos de graduação). Gostaria de saber como serão desenvolvidos estes trabalhos de campo, de laboratório, de estágio, de aulas práticas nestes cursos de graduação?

Z.S. (Mensagem n° 36.529)

**22**

**CABEÇALHO**

De: "A.P."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de Abril, de 2006 3:38 pm

Assunto: RE: Cursos a Distancia

**MENSAGEM**

Interessante a discussão sobre os cursos à distância.

Quero sugerir aqui que o moderador faça uma enquete na pagina do grupo para sabermos a opinião de todos os listeiros.

A.P. (Mensagem n° 36.530)

**23**

**CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 23 de abril, de 2006 5:51 pm

Assunto: Re: curso a distancia- minha opinião

**MENSAGEM**

Há um sério problema nos cursos a distância: como as aulas práticas, de campo e laboratório, serão sanadas? E as pesquisas, debates e conferências? As aulas interdisciplinares, importantíssima para TODAS as áreas de geografia, serão resolvidas como? E os demais problemas pedagógicos oriundos da distância, como contáto, convívio e estágios para/com professores e pesquisadores? Não confundam elitização com padrões mínimos de qualidade; quem tem força de vontade passa sim em uma universidades pública, sobretudo porque as notas de corte em geografia são mínimas, quem não as atinge é porque não tem ensino médio bom, e por isso não deve entrar no mercado de trabalho, nem pela porta de trás. Mas se ainda assim não passar numa universidade pública, entre numa particular (existem ótimos cursos de geografia em algumas delas). Não basta ter boa vontade, de bem intencionados o inferno está cheio. Perdoem a rispidez, sobretudo o M.K., mas tem coisa que não pode passar!  
A.R. (Mensagem nº 36.533)

**24****CABEÇALHO**

De: "A.C."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 24 de abril, de 2006 1:29 am

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

J.O., Tem algum site específico sobre os cursos a distância dessa universidade da Inglaterra Open University?

Saudações Geográficas

A.C. (Mensagem nº 36.546)

**25****CABEÇALHO**

De: "G.M."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 24 de abril, de 2006 3:37 pm

Assunto: Re: curso a distancia- minha opinião

**MENSAGEM**

existe uma velha frase que resolve tudo isto: os frutos mostrarão a competência de cada um.

G.M. (Mensagem nº 36.548)

**26****CABEÇALHO**

De: "W.G."

Para: "Lista"

Data: Terça, 25 de abril, de 2006 11:26 pm

Assunto: Re: Indignação "UFRN terá curso a distância de geografia"

**MENSAGEM**

IV CONGRESSO DE ENSINO SUPERIOR A DISTANCIA

Para quem está mais interessado no assunto:

INSCRIÇÕES NO SITE: <http://www.unirede.br/esud>

W.G. (Mensagem nº 36.573)

**27****CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Terça, 6 de junho de 2006 11:39 am

Assunto: Educação a distância

**MENSAGEM**

O que é Educação a Distância

A Educação a Distância – EAD é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

Dentre as características da EAD estão: a separação do professor e aluno no espaço e/ou tempo, o controle do aprendizado realizado mais intensamente pelo aluno do que pelo instrutor distante e a comunicação entre alunos e professores mediada por documentos impressos ou alguma forma de tecnologia.

A primeira forma de Educação à Distância foram os cursos por correspondência na Europa. Este meio foi muito utilizado até o meio deste século, quando o rádio e televisão instrucional tornaram-se populares. No entanto, com o surgimento de tecnologias interativas sofisticadas, educadores passaram a utilizar ferramentas como: e-mail, Internet, audioconferência baseada em telefone e videoconferências. A Educação Aberta e a Distância encontra-se normatizada no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996); pelo Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998 (publicado no D.O.U DE 11/02/98); Decreto n.º 2.561, de 27 de abril de 1998 (publicado no D.O.U de 28/04/98) e pela Portaria Ministerial n.º 301, de 07 de abril de 1998 (publicada no D.O.U de 09/04/98).

Fonte: Site [www.escolanet.com.br/](http://www.escolanet.com.br/)

\*As informações acima são de inteira responsabilidade da fonte

[http://www.creaes.org.br/mostra\\_evento.asp?codevento=982](http://www.creaes.org.br/mostra_evento.asp?codevento=982)

Abraços,

M.K. (Mensagem n.º 37.403)

**28**

**CABEÇALHO**

De: "I.F.D."

Para: "Lista"

Data: Quarta, 7 de junho de 2006 10:43 am

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

M.K.

Os cursos à distância são tão "eficazes" que há uma forma de dizer que alguém não sabe bem o que faz: "parece que fez por correspondência"!

Uma coisa também me preocupa: o que professores ganham ao fazer este tipo de cursos? Não estariam eles extinguindo seus próprios postos de trabalhos com isso? De que adianta ter um diploma se você mesmo contribuiu pra que a figura do professor fosse eliminada? (ninguém garante que alguém competente avalie as "avaliações").

Espero que não entendam a posição enquanto uma resistência às modernizações. Mas, as "tele-alguma coisa" sempre tem como objetivo o lucro de alguns, que nem sempre são os que acharam que iriam se beneficiar. Eliminar a relação social e troca de experiências é, pelo menos, amputar um dos instrumentos de crescimento intelectual do que estuda.

I.F.D. (Mensagem n.º 37.421)

**29**

**CABEÇALHO**

De: "M.S."

Para: "Lista"

Data: Quarta, 7 de junho de 2006 12:05 am

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

Olá pessoal

Recentemente venho observando essa troca de idéias com relação a educação a distancia, e pelo que tenho visto e consigo entender do negocio, não acredito que seria algo muito positivo ter um professor me ensinando a distancia. Por exemplo, como que fica a relação professor aluno, as trocas de idéias entre colegas da mesma classe dentro da universidade (Todos os dias eu e meus colegas de sala vamos ou para a frente da faculdade ou para o Barzinho próximo dela trocar idéias sobre o que temos aprendido), o conhecimento desenvolvido dentro dela, as trocas de idéias com pessoas de cursos diferentes (na Unesp em Rio Claro, onde eu estudo temos cursos de Engenharia Ambiental, Pedagogia, Biologia, Matemática, Geologia, Ciências da Computação, Educação Física,etc...) que enriquecem o conhecimento do aluno, a aproximação entre as pessoas, permitindo conhecer e respeitar as diferenças (que como sabemos sobra dentro das Faculdades e Universidades do Brasil afora), toda diversidade de livros, revistas e periódicos que as bibliotecas proporcionam. Lógico que como já disse um colega dessa lista, temos que levar em consideração que em determinados lugares que as universidades não chegam, é uma opção legal para que um individuo que queira se desenvolver como pessoa e como profissional fazer um curso a distancia. Mas não seria melhor lutar pelo acesso a ônibus para que as pessoas pudessem se deslocar para essas universidades, ou mesmo se for o caso lutar para que se construa mais universidades em pontos estratégicos?

Alguém poderia me dizer que certas viagens de ate 100 km seria muito cansativo. Eu me desloco de Paulínia (cidade onde moro) para Rio Claro todos os dias, em um percurso de aproximadamente 85 km só de ida.

Acredito que para se ir em busca do conhecimento, do desenvolvimento pessoal e ate mesmo profissional tem que ter um certo esforço, que muitas vezes acaba valendo a pena.

Caso contrario, poderemos estar dando base para a própria extinção do professor dentro da sala de aula, e vejo que nada substitui o olho no olho, a relação face a face, que faz com que em alguns caso (digo ate porque é meu caso) o aluno observando como o seu professor desenvolve e articula as suas aulas, o pegue como exemplo.

Estou aberto a criticas e sugestões. Até porque não sou o dono da verdade...

Sem mais

M.S. (Mensagem nº 37.423)

---

**30**

**CABEÇALHO**

De: "T.F.B."

Para: "Lista"

Data: Quarta, 7 de junho de 2006 10:19 pm

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

Apoiado I.F.D.! Esses meses fomos procurar eu e minha esposa uma faculdade para ela, com ensino à distância. Somos do Rio Grande do Sul, as aulas seriam transmitidas por televisão com professores direto do Paraná, as aulas seriam somente aos sábados, sem lista de bibliografia, não havia necessidade de leituras obrigatórias (detalhe, o curso é de letras), não havia currículo...bem não havia nada!

Um abraço,

T.F.B. (Mensagem nº 37.429)

---

**31**

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Quarta, 7 de junho de 2006 10:21 pm

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

Bem, respeitando sua opinião I.F.D., porém acho que falta CONHECIMENTO do que é a educação à distância. Para muito é o aluno na faculdade ver uma videoconferência e voltar ponto final. Não é isso, por favor, conhecer melhor o que estamos falando é fundamento essencial em qualquer circunstância. No EAD temos 2 aulas com professor na sala que é o tutor, dúvidas esclarecemos com eles e com os outros professores na videoconferência. Bem, é FATO que o ensino a distância exige bem mais do aluno que o presencial. E nao é a faculdade seja à distância ou presencial que irá fazer o bom profissional, isso vem da vontade de cada um.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 37.433)

---

**32**

**CABEÇALHO**

De: "R.S."

Para: "Lista"

Data: Quarta, 7 de junho de 2006 10:22 pm

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

Prezados,

Apenas para enriquecer este debate. Trabalho com treinamento em indústria há 16 anos e estou concluindo minha graduação em geografia, pretendo lecionar, gosto muito da sala de aula. Entendo que não podemos ser "radicais" com relação as novas tecnologias, principalmente o professor, mas também entendo que temos que ser críticos desta tecnologia, pois gera uma "preguiça" mental, é tudo fácil, o computador faz tantas coisas.

Sou meio saudosista com relação ao papel do professor na sala de aula, gosto da presença do professor interagindo com os alunos na sala de aula. Precisamos debater mais este tema, percebo que as aulas virtuais estão em fase de expansão, é preciso muito debate.

R.S. (Mensagem nº 37.434)

---

**33**

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Quarta, 7 de junho de 2006 10:23 pm

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

Olá M.S., legal sua opinião.

Poderia pensar dessa forma tbm se não tivesse o conhecimento do que é o EAD, do que nessa educação temos tbm um professor dentro da sala de aula, o que acho que muitos não sabem. Estudo as Segundas, terças e Quintas na faculdade e terças, sextas e finais de semanas formamos grupos de estudo para trocarmos essas idéias. Como eu disse para muitos, se bestar estudamos TODOS os dias, com o sem professor levando o produto final a faculdade e discutindo isso em grupo e com professor. Existem fundamentos científicos que comprovam esse tipo de ensino, basta o querer.

Assim como vc M.S., tbm estou abertos aos debates.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 37.436)

---

**34**

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Quinta, 8 de junho de 2006 1:07 am

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

Bem T.F.B., como eu disse em outros e-mails, o EAD que faço é bem diferente do que vcs usam como EAD. Procure saber do se é reconhecido pelo MEC. Posso lhe garantir que na faculdade que estou, os alunos do tão bom curso presencial, não souberam executar as tarefas do curso da distância. Como eu disse em vários e-mails não queiram culpar os cursos, isso vem da faculdades, professores, alunos....cabe a cada um saber onde quer chegar. Não falem sem fundamentos, ou chute o balde com achismo.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 37.440)

---

**35**

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Quinta, 8 de junho de 2006 1:09 am

Assunto: Re: Educação a distância

**MENSAGEM**

Concordo um pouco com vc R.S., mas deixa o pessoal com "preguiça" é irreal. Estamos no primeiro período e alguns alunos já desistiram por não conseguir entregar trabalhos solicitados, pois quando vc não está na faculdade está se matando para aprender. Não estou na faculdade hj, mas a madrugada será minha companheira.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 37.443)

---

**36**

**CABEÇALHO**

De: "G.M."

Para: "Lista"

Data: Quinta, 8 de junho de 2006 8:35 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Bom, sobre educação a distancia , podemos sim questionar a qualidade do curso, assim como a qualidade de um curso presencial. A questão toda aí, é que existe um preconceito com quem cursa este curso e todo mundo despreza quem faz. As pessoas acham que eles não aprendem e eu penso que não é assim. Se você aprendeu ou não voce saberá no exercício de sua função. E tem muita gente formado em curso presencial que nem sabe o que faz ou o que fala. E me desculpe dizer, mas tem muita gente de universidade estadual que trata isso com preconceito ou acha que só sua faculdade se ensina algo de verdade. Fora aqueles que usam o discurso simplista de 'quem quer consegue se formar mesmo que a faculdade seja longe'. Nós nem conhecemos as condições e necessidades que levam a pessoa a fazer um curso a distância e também, uma faculdade a distancia tem reuniões presenciais que são proveitosas. Eu não me formei em EAD, mas tenho lido e sei de cursos e pessoas que fazem e são bem exigentes. Agora, o mais difícil é o preconceito que a pessoa enfrenta da elite que estudou em colégio particular, fez curso pre vestibular, e estuda em universidade estadual ou federal. As pessoas duvidam do

conhecimento. Eu não me conformo com isso. Não me conformo em julgarmos desta maneira sem conhecimento de caso, até porque, por exemplo (desculpe se usei voce como exemplo), um colega aqui que faz curso a distancia, se ele estivesse a 'toa', ou só pelo diploma, não estaria nem neste grupo, pois precisa ler , pesquisar na internet pra saber deste grupo. Eu mesmo, um dia vendo o site da AGB sem querer percebi este grupo e entrei nele. E também pelos emails dele e opinião e o que ele ja falou do curso, não me parece alguém que não esta aprendendo nada. Eu não o conheço, e ele mora bem longe de minha casa. Nós somos preconceituosos e injustos e elitistas também. Eu acredito que acima do geoprocessamento, questões ambientais, topografia, meteorologia, existe humanidade na Geografia e nas pessoas de bem, ainda que nem tenham o conhecimento desta area, sejam pedreiros, cantores, matemáticos, donas de casa.....

G.M. (Mensagem nº 37.449)

37

### **CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 9 de junho de 2006 9:27 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

### **MENSAGEM**

Sr. G.M.,

Existe uma porção de cursos presenciais que são uma porcaria – vide a maioria das universidades e faculdades particulares. No entanto, isso não é, nem nunca será, critério para se apoiar e justificar cursos à distância.

Quanto ao discurso simplista de “quem quer consegue se formar mesmo que a faculdade seja longe”, mais simplista ainda é dizer que “o mais difícil é o preconceito que a pessoa enfrenta da elite que estudou em colégio particular, fez curso pre vestibular, e estuda em universidade estadual ou federal”. (G.M.; e-mail anterior).

Agora, para não me acusarem de “preconceituoso e injusto e elitista” (Idem; Ibidem) eu pergunto: Como as aulas de campo, aulas de laboratório, pesquisas, grupos de estudo, debates, seminários e demais formas de trabalho coletivo são dados aos alunos de EAD? Isso, por acaso, são extravagâncias desnecessárias para as graduações no geral e para a geografia em especial?

A.R. (Mensagem nº 37.486)

38

### **CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 9 de junho de 2006 1:13 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

### **MENSAGEM**

Caro A.R., como já falei, falta-lhe conhecimento do que vc está falando. Procure executar o que vc aprendeu na faculdade. Fala tanta coisa sem fundamento, ou desconhece muitos outros. Mostre-nos referencias do que a EAD é uma merda e o presencial é 100% confiável. Falta-lhe metodologia para falar desse assunto. Como já disse MEU CURSO NO EAD terá aulas de campo, laboratório, pesquisas, grupos de estudos (JÁ NA PRIMEIRA SEMANA DE FACULDADE, ONTEM MESMO MONTAMOS UM E HOJE TERÁ OUTRO, PRATICAMENTE TODOS OS DIAS), seminários etc...etc.... bem não tenho muitos fundamentos pra falar de outros cursos presenciais, mas não queiram generalizar no EAD, o problema é outro que muitos fingem não saber. Procure pesquisar e sistematizar essas informações antes de falar o que lhe disse.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 37.493)

39

### **CABEÇALHO**

De: "G.M.2."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 9 de junho de 2006 7:38 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

### **MENSAGEM**

Pasma-me ver o caro colega A.R. quase que generalizar a qualidade dos cursos das universidades particulares. Estudo numa instituição particular e me pergunto até quando vai existir essa rivalidade sem sentido... será que todos nós já experimentamos universidade pública, particular, EAD? Formam-se profissionais bons e ruins em todas as modalidades de curso. Assim como disse o M.K., não tenho embasamento para falar das modalidades e instituições as quais não conheço.

Abraços,  
G.M.2 (Mensagem nº 37.500)

---

**40**

**CABEÇALHO**

De: "T.F.B."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 9 de junho de 2006 7:39 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Sem intuito de criar desavenças, mas por curiosidade: de onde os alunos assistirão as aulas? Da mesma cidade e/ou do mesmo Estado onde serão ministradas as aulas? Senão, gostaria de saber como eles farão para fazer as saídas de campo.

Um abraço,

T.F.B. (Mensagem nº 37.501)

---

**41**

**CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 9 de junho de 2006 7:54 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Não vejo problema em cursos à distância, desde que sejam para o fundamental e o médio, como acontece em algumas instituições com ensino para jovens e adultos. Meu primeiro emprego foi como professor de geografia, num centro de estudo e pesquisa em EAD na USP, universidade onde me formei. Conheço este tipo de educação e sei de suas potencialidades e problemas. Também sei a quem interessa! (e todos sabem a quem interessa nos níveis superiores). Nível superior, bacharelado ou licenciatura, não serve EAD. Pra cima de "Moi", nem vem, isso é enrolação...e das perigosas, porque nessa todo mundo dança. Imagina um médico ou um advogado formado à distância: quem quer distância sou eu!!!

A saída para educação à distância é o aeroporto...

ps.: se seu curso tem campo, laboratório, seminários, etc., ele é um curso Semi-presencial, não confunda patos com gansos. Mas, ainda assim, não serve pra graduação. (Mensagem nº 37.506)

---

**42**

**CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 10 de junho de 2006 10:20 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

A grande maioria das universidades particulares são ruins sim! E também elas não tem quase que pesquisa alguma. Quando as tem é sempre algo que tenha retorno financeiro garantido, o que geralmente significa que não é de valor nenhum para a sociedade e para a ciência em questão. Estou mentindo G.M.2? ou estou apenas botando lenha na fogueira das vaidades e da rivalidade?

ps.: claro que existem as exceções ... e, por sinal, brilhantes exceções!!

A.R. (Mensagem nº 37.512)

---

**43**

**CABEÇALHO**

De: "T.F.B."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 10 de junho de 2006 5:49 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Sem intuito de criar desavenças, mas por curiosidade: de onde os alunos assistirão as aulas? Da mesma cidade e/ou do mesmo Estado onde serão ministradas as aulas? Se não, gostaria de saber como eles farão para fazer as saídas de campo.

Um abraço,

T.F.B (Mensagem nº 37.517)

---

**44****CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 17 de junho de 2006 2:53 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Sao alunos do Brasil todo, e além do professores de vídeo tem TUTORES em TODAS AS SALAS. Qualquer dúvida amigo estou a disposição.

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 37.720)

---

**45****CABEÇALHO**

De: "T.F.B. "

Para: "Lista"

Data: Sábado, 17 de junho de 2006 3:56 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Ok, mas como serão ministradas as aulas de campo com alunos de Estados tão diversos?

Um abraço,

T.F.B. (Mensagem nº 37.723)

---

**46****CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 17 de junho de 2006 9:28 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Tutores. Existem planejamentos da "sede" com as "filias".

Abraços,

M.K. (Mensagem nº 37.725)

---

**47****CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Sábado, 18 de junho de 2006 7:16 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Isso mesmo G.M.2.! Aí que pode fazer tbm um transplante de coração ou uma cirurgia no crânio por um médico formado a distância ou por uma particularzinha aí que vc nem sabia que existe. Afinal, é tudo a mesma coisa. Estão em pé de igualdade com as públicas. As pessoas é que são ruins e preconceituosas, ficam colocando lenha numa fogueira que não existe!!

A.R. (Mensagem nº 37.741)

---

**48****CABEÇALHO**

De: "T.F.B."

Para: "Lista"

Data: Domingo, 18 de junho de 2006 12:28 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Falo por minhas experiências. Cursei PUC, no Rio Grande do Sul. Passei em inúmeros concursos, para prefeitura de Joinville fiquei em primeiro lugar, como geógrafo!

Um abraço,

T.F.B. (Mensagem nº 37.752)

---

49

**CABEÇALHO**

De: "G.M.2."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 19 de junho de 2006 10:00 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Meu caro A.R.,

Reforço minha teoria de que não posso falar do que não conheço. Apenas reforço que as "particularzinhas" que ninguém conhece também formam bons profissionais. Não estudo numa instituição particular por opção, inclusive é bem difícil pra mim pagar todo mês e sustentar o lucro deles, mas é a opção que me restou, visto que em minha cidade não há nenhuma instituição pública. Bom, tenho participado de muitos eventos com estudantes de federais e sinceramente não acho que estejamos tão distantes assim, muito pelo contrário, tendo inclusive professores que atuam na UFES e também atuam aqui na nossa desconhecida particularzinha interiorana. Ou será que a UFES não entra nesse seletor grupo de mega-instituições?

Que bom seria se no nosso país ninguém tivesse que pagar pra estudar não é? A minha realidade é esta, e acredito no meu propósito.

Abraços,

G.M.2. (Mensagem nº 37.776)

50

**CABEÇALHO**

De: "M.A.T."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 19 de junho de 2006 11:20 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

É G.M.2., isso realmente acontece...

Os grandes mestres lecionam nas públicas para ganhar mérito e nome e nas particulares para ganhar dinheiro. Saber quem é melhor fica difícil, somos todos filhos de Deus, pobres mortais...

M.A.T. (Mensagem nº 37.779)

51

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 19 de junho de 2006 1:50 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Show de bola mais uma vez G.M.2. Vc é de q cidade?

M.K. (Mensagem nº 37.783)

52

**CABEÇALHO**

De: "A.R."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 19 de junho de 2006 9:51 pm

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Ok G.M.2., está perfeita sua argumentação. Você tem razão. No entanto, sua situação econômica Não faz das particulares e da EAD boas instituições de ensino superior. Sinto muito. E, claro, é importante dizer: da mesma forma que existem particulares MUITO boas, existem públicas MUITO ruins. Não sei se é o caso da UFES.

A.R. (Mensagem nº 37.789)

53

**CABEÇALHO**

De: "G.M.P."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 19 de junho de 2006 2:00 pm

Assunto: Cursos de Licenciatura EAD

**MENSAGEM**

Prezados,

sou bacharel e gostaria de ampliar minha formação, por meio da licenciatura. Gostaria de obter informações sobre EAD (ensino à distância) nesta área.

Um abraço,

G.M.P. (Mensagem n° 37.794)

---

54

**CABEÇALHO**

De: "A.P."

Para: "Lista"

Data: Terça, 20 de junho de 2006 9:07 am

Assunto: Re: opinião - Educação a distância

**MENSAGEM**

Discute-se tanto a educação a distância e muito pouco a tradicional ("presencial"). Discussão semelhante se dá quanto à Universidade Pública e a Particular (privada) É oportuno destacar que, antes de desqualificar uma ou outra, deve-se discutir muito o ensino tradicional em nossas universidades públicas, estas muitas das vezes têm seus momentos de ensino a distância e ultimamente seus cursos e espaços sendo privatizados.

Pergunto:

Seus professores sempre cumpriram a carga horária de suas disciplinas? Cubriram seus dias faltosos? E os cursos de especializações que estão em muitas (ou todas) as universidades públicas usando o espaço público (prédios, cadeiras, bibliotecas, etc) e pessoal (funcionários públicos) e, apesar de disso, cobram mensalidades equiparadas aos valores do mercado? E, ainda que pareça algo novo.

A.P. (Mensagem n° 37.806)

---

55

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Terça, 20 de junho de 2006 10:24 am

Assunto: Re: Cursos de Licenciatura EAD

**MENSAGEM**

Olá G.M.P., estou cursando licenciatura pelo EAD da FTC, o endereço é:

[www.ftc.br/ead/](http://www.ftc.br/ead/)

Qualquer dúvida, estou a disposição.

Abraços,

M.K. (Mensagem n° 37.813)

---

56

**CABEÇALHO**

De: "I.G."

Para: "Lista"

Data: Quinta 19 de Outubro de 2006 2:15 pm

Assunto: UFMG, geografia e graduação à distância

**MENSAGEM**

O Instituto de Geociências da UFMG, representado pelo prof. Ralfó Matos, assinou convenio para instalação do curso de BACHARELADO À DISTÂNCIA em GEOGRAFIA no município de Conselheiro Lafaiete – MG.

Alguns comentários:

- 1) Cursos de graduação à distancia são, em meu ponto de vista, uma aberração.
- 2) Não existe a modalidade bacharelado para o curso noturno de Geografia na UFMG devido ao fato de, segundo os professores, "não ser possível realizar os trabalhos de campo com turmas do noturno".
- 3) Como será o trabalho de campo num curso à distância? Via internet? Via telefone?
- 4) A cidade de Conselheiro Lafaiete é de porte médio (120 mil hab.), fica a 100 Km de BH e possui, dentre várias outras, faculdade de geografia com bacharelado e licenciatura. Também está a poucos minutos de Ouro Preto (UFOP) e Viçosa (UFV). Ou seja, não é um lugar isolado e distante.

Ridículo.

I.G. (Mensagem n° 40.260)

---

57

**CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 20 de Outubro de 2006 12:47 am

Assunto: Bacharelado à distância da UFMG

**MENSAGEM**

I.G.

Depois das Diretrizes Curriculares sem as áreas de conhecimento do nosso campo de ação e atuação, de 2.400 horas de tinturas geográficas, avaliação no ENADE com resultados majoritariamente otimistas e 99% de egressos das nossas IES, excluídos do mercado de trabalho, nada mais me surpreende. Pelo visto, os trabalhos de campo serão virtuais, os laboratórios também serão virtuais, as bibliotecas idem, os trabalhos de grupos idem e o convívio entre colegas idem. Se não forem virtuais, será que podem ser por osmose ou telepatia?

Será que a UFMG pensa que o Sistema CONFEA/CREAs vai analisar os processos e registrar os Geógrafos, também virtualmente? Quando que os Geógrafos mineiros vão se organizar e impedir que descalabros desta laia aconteçam? Se a moda pega, o desprestígio da profissão e a exclusão de Geógrafos vão aumentar!

Um triste abraço

S.V. (Mensagem nº 40.270)

58

**CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 20 de Outubro de 2006 2:13 am

Assunto: ONU Inaugura Programa de Ensino Virtual de Meteorologia Espacial

**MENSAGEM**

18/10/2006

A Organização Mundial da Meteorologia (OMM) inaugurou hoje uma atividade de formação virtual dedicada ao ensino a distância de noções de meteorologia espacial, como a interpretação de imagens infravermelhas ou de alta definição feitas por satélites.

Esta iniciativa permitirá que cerca de 150 pessoas do mundo todo possam se beneficiar em tempo real, através da internet, de um grande leque de técnicas avançadas de educação presencial concebidas pelo organismo, afirmou a OMM em comunicado.

Os alunos que fizerem parte do novo projeto terão acesso virtual a um programa de duas semanas de duração que consta de atividades regionais realizadas nos "centros de excelência" de Melbourne, na Austrália, e de Nanjing, na China, com o apoio de outros seis centros da entidade.

A atividade se inscreve no projeto laboratório virtual criado oficialmente em 2001 pelo Grupo de Coordenação sobre Satélites Meteorológicos, uma iniciativa implementada em conjunto com a OMM para melhorar o uso de dados e produtos recolhidos por satélite por parte dos membros da organização.

Fonte: Folha On Line / FatorGIS (Mensagem nº 40.273)

59

**CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Sexta, 20 de Outubro de 2006 12:34 pm

Assunto: Re: UFMG, geografia e graduação à distância

**MENSAGEM**

I.G., Vc já participou de algum bom curso a Distância caro amigo? não diga de um ou dois sua opinião para todos. Curso Geografia a distância e esta sendo tão bom que os presenciais acabaram, e os alunos presencial (o magnifico) não conseguem ter o mesmo desenvolvimento que os a distância que são bem mais exigidos e cobrados, onde o esforço depende de cada um, o aluno aprender a conhecer a si próprio. Temos aulas de campo aqui sim, e estudamos não apenas presencialmente, mas praticamente todos os dias em grupos. É ridículo mesmo, ver pessoas terem essa opinião, mas será ainda mais ridículo quando num futuro vc ver a qualidade que se tem os bons cursos e se envergonhar de ter essa opinião. Mas é compreensível, o Brasil tem muito disso de olhar apenas um pouco afrente, ter visão ampla é pra poucos. O que naum entendo se fosse tao ruins os cursos pq cada dia esta mais "presente" em td qt é lugar, algo já deveria ser mudado.

M.K. (Mensagem nº 40.294)

60

**CABEÇALHO**

De: "I.G."  
Para: "Lista"  
Data: Sexta, 20 de Outubro de 2006 5:36 pm  
Assunto: Re: UFMG, geografia e graduação à distância

**MENSAGEM**

Caro colega,

Já fiz dois cursos de especialização à distância, um na UFRRJ e outro na PUC-MG. Na MINHA opinião: cursos de GRADUAÇÃO à distancia são, de forma geral, menos eficazes que os cursos presenciais. Talvez um dia eu possa ser provado do contrário. Também são uma forma barata de distribuir diplomas e uma forma eficiente de diminuir o mercado de trabalho do professor. Não é RIDÍCULO eu ter essa opinião. É meu legítimo direito. Parabéns pelo seu curso de ótima qualidade.

I.G. (Mensagem n° 40.297)

---

**61****CABEÇALHO**

De: "M.K."  
Para: "Lista"  
Data: Sexta, 20 de Outubro de 2006 8:13 pm  
Assunto: Re: UFMG, geografia e graduação à distância

**MENSAGEM**

Obrigado. Apenas tenha cuidados ao generalizar os cursos a distância. Toda regra tem sua exceção. (Mensagem n° 40.298)

---

**62****CABEÇALHO**

De: "R.A."  
Para: "Lista"  
Data: Sábado, 21 de Outubro de 2006 1:07 am  
Assunto: Re: UFMG, geografia e graduação à distância

**MENSAGEM**

Que aberração!!! Só faltava essa para ver nossos profissionais mais desvalorizados. (Mensagem n° 40.304)

---

**63****CABEÇALHO**

De: "E.M.G."  
Para: "Lista"  
Data: Domingo, 22 de Outubro de 2006 7:13 pm  
Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

**MENSAGEM**

Quero somar também a minha indignação a essa proposta da UFMG e concordo também que a única possibilidade de denunciar, além de discutir com mais aprofundamento o significado de educação à distância nesse país tão desprovido de qualidade na educação nos últimos tempos (veja a situação do Estado de S.P. Principalmente) é a união dos geógrafos para impedir tais descabros. Pensemos seriamente no sentido da ciência geográfica e nos unamos. Todos á luta.

E.M.G. (Mensagem n° 40.321)

---

**64****CABEÇALHO**

De: "S.V."  
Para: "Lista"  
Data: Segunda, 23 de Outubro de 2006 12:36 am  
Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

**MENSAGEM**

Estou um pouco cético em relação a opinião de vocês no sentido de abortar o EAD. Estou no ensino superior a um bom tempo, tenho visto aberrações de diversas naturezas. Posso citar que quando entrei para a U. Federal, o professor que me recebeu nessa instituição que já estou a 14 anos, me falou que os alunos do curso de geografia (bel e lic) não escreviam porque não sabiam nem sequer ler. Fiquei cabisbaixo, pois já havia vindo de outras entidades de nível estadual e a situação era a mesma.

Como mudar isso? Essa foi a minha pergunta no momento. A resposta que veio foi mudar o ensino do segundo grau (atual médio)! Fui assessorar uma escola de ensino experimental (estou lá a 12 anos. Os professores falam a mesma coisa. E assim a coisa vai sendo empurrada sempre para outras instâncias.

Venho investindo para valer desde que dirigi uma escola de ensino fundamental e médio em GO (meados da década de 1980) na relação ensino agregado com tecnologia informacional e comunicacional. Lá havia duas pessoas que investi neles para valer, pois um fazia a faculdade de farmácia (UFGO) e o outro me mostrou como que o ensino a distância era possível levar a tecnologia ao interessado, pois ele, apesar de ser paulista não teve oportunidades de estudar em escolas formais, por isso havia feito um curso técnico em eletrônica a distância e deu certo (ele se tornou o responsável técnico de uma empresa de cerveja - marca já tradicional, que funciona no lugar).

Eu como bom cético, não acredito muito no que se fala, tenho que ver para crer. Meu filho mais velho, então com catorze anos, lhe sugeri que fizesse o mesmo curso que o sujeito havia feito. A cobaia (nesse caso meu filho) fez o curso e deu certo também não como profissão, mas como valor agregado a outros conhecimentos, como TIC e SIG. Posto que, na aquisição dos conhecimentos de SIG, esse meu filho, adquiriu conhecimentos via tutoriais à distância.

Ora, tenho visto que há professores que não tem nem sequer a preocupação de planejar a disciplina que será dada, muito menos a aula. Que resultado que se espera? Tenho visto alunos saírem de cursos superiores cada vez com mais títulos e com menos conhecimentos e, o pior de tudo sem saber ler, porque não sabem escrever.

Tenho acompanhado aqui na lista a disponibilização de alguns cursos, como por exemplo, o de GPS, vejo isso com bons olhos, pois o conhecimento não está muito distante. Tenho me preocupado a verificar a qualidade da informação que tem sido passada até pelo telecurso (1º e 2º graus). Lembro que quando preparei algumas aulas sobre técnicas de coleta de dados, inicialmente me baseei em Tropmair, porém, aquisição de dados foi necessário buscar uma fita do telecurso para que os alunos pudessem ver como é que poderia se medir a altura de uma árvore utilizando o teorema de Pitágoras; outra vez a medição da largura de um rio, e assim por diante. Bem, como venho de bairro operário com dificuldades de ascensão ao conhecimento, procuro não desperdiçar o tempo.

Os questionamentos feitos tem um caráter crítico, porém não os vejo como conservador do status quo, pelo contrário passam a fazer parte do acervo que não permitirá que caiamos na indústria cultural dos títulos, aliás isso hoje já é uma realidade vivida, pois o maior patrimônio que hoje se adquire com o ensino não é o saber e sim o título que se está adquirindo.

S. V. (Mensagem nº 40.331)

65

#### **CABEÇALHO**

De: "M.K."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 23 de Outubro de 2006 10:10 am

Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

#### **MENSAGEM**

Impressionante aqueles que pregam uma educação de números, e acham que números são qualidades. Continuem imaginando a educação quantitativa ao invés de qualitativa, é impressionante.

Aos quem não tem um mínimo de conhecimento sobre os cursos temos aulas no campo presencial, e outra já tivemos ok??? Isso agora qualifica o curso? ter aula presencial é sinônimo de um excelente curso, ótimo essa imaginação. No fundo é bom, muito bom!!! (Mensagem nº 40.338)

66

#### **CABEÇALHO**

De: "F.R."

Para: "Lista"

Data: Terça, 24 de Outubro de 2006 9:42 pm

Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

#### **MENSAGEM**

Realmente um absurdo!

Se o caso fosse formar turmas de geógrafos, em caráter emergencial, dada a procura por estes profissionais que ocasiona a grande escassez de mão-de-obra, eu concordaria com a abertura de um curso à distância. No entanto, curso à distância no Brasil virou desculpa para o cidadão "estudar" sem ter que ir a escola. Sinceramente, acho ridículo até mesmo turma de ensino à distância de magistério em grandes centros urbanos. Afinal de contas, à distância do quê? Da qualidade? Do compromisso?

O ensino no país já virou, há muito tempo, um descalabro, com uma proporção enorme de pessoas que passam longos anos na escola para não aprender coisa alguma, ou ainda, menos da metade do que deveriam ter aprendido.

O ensino à distância, que deveria ser tratado com seriedade, não passa de uma bizarrice, onde os lugares realmente distantes ficam sem vagas, e os grandes centros cheios de tele-salas. Essa é a ideologia da educação a qualquer custo. A desculpa para pagar honorários para os professores que tiram proveito desta situação. Que não são baratos, diga-se de passagem.

Abraços.

F.R. (Mensagem nº 40.383)

67

### **CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Quarta, 25 de Outubro de 2006 3:29 am

Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

### **MENSAGEM**

F.R.,

Não sei se a sua idade, portanto não sei se você vivenciou o que aconteceu com a Geografia no período pós-64: inventaram os Estudos Sociais, misturando tinturas de conhecimentos de Geografia, História e Sociologia. Era para ser uma Área de Estudos, mas acabou sendo Licenciatura curta em Estudos Sociais, que depois virou plena em Estudos Sociais. Também apareceu o Bacharelado em Estudos Sociais e, por fim, tais cursos foram "plenificados" para Geografia ou História.

Quanto ao Programa de Qualificação Docente - nas férias e/ou finais de semana -, este deveria ser direcionado para regiões distantes do interior, onde não existisse Licenciatura presencial em Geografia. Todavia, ele também existe atendendo "clientelas" dos grandes centros urbanos. Agora está para acontecer o Bacharelado à distância em Geografia. Quais devem ser seus objetivos?

Por mais justificável que seja, estará banalizando a formação de Bacharéis em Geografia no Brasil.

O Estágio Curricular é obrigatório por Lei e pelas Diretrizes Curriculares. Sinceramente, não será fácil as empresas oferecerem Estágios Curriculares para Bacharéis formados à distância. Ratifico que o desprestígio da profissão de Geógrafo vai aumentar, assim como a exclusão de Geógrafos do mercado de trabalho. O pior de tudo, é que nós já sabemos, previamente, como vai acabar acontecendo.

Um triste abraço

S.V. (Mensagem nº 40.396)

68

### **CABEÇALHO**

De: "F.R."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 30 de Outubro de 2006 12:44 am

Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

### **MENSAGEM**

Caro S.V.:

Acredito que em essência dissemos a mesma coisa: que o ensino a distância de bacharelado em geografia é um absurdo. A propósito, aqui no Paraná existe um negócio chamado IESDE, que trabalha com ensino a distância. Um dos seus grandes focos de atuação é Curitiba. Existem algumas "Instituições de Ensino" que se especializam em abrir telessalas no centro da cidade. Funciona assim: o IESDE fornece as carteiras, a televisão, o vídeo cassete, e a escola recebe o equivalente a R\$50,00 por aluno. Suas despesas são o aluguel, a luz, água, e outras despesas. No entanto, conheci uma que trabalha sem alvará, sem atender sequer as normas mínimas de segurança, tais como extintores de incêndio, saídas de emergências, etc. Os cursos variam de R\$150,00 a R\$300,00 por mês. Aí eles contratam alguém que tenha curso superior, que pode ser do IESDE mesmo, e pagam para o cidadão um determinada quantia por mês, que pode ser até R\$20,00 por aluno adimplente. Esse tutor se encarrega de corrigir provas e trabalhos, de todas as disciplinas, fazer a chamada e preencher os relatórios de notas. Ainda "tira dúvidas" de alunos sobre os temas. O salário oscila em torno de R\$120,00 a R\$500,00 por turma.

Há também a possibilidade dele ser contratado diretamente pelo IESDE, e aí o salário é fixo, independentemente de adimplência ou não. No entanto, ele fica responsável pela cobrança dos alunos. Essa modalidade de ensino, do IESDE, faz relativo sucesso, já que o tal sistema não para de crescer pelo país. Forma professores despreparados, pois a exigência de estágio é facilmente escamoteada, as provas são feitas sem rigor, de modo

facilitado, e a aprovação fica em torno de 100%. A única coisa que impede que todos se formem é a tal da evasão já que muitos não conseguem terminar o curso.

Obviamente, que quando o curso é ministrado por instituições como a UFMG, a seriedade do curso deve ser maior. Os controles e o rigor também. No entanto, não é o curso da UFMG que será massificado. São as video aulas dos IESDE's da vida. Além de ser um desrespeito pelos alunos, esses cursos representam uma precarização do trabalho. Há prefeituras que se abstém de abrir um curso regular e passam a oferecer as telessalas, pois o custo é compensador. Isto é, um terceirização de péssima qualidade do ensino. O IESDE trabalha com material didático, mesmo em cursos de nível superior, e dada a característica das vídeo aulas, imagina-se o nível de debate que se atinge nas aulas. Falo desta instituição porque quando era recém casado e estava completamente duro, fazia um "bico" nessa instituição. Felizmente durou pouco tempo, menos de cinco meses, quando consegui um aumento de carga horária no meu outro emprego. A situação é humilhante, mas centenas, talvez milhares de professores se submetem a essa palhaçada. Quem ganha com isso é a instituição, que fatura uma boa grana, e os professores que gravam as vídeo aulas, que tiram uma boa grana também. Ao longo de 8 anos, as apostilas e as vídeo aulas empregadas pelo IESDE eram exatamente as mesmas, sem qualquer atualização de conteúdo. Essa instituição ainda existe, e além do Paraná, atua no centro-oeste, e se não me engano em outros regiões também. Eles são o oposto do ensino de qualidade. Eles são o ápice da massificação do ensino. Eles representam a degradação da inteligência da nação, que já não é lá essas coisas.

Um abraço.

F.R. (Mensagem nº 40.482)

---

**69**

**CABEÇALHO**

De: "S.V."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 30 de Outubro de 2006 8:41 pm

Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

**MENSAGEM**

F.R.

Ótimo depoimento!

O ensino à distância, devido ao grande quantitativo de Alunos e ao pequeno quantitativo de Professores, envolvidos, além queda da qualidade, deverá inviabilizar muitos Bacharelados de instituições particulares e, conseqüentemente, aumentar o desemprego.

Um abraço

S.V. (Mensagem nº 40.493)

---

**70**

**CABEÇALHO**

De: "E.V.S."

Para: "Lista"

Data: Segunda, 30 de Outubro de 2006 9:25 pm

Assunto: Re: Bacharelado à distância da UFMG

**MENSAGEM**

Se já era preocupante a situação dos Bacharéis em Geografia no Brasil, agora acaba de piorar. Assim desta forma, falta organização dos profissionais (Bacharéis em Geografia), assim sendo, deveríamos formar uma entidade de classe como por exemplo, um Conselho Nacional da nossa profissão. (Mensagem nº 40.495)

---